



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**CONSTRUÇÃO E SENTIDOS DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS ESCOLARES
SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI: O CASO DOS LIVROS DIDÁTICOS
ADOTADOS EM NAZAREZINHO – PB NA DÉCADA DE 2010**

ANTONIO MARCOS DE LIMA

CAJAZEIRAS – PB

2023

ANTONIO MARCOS DE LIMA

**AS NARRATIVAS DIDÁTICAS SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI PRESENTE
NAS ESCOLAS DE NAZAREZINHO – PB: UMA ABORDAGEM DE ACORDO COM
O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO – PNL D 2010
– 2020**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Camila Corrêa e Silva de Freitas

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

L732c Lima, Antônio Marcos de
Construção e sentidos das narrativas históricas escolares sobre a guerra do Paraguai: o caso dos livros didáticos adotados em Nazarezinho-PB na década de 2010 / Antônio Marcos de Lima. - Cajazeiras, 2023.
91f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Corrêa e Silva de Freitas.
Monografia (Licenciatura em história) UFCG/CFP, 2023.

1. Guerra do Paraguai. 2. Narrativas didáticas. 3. Livros didáticos
4. Educação - Nazarezinho-Paraíba. I. Freitas, Camila Corrêa e Silva de.
II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU- 94(81).067

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

**CONSTRUÇÃO E SENTIDOS DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS ESCOLARES
SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI: O CASO DOS LIVROS DIDÁTICOS
ADOTADOS EM NAZAREZINHO – PB NA DÉCADA DE 2010**

Aprovado em ___/___/___

Professora Dr^a. Camila Corrêa e Silva de Freitas (Orientadora)

Professor Dr. Israel Soares de Sousa (Examinador interno)

Professor Ms. Isamarç Gonçalves Lôbo (Examinador interno)

Professora Dr^a. Rosemere Olimpio de Santana (Examinadora suplente)

CAJAZEIRAS – PB

2023

Dedico esse trabalho a meu pai Francisco Ferreira de Lima (in memoria). A minha mãe, minhas irmãs e meus irmãos – Família.

AGRADECIMENTOS

Aos deuses.

Reservo este primeiro parágrafo para fazer uma homenagem à área do conhecimento e a pessoa que ensinou-me o b-a-bá. Assim, agradeço à Pedagogia por ser à base da escolarização de qualquer sujeito. Aproveito o espaço e agradeço a pedagoga Sandra Alves Lins Pedrosa por sua dedicação, empenho, compromisso, carinho e amor pela profissão e para comigo desde que tivemos contato a partir dos anos 2000. Aqui deixo um singelo e acalentado agradecimento por sua vultosa contribuição no que tange minha escolaridade. De uma coisa tenho certeza, seus ensinamentos e sua atuação frente a qualquer obstáculo jamais serão esquecidos por seu eterno aluno e amigo. Muito obrigado! A ti, gratidão, à prática pedagógica que tivestes durante os anos em que esforçou-se para preparar minimamente centenas de indivíduos para o mundo, minha eterna admiração e o meu mais profundo respeito.

A Francisco Ferreira de Lima (*in memoriam*) por ser aquela pessoa que não contava esforços para fazer a mim e aos meus irmãos e irmãs caírem em gargalhadas com suas histórias nos momentos em que estivéssemos juntos. A pessoa capaz de parar o vento para poder fazer algo por nós sem pedir algo em troca. Ao pai e amigo que não conhecia limites quando o assunto era seu lar e sua família. Ao parceiro das tardes de domingo para ver o jogo de seu time do coração (flamengo). Ao professor que não necessitou de um diploma para ensinar-me as lições mais valiosas que levarei para sempre.

Ao guerreiro que não abatia-se com o cansaço diário e sempre às 04h:30min estava preparando o café para que eu o tomasse antes de ir pegar o ônibus a fim de chegar na Universidade. Ao pai que hoje descansa seu espírito ao lado das forças divinas que regem sobre a vida. Saudades eternas de seu filho que tinha pretensão de que estivesse comigo no momento de minha formatura, pois esta não é apenas minha, ela é e sempre será sua também, pois de todos e todas que estiveram e ainda estão ao meu lado, foi o senhor, meu pai, que todos os dias quando eu saía de casa realizava suas orações para que nada de ruim viesse acontecer comigo.

À Tereza Dauxira de Jesus (*in memoriam*), grande avó, mãe e amiga que repousa no jardim da vida e divide alegrias com os seus que já partiram. Não esquecerei jamais de suas risadas, conselhos e sermões. Saudades eternas de seu neto que te ama incondicionalmente. De onde quer que estejas sei que por mim estás olhando. Os esforços que fizeste para que eu estivesse onde estou hoje jamais serão esquecidos. Preciso dizer que “de todo amor que tive, metade foi tu que me deu” - trecho da música Dona Cila de Maria Gadú.

À minha mãe Maria Alves de Lima por não conhecer a palavra limites quando era e é necessário fazer algo para proteger sua família. Mais que mãe, é e serás sempre motivo de respeito, admiração e força. Cada ensinamento que aprendi contigo será colocada em prática, pois, se tem uma lição que carregarei comigo é que, nenhum conselho de mãe por menor que pareça deve ser ignorado. Assim como meu pai foi um professor em minha vida, este papel ele dividiu contigo. Obrigado por cada palavra e por ter feito “das tripas coração” para que eu pudesse permanecer na Universidade com meu objetivo traçado. Suas ações jamais serão esquecidas e, se hoje estou aqui escrevendo estes agradecimentos é porque grande parte da motivação veio do meu lar, do meu pedaço de mundo. A ti, amor e admiração sempre!

Reservo este espaço agora para falar de meus irmãos. Como falar deles sem que para isto eu acabe deixando a extensa obra de Victor Hugo (*Os Miseráveis*) parecendo uma edição de bolso? Missão difícil, mas tentarei demonstrar em poucas palavras o que sinto. A Raimundo Adriano (Delé) meus agradecimentos por ser exatamente assim como és, uma pessoa tranquila que parece não conhecer o estresse que habita em cada pessoa. Teu jeito calmo exala boas energias. Sou grato por tê-lo como irmão, a ti, um abraço de que o ama muito. Aproveitando o espaço, deixo aqui também meus agradecimentos a sua companheira, prima, amiga e cunhada querida, (Telma) obrigado por existir. Às minhas sobrinhas Benedita e Maria Clara que me chamam de bobo, abraços.

A minha irmã Maria Edilma Matias Alves (Dilma) que mais parece uma mãe para mim por causa de seu cuidado, carinho e zelo que tens para comigo. Quando estou ao seu lado sinto-me inteiramente protegido, pois teu dom natural da maternidade grita sempre mais alto que qualquer outra coisa. Obrigado por todo apoio, carinho e acolhimento que sempre tiveste. Vejo inúmeras qualidades em você e tenho um amor imenso pelo que és. Agradeço também ao meu cunhado João Batista por está ao seu lado sempre. Claro que não poderia esquecer-me da minha sobrinha/irmã Kaline. Temos uma energia muito boa quando estamos juntos, acho que seríamos capazes de fazer a própria tristeza cair em gargalhadas. Amo vocês!

Aqui vai um singelo agradecimento a José Carlos de Lima por ser uma pessoa de grande coração. Admiro-te demais e sou grato por fazer parte da mesma família que você. Seus conselhos fizeram e farão parte de toda minha vida, pois tu na condição de irmão realizou também o papel de um pai. A minha cunhada Nega, agradeço por fazer parte da história de minha família.

Presto aqui também agradecimentos a Maria de Fátima por ser uma irmã que qualquer pessoa desejaria tê-la por perto. Teu instinto materno cativa todos em sua volta. Obrigado por cada palavra, pelo apoio que sempre me deu sem vocês eu não seria ninguém e com vocês ao

meu lado sei que posso ir longe. Agradeço também a Francisco George, Jocerlan e Leucilândia por serem parte de minha vida e de minha história. Tenho um apreço imenso por cada um de vocês. Cada um com seu jeito é capaz de cativar qualquer um. A vocês, meus pais, avós, irmãos e irmãs deixo meus mais respeitosos agradecimentos por sempre estarem ao meu lado.

Às minhas primas e irmãs, Simone de Lima Silva e Erica Lima agradeço por cada conversa que tivemos sobre os mais variados assuntos. De todos os meus sonhos sempre achei que a graduação não seria realizada por inúmeras dificuldades que tive, mas vocês sempre depositaram credibilidade de que um dia estaria eu escrevendo seus nomes nos meus agradecimentos do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Obrigado por todo apoio, carinho, risadas e superação das angústias que vivemos. (Erica, cheguei lá, “hasta la victoria, siempre”).

Acho que aqui chega uma das melhores e mais complicadas partes destes agradecimentos, pois grandes amigos, amigas, irmãs e irmãos apareceram. Preciso dizer que ao longo do caminho muitas foram as pessoas que passaram em minha vida, muitas delas marcaram, mas igual a vocês, ninguém havia sido ridiculamente tão marcante. Começar com meus amores do Clube das Winxs: Jainnara Alves, Abimael – Caim; Romário – Capitão e Marcos Vinícius – Marquês de Pombal. Não tenho nem palavras que possam expressar o grande amor que tenho por vocês. Vários dos momentos mais alegres que tive na Universidade, foram divididos com vocês. Foi lindo discutir conteúdos das provas de América II com vocês nos corredores do CFP, na Biblioteca Setorial ou à mesa de um bar. Agradeço por fazerem parte da minha vida. A Jonas Alexandre por cada momento dentro e fora da sala de aula.

Aos meus amigos da Residência Universitária Masculina – RUM – CFP UFCG os de longa data e os que chegaram recentemente, mas que não pediram licença e me fazem chorar sempre que lembro de minha partida do CFP. A Aline Vieira Fernandes por cada risos e perrengues. A Odoniel Bernardo, amigo e colega de curso; a Yslan pelas vezes em que fechamos os blocos de aula e fomos às ruas protestar, sobretudo contra o desgoverno que superamos nos últimos anos. Aos meus amigos do quarto 7, Diego – a Rainha de Ferreiros – PE; ao Adsson por cada momento; ao Adriano Freitas, um ser iluminado, grato por ter conhecido vocês. A Iolanda, uma pessoa maravilhosa a quem tenho um grande carinho. Agradeço também a Daniela Bernardo por ter aparecido em minha vida e em tão pouco tempo conseguir ser eterna. A Laiza Melo – vulgo alambique, a pessoa do riso mais estridente que conheci. A Francisco Pereira, uma pessoa presente. Aos outros colegas de sala, de outras

turmas de História e de outros cursos que dividiram comigo esse sonho. Às amigas que não imagina fazer aqui neste Universo.

Estes agradecimentos são, em particular, mais que especiais, são necessários. Aos meus “irmões” do quarto 14: Emanuel Lucas – o cão, uma pessoa a qual construí para além da relação acadêmica, um laço para toda a vida. A João Paulo Barbosa Silvestre – Janga, por ter sido exatamente quem foi, um ser incrível de um coração maravilhoso. Você estará sempre comigo e espero em breve poder partilhar contigo sobre suas conquistas. A meu amigo e irmão José Walber Vieira de Oliveira que juntamente com João Paulo me acolheram na irmandade 14 e somaram em minha vida. A ti, Walber, meu mais genuíno obrigado. Obrigado por cada momento de risos e choros que passamos. Tenho uma admiração imensa por você e não esquecerei de cada momento que passamos juntos. Não tenho condições de colocar em poucas palavras a pessoa incrível que és, por isso, obrigado por tudo. Se minha jornada foi longa, tenham certeza que vocês fizeram-na marcante, cada um/uma a seu modo.

Aos servidores terceirizados que conheci nos anos em que fui graduando, em especial, a Leyde, grande pessoa de um coração enorme que tenho como uma amiga muito querida. Tenho grande estima por ti, obrigado por tudo. Aos efetivos e técnicos admirativos que conheci, Zizi, um forte abraço! A equipe da Coordenação de Apoio Estudantil – CAE por ter a função de representar o corpo discente (residentes), apesar de tanta burocracia e protocolos, saudades dos Tickets. Ao pessoal do Restaurante Universitário – RU pelo trabalho realizado e, pelos sorrisos e simpatias que emanavam.

Aos professores que tive e que acabaram me marcando de alguma forma nesta caminhada: Rodrigo Ceballos pelas discussões acalentadas sobre História da América; a Viviana Gomes por ser simplesmente uma pessoa incrível e uma professora que dispensa apresentações, obrigado pelos ensinamentos; a Israel Soares pelas trocas de conhecimentos em sala durante as cadeiras de Ensino de História, pelos momentos durante a XII Semana Nacional de História; ao professor Francisco Firmino Sales Neto por cada momento como aluno e como monitor das cadeiras de Projeto de Pesquisa III e IV; ao professor Isamar Gonçalves por partilhar conhecimentos e risadas durante e após as aulas, um forte abraço. E finalmente, a professora e orientadora Camila Corrêa e Silva de Freitas, professora e orientadora por ter aceitado o convite para me orientar e me ajudar com seus ensinamentos durante esta fase que é um desafio e tento, a escrita da tão esperada e por vezes temida, Monografia.

“A história é émula do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro.”

(Miguel de Cervantes)

RESUMO

A Guerra contra o Paraguai como comumente é denominada pela historiografia brasileira foi um conflito armado ocorrido na América do Sul que envolveu a Tríplice Aliança compostas por: Brasil, Argentina e Uruguai contra a República do Paraguai entre 1864 – 1870. Este conflito modificou as tramas políticas e sociais dos países participantes. O discurso dos vencedores encontrou desde o fim da contenda os mais variados caminhos para garantir sua reverberação, e um deles é a escrita escolar. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho busca identificar a forma como o conhecimento escolar acerca da Guerra do Paraguai foi construído por meio das narrativas históricas escolares. Para tanto, levou-se em consideração como fontes os Livros Didáticos adquiridos por três escolas da rede Básica de Educação na cidade de Nazarezinho, Paraíba de acordo com a distribuição realizada pelo Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) entre os anos de 2010 a 2020 que foram direcionados a turmas de 8º e 2º anos do Ensino Fundamental, anos finais e Ensino Médio, respectivamente. Os objetivos específicos desta pesquisa procuraram contextualizar o conteúdo Guerra do Paraguai, tendo os manuais didáticos como ferramentas de construção e reprodução dos saberes históricos, uma vez que as (os) alunas (os) atuam têm contato diário com este recurso, tornando-os nesse processo como principais receptáculos no processo de Ensino e Aprendizagem. Discutiu-se também os desafios que as (os) docentes enfrentam no ambiente escolar cotidianamente no que tange a composição dos manuais didáticos. A metodologia aqui adotada parte de um estudo retrospectivo em caráter qualitativo direcionado para o *Corpus* documental aqui analisado, e com isso, observou-se que de acordo com as narrativas didáticas identificadas, apesar de apontarem em algumas ocasiões novos usos para as fontes históricas, ainda apresentam-se limitadas no que tange seus usos em sala de aula, o que reduz a assimilação e a construção dos conhecimentos sobre o conflito Platino, ao passo que não contribuem enfaticamente para a formação de sujeitos críticos e participativos.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai; Narrativas Didáticas; Livros Didáticos.

ABSTRACT

The War against Paraguay, as it is commonly known in Brazilian historiography, was an armed conflict fought in South America that involved the Triple Alliance composed of: Brazil, Argentina and Uruguay against the Republic of Paraguay between 1864 - 1870. This clash changed the political plots and social aspects of the participating countries. Since the end of the dispute, the discourse of the successful ones has found the most varied ways to ensure its reverberation, and one of them is school writing. Based on these theoretical assumptions, the present work seeks to identify the approach in which school knowledge about the Paraguayan War was constructed through historical narratives in the school. For this purpose, it was taken into account as sources of Textbooks acquired by three schools of the Basic Education network in the city of Nazareinho, Paraíba, according to the distribution carried out by the National Book and Teaching Material Program (PNLD) between the years of 2010 to 2020, which were aimed at classes in the 8th and 2nd years of Elementary School, and final years and High School, respectively. The specific objectives of this research sought to contextualize the Paraguayan War subject, with the possession of didactic manuals as tools for the construction and reproduction of historical knowledge, once the students are in contact, in a daily basis, with this resource, making them in this process as main receptacles in the Teaching and Learning process. It was also discussed the challenges that teachers face in the school environment regularly with regard to the composition of didactic manuals. The methodology adopted here is part of a retrospective qualitative study directed to the documentary Corpus analyzed here, and with that, it is observed that according to identified didactic narratives, despite observing on some occasions new usages for the historical sources are still presented in a limited way in terms of its usages in the classroom, which reduces the assimilation and construction of knowledge about the Platine conflict, while it did not emphatically contribute to the formation of critical and participatory subjects.

Keywords: War of Paraguay; Didactic Narratives; Didactic books.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Livro Didático *História, Sociedade e Cidadania* 8º ano Ensino Fundamental II.

Figura 2: Causas para a eclosão da Guerra do Paraguai.

Figura 3: Livro Didático *História, Sociedade e Cidadania* 2º ano.

Figura 4: Trecho do livro didático analisado.

Figura 5: *Araribá Mais História* 8º ano Ensino Fundamental II.

Figura 6: Livro didático *Para Viver Juntos História*.

Figura 7: Livros Didático *Estudar História: Das origens do homem à Era digital* 1ª edição..

Figura 8: Conteúdo a Guerra do Paraguai.

Figura 9: Motivo pela eclosão do conflito.

Figura 10: Livros Didático *Estudar História: Das origens do homem à Era digital* 2ª edição.

Figura 11: Livro Didático *História Das Cavernas ao Terceiro Milênio* 3ª edição.

Figura 12: Livro Didático *História Das Cavernas ao Terceiro Milênio* 4ª edição.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Livros Didáticos adotados na escola Maria do Carmo Pedroza Mendes.

Tabela 2: Livros Didáticos adotados na escola Manoel Mendes.

Tabela 3: Livros Didáticos adotados na escola Francisco Augusto Campos.

Tabela 4: Materiais didáticos selecionados para análise comparativa.

Tabela 5: Critérios adotados para as análises nos manuais didáticos selecionados.

LISTA DE SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular.

IFPB – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba.

CFP – Centro de Formação de Professores.

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático.

FTD – Editora FTD.

LDH – Livro Didático de História.

LD – Livro Didático.

EFAF – Ensino Fundamental Anos Finais.

EM – Ensino Médio.

SD – Sem Data.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I – O LIVRO DIDÁTICO E AS NARRATIVAS SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NO BRASIL DO SÉCULO XXI	24
Do objeto.....	24
O livro didático como instrumento ideológico – práticas e desafios em sala de aula	26
Guerra do Paraguai e guerras de narrativas em manuais didáticos de História – PNLD 2020	34
Análises das obras mais distribuídas pelo PNLD – 2020	38
<i>História, Sociedade e Cidadania</i> – 2018	38
<i>História, Sociedade e Cidadania</i> – Ensino Médio – PNLD 2018	40
CAPÍTULO II – HISTORIOGRAFIA ACADÊMICA E ESCRITA ESCOLAR BRASILEIRA DO SÉCULO XXI SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI	44
A produção do conhecimento científico brasileiro acerca da guerra do Paraguai na contemporaneidade	45
A relação entre conhecimento escolar e historiografia acadêmica	60
CAPÍTULO III – NARRATIVAS ESCOLARES SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI EM LIVROS DIDÁTICOS ADOTADOS EM NAZAREZINHO – PB 2010 – 2020	64
Alguns apontamentos.....	64
Materiais Analisados.....	66
O saber escolar sobre o conflito platino no Ensino Fundamental II – obras analisadas .	68
<i>Araribá Mais História</i> – 2018	68
<i>Para Viver Juntos História</i> – PNLD 2011 – 2013.....	70
<i>Estudar História – Das Origens do Homem à Era Digital</i> – PNLD – 2014 – 2016.....	72
<i>Estudar História – Das Origens do Homem à Era Digital</i> – PNLD anos 2017 – 2018 – 2019	75
O saber escolar sobre o conflito platino no ensino médio – obras analisadas.....	76
<i>História: Das Cavernas ao Terceiro Milênio (Da Conquista da América ao Século XIX)</i> .	76
<i>História: Das Cavernas ao Terceiro Milênio (Da Conquista da América ao Século XIX)</i> .	79
Análise comparativa das obras.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS	87
Obras analisadas	91

INTRODUÇÃO

Se a História é mestra da vida como já apontava o senador e orador romano, Cícero, ela nos permite viajar por diferentes períodos da vida humana, possibilitando um conhecimento sobre diferentes regiões do passado, pode também omitir certos aspectos desse mesmo tempo quando escrita seguindo interesses de seu tempo. Os historiadores possibilitam a escrita, a lembrança e o esquecimento sobre os temas históricos quando produzem historiografia. Assim sendo, destacamos aqui um conflito que ocorreu durante o Segundo Reinado do Brasil. A guerra do Paraguai ou Guerra contra o Paraguai foi um conflito que envolveu Argentina, Brasil e Uruguai contra o Paraguai durante os anos de 1864 – 1870.

O conhecimento histórico e escolar sobre ela vem sendo moldado por diferentes correntes interpretativas há mais de 150 anos. Dito isso, esta pesquisa tem por finalidade realizar uma análise comparativa acerca da forma como a Guerra do Paraguai enquanto conhecimento histórico escolar vem sendo construído através da historiografia escolar no século XXI, tendo para tanto, os livros didáticos como principal ferramenta de perpetuação e transformação do saber escolar. Antes de explicar o percurso metodológico aqui tomado para a realização desta monografia, vale salientar os motivos para que esta pudesse ser construída.

O tema Guerra do Paraguai em uma perspectiva escolar está direcionado de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC para turmas de 8º e 2º anos do Ensino Fundamental – anos finais – e Ensino Médio, respectivamente. Entretanto, o que ocorre em sala de aula muitas vezes separa teoria da prática, todavia os conteúdos que deveriam ser apresentados não os são. Com essa premissa, destaco que ao começar estudar História enquanto componente curricular – disciplina escolar – tive em primeiro momento a preocupação em poder alcançar boas notas para poder passar durante os bimestres. Afinal de contas, parece que na escola o que vale mais é uma boa nota, ao invés daquilo que de fato você conseguiu assimilar de determinado conteúdo.

As expectativas para o 8º ano eram grandes, pois se tratava do penúltimo ano escolar antes de ingressar no Ensino Médio. Tanto é que só foi percebida a ausência do assunto Guerra do Paraguai quando já não se tinha mais tempo para estudá-lo naquele momento. Situação semelhante ocorreu no tão esperado Ensino Médio, ainda mais por ir cursá-lo em um Instituto Federal – IFPB – Campus Sousa – Unidade São Gonçalo, o que era esperado com ansiedade. Nesta ocasião, o conteúdo Guerra do Paraguai também foi omitido durante o período em que cursei o 2º ano. O que no momento não era algo que provocasse espanto haja

vista que não conhecia nem o conflito em sua dimensão político-social-econômica, tão pouco na forma de um conhecimento escolar.

A partir de conversas com um ex-professor de História, e amigo, adquiri o desejo em ter um maior contato com este tema ora silenciado durante a Educação Básica. A partir disso, conheci um pouco mais das pesquisas sobre o assunto por ele realizadas. De imediato observando certas ausências, regressei ao passado, figuradamente falando, e percebi que não me fora apresentado o assunto Guerra do Paraguai durante o processo básico de Ensino e Aprendizado. Desse momento em diante tomei as rédeas que direcionava ao tipo de conhecimento escolar que me era oferecido e procurei saber mais sobre esta guerra, onde ao lado da Argentina e do Uruguai, o Império do Brasil logrou êxito em sua campanha contra o Paraguai de Francisco Solano López.

As pesquisas a respeito desse tema começaram a tomar forma a partir do ingresso no curso de Licenciatura plena em História iniciado em 2018 no Centro de Formação de Professores – CFP da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Neste percurso algumas disciplinas foram importantes, como por exemplo, as cadeiras de Projeto de Pesquisa I, II, III, e IV, em especial a de Projeto de Pesquisa I, pois foi onde se fundamentou o assunto como temática de pesquisa. As cadeiras de História do Brasil, com atenção para Brasil II e os componentes curriculares de História da América, em especial América II, também foram significativas.

As discussões nelas realizadas serviram para conhecer e ter aprendizados sobre a formação das nações latino-americanas, desde sua colonização aos processos de independências. O que quando discutido em sala de aula deve levar à construção do conhecimento histórico sobre este continente. E nesse interim, o Projeto de Pesquisa I foi de suma importância, pois é a partir dele que os contornos de minha pesquisa começaram a surgir quando decidi investigar mais sobre a Guerra do Paraguai, trazendo-a para o campo do Ensino de História. Uma vez que a este está imbricado a função educativa com um papel formativo no que tange os espaços da cultura e política bem como, direciona a construção da cidadania nos diferentes cenários de produção dos conhecimentos (SILVA; FONSECA, 2010).

Vale lembrar que é por meio do Ensino de História que estudantes de todo Brasil têm contato com os mais variados conteúdos históricos. Tendo para tanto os livros didáticos, que assumem em grande medida o papel de mediador principal na relação ensino e aprendizagem. Assim, esta ferramenta assume um fundamental lugar no que tange o aprendizado acerca do passado. Há que se lembrar nesse sentido do que nos ensinou Maria Auxiliadora Schmidt

(1998) quando em relação ao que se espera dos professores no ambiente escolar. Chamando atenção para a atuação do docente em História, ela nos mostra que:

É no espaço da sala de aula que professores e alunos de História travam um embate, em que o professor, novidadeiro do passado e da memória, sente-se com a possibilidade de guiar e dominar em nome do conhecimento. Mas ao mesmo tempo, ele se sente como igual e completamente aberto aos problemas e projetos dos seus alunos (SCHMIDT, 1998, p. 56).

Desse modo, há que se perceber que, durante o processo de escolarização, por mais que os (as) professores estejam ali, com sua formação acadêmica, muitas são as situações nas quais a própria graduação não o prepara para agir. Trabalhar com o manual didático requer uma atenção especial, afinal de contas é por meio dele que em grande medida se constrói o saber escolar sobre o passado. Dito isso, a pesquisa apresenta a metodologia aqui adotada. Esta diz respeito à realização de análises comparativas de diferentes manuais didáticos distribuídos pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD ¹entre os anos de 2010 e 2020, e usados em três escolas da rede básica de Educação de Nazarezinho – PB.

Partindo disso, vale salientar que diversificadas são as discussões que propõem apresentar diferentes explicações sobre o que foi o conflito Guerra do Paraguai. No entanto, destaca-se que a respeito disso tem-se que a escrita sobre esta guerra girou em um primeiro momento em torno dos feitos dos grandes homens, dos grandes heróis, fazendo esta visão ficar no discurso didático até os anos 1980-90. Entretanto, ao procurar abordar este conflito em uma perspectiva didática, esta pesquisa voltou-se à forma com os manuais escolares construíram e constroem o saber histórico sobre o tema em tela.

Assim sendo, para problematizar as historiografias escolares predominantes sobre a Guerra do Paraguai na década de 2010 em Nazarezinho - PB, realizaram-se análises acerca da forma como o conhecimento escolar sobre este conflito esteve presente nas escolas da cidade durante a década de 2010 através dos livros didáticos de História adotados pelas mesmas. Para tanto, levou-se em consideração a aquisição das obras de acordo com o PNLD da última

¹ O programa Nacional do Livro e do Material didático – PNLD trata-se de um conjunto de diretrizes básicas que procura estabelecer regras para a compra e distribuição dos livros didáticos e outros materiais didáticos em âmbito nacional. Unificado a partir do decreto 9.099 de 18 de Julho de 2017 ele garante que os recursos didáticos cheguem às escolas de todo Brasil de forma gratuita com intuito de proporcionar um melhor cenário para o desenvolvimento das práticas educativas e de construção de conhecimentos. Cabe pontuar que a preocupação acerca da existência de um programa nacional que atendesse minimamente às necessidades do fragilizado setor educacional brasileiro, data desde o final dos anos 1920.

década, como mostram as (tabelas 1, 2 e 3) a seguir. É possível observar também nas tabelas o campo de atuação desta pesquisa, ou seja, as escolas da rede básica de educação, localizadas na cidade de Nazarezinho – PB. A tabela (1) mostra os manuais didáticos adotados na escola municipal Maria do Carmo Pedroza Mendes, enquanto as tabelas (2 e 3) mostram os livros que foram adquiridos pelas escolas de esfera estadual Francisco Augusto Campos e Manoel Mendes, respectivamente.

Tabela 1: Levantamento dos manuais escolares de História destinados ao 8º ano da **E.M.E.F. Maria do Carmo Pedroza Mendes** de acordo com o Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) entre os anos de 2010 – 2020.

PNLD/ANO	MANUAL DIDÁTICO ADQUIRIDO
2010	Projeto Araribá
2011	Projeto Araribá
2012	Projeto Araribá
2013	Projeto Araribá
2014	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2015	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2016	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2017	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2018	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2019	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2020	Inspire História

Fonte: FNDE. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/distribuicaoosimadnet/filtroDistribuicao>.

Tabela 2: Levantamento dos manuais escolares de História destinados ao 8º ano da **E.E.E.F. Manoel Mendes** de acordo com o Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) entre os anos de 2010 – 2020.

PNLD/ANO	MANUAL DIDÁTICO ADQUIRIDO
2010	História, Sociedade e Cidadania.
2011	Para Viver Juntos
2012	Para Viver Juntos
2013	Para Viver Juntos
2014	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2015	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2016	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2017	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2018	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2019	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2020	História, Sociedade e Cidadania.

Fonte: FNDE. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/distribuicaoosimadnet/filtroDistribuicao>.

Tabela 3: Levantamento dos manuais escolares de História destinados ao 8º ano da **E.C.I. Francisco Augusto Campos** de acordo com o Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) entre os anos de 2010 – 2020.

PNLD/ANO	MANUAL DIDÁTICO ADQUIRIDO
2010	História, Sociedade e Cidadania.
2011	Da conquista da América ao Século XIX ²
2012	Da conquista da América ao Século XIX
2013	Da conquista da América ao Século XIX
2014	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2015	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2016	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2017	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2018	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2019	Estudar História: Das Origens do Homem à era digital
2020	História, Sociedade e Cidadania.

Fonte: FNDE. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/distribuicaosimadnet/filtroDistribuicao>.

A cidade de Nazarezinho está localizada a oeste da depressão no alto sertão paraibano. Sua origem está ligada ao Sr. Francisco Lins de Albuquerque que doou um terreno para a construção das primeiras casas perto do serrote do Pico. De acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 2010 sua população conta com 7.280 habitantes com estimativa de 7.271 para o ano de 2021. Ainda de acordo com o IBGE a cidade teve um total de 1.040 estudantes matriculados no ensino fundamental, dividindo-se entre os anos iniciais e anos finais do fundamental. Para o ensino médio, o quantitativo de matrículas chegou a 235 matriculados. Em 2021 a cidade contava com um corpo docente de 63 professores, sendo 52 lecionando no ensino fundamental anos iniciais e anos finais e 11 atendendo ao ensino médio. No que diz respeito aos ambientes que atendem o público do fundamental anos finais existem duas escolas.

A E.M.E.F Maria do Carmo Pedroza Mendes³ e a E.M.E.F Manoel Mendes⁴ atende a modalidade de ensino regular direcionada para o ensino fundamental anos finais. É importante

² Não foi realizada a análise desse manual pelo fato de não tê-lo encontrado tanto em meios digitais quanto na própria escola. Ou seja, nesta escola analisou-se somente dois exemplares dispostos no capítulo três.

³ Esta escola está localizada na zona urbana, Rua Antonio Gino Filho, S/N no Bairro Lindolfo Pires - 58817-000. Sua modalidade de ensino é regular. De acordo com o censo de 2021 esta escola teve um total de 394 matrículas, sendo 388 para o ensino regular e 7 matrículas para a educação especial. As informações sobre o censo escolar estão presentes no site Edu que pode ser consultado no endereço que a seguir: <https://qedu.org.br/escola/25115197-emef-maria-do-carmo-pedroza-mendes/censo-escolar>. Acesso em 01 de fevereiro de 2023.

⁴ A escola está localizada na zona urbana, Rua João Luiz S/N Centro. Apresenta a modalidade de ensino regular e atendendo ao público do ensino fundamental anos iniciais e anos finais. De acordo com o censo escolar que é

destacar que as informações obtidas a respeito dos livros catalogados foram retiradas no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE⁵.

Uma vez apresentado o *corpus* documental que serviu de base para o trabalho, apresenta-se neste instante a metodologia aqui adotada. Desta feita, realizou-se nesta pesquisa um estudo documental, retrospectivo com caráter qualitativo. Para tanto, as análises foram efetuadas em dois momentos. Inicialmente observou-se de modo individual como a Guerra do Paraguai foi discutida em cada obra aqui selecionada. Ou seja, as análises foram direcionadas tanto para os livros apresentados no capítulo um desta monografia, quando se trata dos livros mais distribuídos a nível nacional pelo último PNLD, como também nos manuais adotados em Nazarezinho, PB que estão presentes no capítulo três do trabalho. Este exercício serviu para que fosse possível identificar o tipo de conhecimento que se pretendia mostrar a respeito do tema. Em um segundo momento, e, é aqui onde a pesquisa debruçou-se com maior afinco, procurou-se fazer as análises em um caráter comparativo, a fim de observar e identificar a forma como se construiu o saber histórico por meio da narrativa escolar sobre o conteúdo Guerra do Paraguai presente nas obras analisadas. Quer dizer, a ideia foi tecer discussões, por meio das análises comparativas, sobre a forma como o conhecimento escolar em relação a contenda platina foi construído nos últimos dez anos na cidade de Nazarezinho. A pesquisa está disposta em três capítulos, os quais serão apresentados em seguida.

No primeiro capítulo que está intitulado “**O livro didático e as narrativas sobre a guerra do Paraguai no Brasil do século XXI**”. Neste, articulou-se uma discussão que possibilitou o entendimento acerca dos usos e desafios sobre o Livro Didático por professores e professoras em sala de aula. Compreendendo assim os percursos teóricos e práticos que este recurso tem para a escolarização. Além disso, o capítulo propõe também a apresentação e discussão levando em consideração os livros de História para turmas de 8º e 2º anos mais distribuídos a nível nacional, pelo PNLD – 2020. Os livros dispostos nesta seção foram selecionados tendo em vista que estes apresentam-se de acordo com os dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) como aqueles que atingiram maior distribuição para uso a partir do PNLD de 2020. A construção das análises desses livros neste espaço deve-se a questão de procurar compreender como está sendo realizada a construção do saber histórico em perspectiva didática na contemporaneidade.

aplicado anualmente nas escolas, em 2021 havia 214 matrículas onde 110 pertenciam aos anos iniciais, 104 na etapa final do fundamental II e 10 matrículas na educação especial. Disponível em <https://qedu.org.br/escola/25014960-eeef-manoel-mendes/censo-escolar>. Acesso em 01 de fevereiro de 2023.

⁵ As informações que tratam da distribuição dos livros didáticos de acordo com o PNLD no recorte da pesquisa foram encontradas no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/distribuicaoosimadnet/filtroDistribuicao>. acessado em 02 de fevereiro de 2023.

Posto isso, apresenta-se as obras adotadas neste espaço quem foram: *História, Sociedade e Cidadania* do professor Alfredo Boulos Júnior, 4º edição pela FTD, São Paulo, 2018; *História, Sociedade e Cidadania*, também do professor Alfredo Boulos Júnior, 2º edição também pela FTD, São Paulo, 2016; *Araribá mais história*, 1º. Edição, São Paulo e editado pela Moderna, 2018. A 4º edição do *História, Sociedade e Cidadania*, bem como o *Araribá Mais História* foram destinados para turmas do 8º ano do Ensino Fundamental II. Já a 2º edição do livro de Alfredo Boulos Júnior foi destinada para o 2º ano do Ensino Médio.

O segundo capítulo traz como título, **“Historiografia acadêmica e escrita escolar brasileira do século XXI sobre a Guerra do Paraguai”**. Neste ponto, apresentam-se algumas interpretações da historiografia escolar que foram construídas ao longo dos anos sobre a Guerra do Paraguai, sobretudo a partir dos anos 2000. A intenção é mostrar como as narrativas históricas construíram conhecimentos sobre o tema. O capítulo propõe apresentar a relação entre a produção historiográfica acadêmica e a historiografia escolar sobre a temática. Este momento possibilita a compreensão do saber histórico quando direcionado à produção escolar voltada para milhões de estudantes no Brasil.

O terceiro capítulo trata das análises realizadas na pesquisa e tem por título **“Narrativa escolar sobre Guerra do Paraguai em livros didáticos adotados em Nazarezinho – PB PNLD – 2010 – 2022”**. Neste espaço estão dispostos os manuais didáticos que serviram de fontes para as análises, bem como, apresenta-se uma discussão acerca do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD a fim de compreender sua importância no que tange a distribuição dos manuais escolares que chegam às escolas de todo Brasil. Adiante, tem-se a realização das análises nos livros selecionados em dois momentos, sendo que no primeiro, foi realizado um estudo individual em cada obra. Posteriormente, a investigação amparou-se em um caráter comparativo sobre o objeto de pesquisa.

CAPÍTULO I – O LIVRO DIDÁTICO E AS NARRATIVAS SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI NO BRASIL DO SÉCULO XXI

Do objeto

Cabe colocar que os eventos históricos são interpretados seguindo uma lógica do presente e, é a partir disso que se procura discutir aqui sobre um conflito que ocorreu na América do Sul há mais de 150 anos, no período em que o Brasil ainda era governado por um Imperador. No tocante a isto, destaca-se que durante o segundo reinado aconteceu uma guerra que se estenderia por quase seis anos, tendo como palco os territórios do continente Sul-americano e que marcaria os contornos das vidas durante e após seu término. A guerra do Paraguai, como costumeiramente é denominada pela historiografia brasileira, “[...] é considerada o maior episódio bélico latino americano” (SQUINELO, 2020, p. 243). Nesta contenda estiveram envolvidos diretamente quatro países do continente que disputavam entre outras coisas, o controle da região platina, pois era uma zona de interesse no que diz respeito a livre navegação no Rio da Prata no intuito de escoar suas mercadorias, bem como a demarcação de suas fronteiras – Argentina, Brasil e Uruguai estiveram em beligerância contra o Paraguai. Este episódio de nossa história durou de dezembro de 1864 a março de 1870, estando situado no histórico de embates do segundo reinado brasileiro como o mais enfático no quesito violência e perdas no histórico de batalhas em que o Brasil fez parte. Sobre ele várias são as formas de representações adotadas pela historiografia acadêmica que procuram atribuir significados em relação às causas e consequências. Não obstante, múltiplas também são suas interpretações na construção didática que chegam ao ambiente escolar, tendo como meio direto os Livros Didáticos, sobretudo os da disciplina História (LDH).

Pensando nisso, este capítulo tem como objetivo em um primeiro momento, apresentar uma reflexão sobre o uso do Livro Didático (LD) na construção do conhecimento histórico escolar. Para tanto, autoras como Circe Bittencourt e Selva Guimarães são importantes para que possamos tecer comentários sobre este recurso. Uma vez que esta ferramenta foi vista ao longo dos séculos XIX e XX como instrumento para os pais pode pudessem acompanhar o que estava sendo exposto em sala de aula pelos (as) professores (as) (BITTENCOURT, 2008, p. 309). Será que no século em curso o livro didático serve para além de um recurso que possibilita o contato com os acontecimentos, como uma ferramenta de vigilância daquilo que é discutido em sala de aula? Tentaremos mostrar se tal ação ainda está presente na atual conjuntura educacional do país.

Na sequência, procura-se identificar e analisar as narrativas históricas predominantes em livros didáticos de História (LDH) sobre a Guerra do Paraguai, de acordo com os manuais

mais distribuídos pelo PNLD – 2020 para o Ensino Fundamental anos finais (EFAF) e Ensino Médio (EM). Aqui, destacam-se os manuais: *História, Sociedade e Cidadania* destinado a turmas de 8º e 2º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio respectivamente, bem como também o livro *Araribá Mais História*⁶, destinado a turmas de 8º ano. Espera-se com isso, poder mostrar a forma como a historiografia escolar está contribuindo para a construção dos saberes a respeito do conflito nas escolas da rede básica de educação no Brasil.

Sobre o evento Guerra do Paraguai, Marcela Cristina Quinteros (2020) destaca que a construção histórica que envolve o evento está “sujeita às disputas pela memória e pela escrita da história”, pois são inúmeros os fatores que surgem quando se fala sobre ele. Dessa maneira, discutir o conflito platino seja pela escrita acadêmica ou didática é tocar em “temas sensíveis”, pois isto traz para o debate “as histórias que deixam como herança um “fardo” ou uma “carga” para as gerações” (SQUINELO, 2020, p. 243). Devemos, desse modo, compreender que a construção dos saberes históricos e escolares estão condicionados ao que já destacou Marc Ferro (1983), quando alerta para o fato de que “a imagem que fazemos de outros povos, e de nós mesmos, está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida” (FERRO, 1983, p. 11). Em relação a isto, podemos entender que o que conhecemos sobre o passado e a respeito do conflito platino está em grande medida condicionado à historiografia escolar que nos é apresentada, que tem o manual didático como parceiro na construção desse conhecimento.

Desse modo, é válido nos questionarmos acerca de como a fabricação do saber escolar a respeito desse evento está sendo realizada nos livros didáticos que atingem grande público em todo Brasil. Para o desenvolvimento dessa pesquisa tem-se a cidade de Nazarezinho – Paraíba como campo de investigação, mais precisamente três escolas da rede básica de educação. Para tanto, é importante fazer uma breve explanação acerca dos Livros Didáticos, bem como das narrativas escolares que estão presentes nos manuais escolares do Brasil. Assim, observando este recurso como peça chave no processo educacional, é necessário atentar para o fato de que o livro didático pode ser tido como “objeto de pesquisa que se presta aos estudos comparados por ser vetor de uma identidade nacional e, ao mesmo

⁶ O manual apresenta-se em quatro volumes e está direcionado para turmas de 6º a 9º anos do ensino fundamental II. Este em questão, voltado para o 8º ano será analisado no primeiro e terceiro capítulos capítulo do trabalho haja vista que está dentro do recorte para esta pesquisa. Ele foi utilizado no ano de 2010 na escola Maria do Carmo Pedrosa Mendes como mostra a tabela na introdução do trabalho, bem como recebeu reimpressão sem sofrer alteração de alterar seu conteúdo em 2018. Desse modo, atende ao recorte temporal que a pesquisa explora, além de estar entre os mais distribuídos para o PNLD 2020. A coleção completa deste manual pode ser encontrada no site da Editora Moderna que está disponível no endereço disposto a seguir: <<https://pnld.moderna.com.br/historia/arariba-mais/>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

tempo, receber influências exteriores no que diz respeito a sua materialidade, seguindo padrões de produção e editoração” (AFONSO, 2017, p. 99).

Destaca-se a respeito disso que os livros didáticos atuam como aporte teórico para a exposição dos conteúdos históricos em sala de aula. Desse modo, o livro didático não deve ser organizado de modo a apresentar os conteúdos de forma equivocada, deixando que os professores assumam a responsabilidade de contornar determinadas situações que venham a correr no ambiente escolar (VERCEZE; SILVINO, 2008, p. 87). Posto dessa maneira deve-se compreender que os manuais Didáticos agem como ferramentas facilitadoras no processo de ensino, e aprendizagem e que eles são em grande medida a única ferramenta didática que os professores e professoras têm para ministrar suas aulas, o que acaba os colocando como um dos protagonistas no processo educacional escolar. Tornam-se a partir disso, o principal suporte que os professores (as) da rede básica de ensino utilizam como recurso para ministrar os conteúdos acerca do passado, pois é nele “que se encontram estruturados os conhecimentos a serem transmitidos às novas gerações” (DOMINGUINI, 2010, p. 2). O autor Lucas Dinguini acrescenta ainda que o livro didático está sujeito a modificações de acordo com os interesses ideológicos de uma elite dominante.

Observando as múltiplas potencialidades que os livros didáticos carregam em seu escopo histórico e cultural no cenário didático e, tendo este recurso como a principal fonte para esta pesquisa, quando construímos análises acerca das narrativas referentes à Guerra do Paraguai, é importante antes de continuar as ponderações acerca desse assunto, mostrar um breve panorama onde o Livro Didático assume primazia na dinâmica escolar.

O livro didático como instrumento ideológico – práticas e desafios em sala de aula

Os livros didáticos são instrumentos importantes no que tange a construção e assimilação de conhecimentos sobre os acontecimentos que permeiam o horizonte histórico, e que de forma direta ou indireta acabam chegando ao ambiente escolar. É a partir do livro didático “que se encontram estruturados os conhecimentos a serem transmitidos às novas gerações” (DOMINGUINI, 2010, p. 2). Bittencourt (2008) ao falar sobre este recurso pontua que os livros didáticos estão na tradição escolar há quase dois séculos. Ela mostra que o livro didático “trata-se de objeto cultural de difícil definição, mas, pela familiaridade de uso, é possível identificá-lo, diferenciando-o de outros livros”. (BITTENCOURT, 2008, p. 299). Para ela, apesar de existirem outros livros das mais variadas formas, o manual escolar é inconfundível no quesito de sua constituição. A autora revela ainda que sua produção tenha sido objeto de preocupações governamentais e, que sobre os livros escolares recaem certa

vigilância pelo fato de carregar interesses de outrem em sua elaboração. Na mesma direção da autora, André Mendes Salles (2012), quando aborda a questão da elaboração dos livros didáticos, destaca que:

A indústria editorial brasileira incorporou, em todos os âmbitos de sua produção, uma mentalidade capitalista, com uma rigorosa divisão do trabalho. Os autores e seus textos, nesse sentido, tornaram-se apenas um dos momentos dessa complexa rede de produção que envolve redatores, pedagogos, profissionais gráficos, autores, copidesques e etc. (SALLES, 2012, p. 79).

Neste sentido, vale atentar para o fato de que existe uma vasta rede operacional onde estão inseridos diversos agentes na escrita, confecção, editoração e distribuição dos manuais didáticos. Por vezes o/s autor/s (as) estão aquém do processo final. O que dizer então do que venha a ser este produto se sobre ele direcionam-se múltiplos olhares? A respeito da identificação do livro didático, podemos entender que na perspectiva de Bittencourt, indo de acordo com o que destacou Salles, este recurso é um:

Objeto cultural de difícil definição, por ser obra bastante complexa, que se caracteriza pela interferência de vários sujeitos em sua produção, circulação e consumo. Possui ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. É um objeto de “múltiplas facetas”, e para sua colaboração e uso existem muitas interferências. (BITTENCOURT, 2008, p. 301).

Partindo então do pressuposto que é a partir dos livros didáticos que são distribuídos para as escolas brasileiras que os estudantes têm contato direto com os mais diversificados conteúdos, é necessário tê-lo como um importante agente nas etapas de escolarização. O livro escolar é a ferramenta pela qual são transmitidos os conhecimentos sobre os fatos que ocorreram ao longo da História, precisamos, a partir disso, compreender que este recurso passou ao longo da história e ainda passa por interferências de quem os produz. Assim, como apontaram Mazzi; Amaral-Schio (2021), “O livro didático possui seu espaço nas discussões governamentais há aproximadamente um século” e sobre ele está implícito ideias de outros. Isso acaba revelando que os manuais escolares carregam visões que pretendem ser reproduzidas atendendo interesses externos ao longo da história.

Ainda a respeito disso, Eliana Borges Correia de Albuquerque e Andrea Tereza Brito Ferreira (2019) mostram que tendo em vista uma preocupação recente a respeito das informações que os manuais didáticos carregam, as ponderações sobre o livro didático no

Brasil em especial, os manuais que estão presentes nas escolas da rede básica do ensino público, existem desde o final da década de 1930. O que nos leva a refletir sobre os usos dos livros em sala de aula, uma vez que este tem grande alcance no cenário nacional.

Posto desta forma, Albuquerque; Ferreira (2019, p. 251) mostram que começa a ser desenvolvida uma atenção especial ao livro didático no Brasil a partir de 1938 pelo decreto-lei de nº 1.006 de 10/12/38, quando então surge a criação de órgãos como - COTELD⁷, CNLD⁸, INL⁹ e FENAME¹⁰ que demonstram a partir de então preocupação sobre políticas públicas para tratar de questões voltadas a elaboração e distribuição desse recurso didático que está presente na maior parte das escolas públicas.

Nesse sentido, e, em relação às políticas públicas pensadas para o manual didático, as autoras mostram que sua história:

No Brasil foi marcada por uma sequência de decretos, leis e medidas governamentais. Pode-se afirmar que, oficialmente, é o Decreto-lei nº 1.006, de 10/12/38 (BRASIL, 1939), que revela a primeira preocupação com esse material. A criação de órgãos como COLTED, CNLD, INL e FENAME são alguns dos exemplos efetivos que dizem respeito à construção das políticas sobre o livro didático, desde que passou para o âmbito governamental a responsabilidade de sua avaliação, compra e distribuição. (ALBUQUERQUE; FERREIRA, 2019, p. 251).

As autoras pontuam sobre a preocupação a cerca da produção e circulação desses manuais a partir da década de 1930 por parte do governo ainda de Getúlio Vargas, no entanto, não se trata apenas de sua produção e disponibilização. É importante atentar para o conteúdo e a forma que esses recursos o abordam, uma vez que, como destacou Cleberson Vieira de Araújo, “os livros didáticos no Brasil, em especial aqueles que são utilizados no Ensino Fundamental, não costumam explicar os conteúdos de forma detalhada” (ARAÚJO, 2017. p. 8). O que pode ser um ponto a dificultar o processo de escolarização, bem como a forma como os professores irão agir para contornar possível situação.

⁷ Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático – COLTED. In: SILVA. Marcos Antônio. **A Fetichização do Livro Didático no Brasil**. Educ. Real. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

⁸ Comissão Nacional do Livro Didático – CNLD Didático. In: SILVA. Marcos Antônio. **A Fetichização do Livro Didático no Brasil**. Educ. Real. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

⁹ O Instituto Nacional do Livro – INL in: ALBUQUERQUE. Eliana Borges Correia de; FERREIRA Andrea Tereza Brito. **Programa nacional do livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.27, n.103, p. 250-270, abr./jun. 2019.

¹⁰ Fundação Nacional de Material Escolar – FENAME in: SILVA. Marcos Antônio. **A Fetichização do Livro Didático no Brasil**. Educ. Real. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade.

Isso quando direcionado para regiões que têm suas limitações por causa da falta de estrutura para o bom andamento das aulas, pode causar um ensino e aprendizagem limitado, com sequelas aparecendo no futuro. Leva-se ainda em consideração, que ao pesquisar sobre a historiografia escolar, tendo o LD como o recurso indispensável no processo de escolarização, é primordial, segundo André Mendes Salles (2020) compreender que este artefato da cultura escolar tem em sua estrutura um “caráter intencional” sendo ele “escrito para o ensino de uma disciplina específica, a um público estudantil específico, crianças e jovens em sua maioria” (SALLES, 2020, p. 250). Desse modo, direciona-se a forma como os conteúdos devem ser ministrados em sala de aula. A construção do conhecimento escolar nesse ínterim é orientado pelo manual que está carregado de percursos ideológicos.

Tal premissa mostra que os manuais didáticos, quando não abordam os assuntos de maneira clara e, uma vez controlados pelo setor editorial, podem provocar um déficit no que tange às informações sobre eventos do passado, pois é a partir deles que alunas e alunos têm contato com os mais diversos temas. Lembremos que os livros didáticos chegam às escolas gratuitamente, o que facilita o contato por parte do alunado a este item. Camila Corrêa e Silva de Freitas mostra a respeito da adoção dos manuais escolares, que em se tratando das escolas públicas, “o livro didático continua sendo um recurso fundamental e bastante mobilizado pelas professoras e professores para promover um processo de ensino e aprendizagem da História” (FREITAS, 2020, p. 39). Podemos a partir disso, compreender que este recurso é parte importante para que seja possível realizar discussões acerca do passado em sala de aula e, que muitos docentes estão condicionados por questões próprias de cada escola em terem-no como ferramenta principal durante o ano letivo. Ao LD também está alojado o pressuposto de ter função “além de pedagógica, social, ao contribuir para a qualidade da educação brasileira e promover, assim, a inclusão social dos alunos que, devido a motivos econômico-financeiros, não têm acesso ao material” (DOMINGUNI, 2010, p. 8). Assim, não podemos imprimir ao manual didático apenas a função de trazer conteúdos e atividades a serem expostas na sala de aula, devemos sobretudo, compreendê-lo como um agente integrador e inclusivo no que tange o acesso ao saber acadêmico que é transmitido pela escrita didática.

Quando pensando em relação ao uso dessa ferramenta para o ensino de História no sentido de trazer o conhecimento para a o ambiente escolar, Marco Antônio Silva (2012) mostra que o livro didático está em um nível muito elevado em relação à cultura escolar, pois, quando relacionado ao ambiente educacional, ele:

Tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do Ensino Básico. Impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, o único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula. (SILVA, 2012, p. 806).

Este recurso assume primazia no ambiente da sala de aula, como pontua o autor. De acordo com Caimi e Teixeira (2013), o livro didático, “figura, no atual cenário educativo, como elemento fundamental das políticas educacionais públicas, das práticas didáticas, da constituição e transmissão dos saberes e da cultura escolar”. Desse modo, se ele sendo um dos principais meios de contato com os acontecimentos referentes ao passado mostrar-se incompleto em relação à exposição dos conteúdos, pode-se com isso promover a desvalorização do ensino e aprendizagem no que concerne às características e particularidades dos acontecimentos, além de transmitir valores ideológicos de grupos governamentais.

Outrossim, acaba promovendo a necessidade de que professoras e professores busquem outros meios para suprir uma possível ausência a respeito dos assuntos, caminhos estes que podem ainda ir contra a organização que a equipe pedagógica havia pensado para a cronologia do ano letivo. É ainda preciso atentar para o fato de que o manual didático movimenta um grande mercado e sobre ele várias são as empresas capitalistas que estão configurando sua organização.

Nesse sentido, quando visto a questão do setor editorial sobre a relação produção e distribuição desse recurso pelas editoras levando em consideração o fator da composição dos conteúdos nos livros didáticos percebe-se que estes são pensados para “facilitar” o trabalho do professor. O diretor da editora Ática Wilma Silveira Rosa de Moura em depoimento cedido a Kuzumi Munakata em 1997 revelou que livros didáticos produzidos para as escolas públicas são “mastigadinhos” e que já trazem as aulas prontas. Ele declarou que a respeito da produção de manuais didáticos para o ensino público:

Os livros para o Estado, a gente não pode fazer um material muito elaborado, muito sofisticado pedagogicamente falando. E você tem que pensar que o nosso cliente é professor. Na verdade, quem vai usar o livro é aluno, mas quem escolhe o livro é o professor. Então, a gente tenta fazer um livro que o professor reconheça como recurso de aula para ele. Professor de Estado é um professor mais mal preparado. É um professor muitas vezes leigo. Numa escola particular você jamais vai encontrar um professor leigo. Na escola pública você encontra aos quilos. Por quê? Com o salário que pagam, graças a Deus se encontrar alguém que queira dar aula. Então, não podemos fazer para escola pública um material que dê trabalho para o professor, que implique preparação de aula, pesquisa além do livro. Porque ele não tem onde, não tem recursos, não tem formação para isso. A gente tem que fazer

livros mais mastigadinhos, com a aula prontinha do começo ao fim, que tenha a estratégia já indicada para o professor saber o que fazer. Porque se o professor não tiver outro lugar para aprender, ele aprende no livro (MUNAKATA, 1997, p. 151).

Assim, entendemos que existe uma questão presente quando focamos pesquisas tendo como fontes principais os manuais didáticos – de que forma os assuntos e conteúdos que são trabalhados nas salas de aula por professoras e professores são produzidos pela indústria do material didático? Ou ainda, quais são as narrativas presentes nos manuais didáticos que acompanharão os estudantes durante o ano letivo? E como essas narrativas estão relacionadas com a construção acadêmica sobre os fatos históricos? É pensado nisso que o trabalho em tela está respaldado, uma vez que procura saber como foi construído o saber escolar referente à Guerra do Paraguai.

É importante nesse sentido, perceber que os manuais didáticos carregam em si fatores que não aparecem no momento das aulas, como sua produção e logística. Desse modo, vale pontuar que estas ferramentas estão condicionadas em boa medida a:

Grande capacidade que editores e autores demonstraram ao longo da história da educação brasileira de adaptar o livro didático às mudanças de paradigmas, alterações dos programas oficiais de ensino, renovações de currículos e inovações tecnológicas é um dos fatores que justifica a sua permanência como parte integrante do cotidiano escolar de várias gerações de alunos e professores. (SILVA, 2012, p. 805).

Assim, torna-se pertinente compreendermos ainda que questões como a escolha do material didático, sua produção e distribuição, bem como os (as) autores desses manuais, estão diretamente relacionadas ao tipo de conhecimento acerca do passado que se pretende construir na sala de aula para sociedade – o que e como fazer a respeito da exposição dos conteúdos são pontos fundamentais para se discutir. O conhecimento didático está presente no espaço escolar e ele será repetido para além dele, por estudantes das mais variadas idades. Dito isso, é salutar também perceber que estão envolvidos nesse processo, professores e professoras, além da equipe pedagógica na seleção dos assuntos que deverão ser ministrados em aula durante o ano letivo.

Além do mais, devemos ter em vista que os livros didáticos estão em contato direto com milhões de estudantes Brasil afora, por isso, é válido compreender que os manuais escolares podem ser entendidos também como “um produto comercial, inserido em políticas públicas de educação nacional e por isso precisa ser estudado como tal” (MATOS, 2012, p. 169). Sem que para isso, seja lançada para ele uma visão simplista que o coloca como mera

ferramenta didática. Para tanto, atribuir significados ao livro é antes de tudo, reconhecê-lo como artefato de importância cultural que está inserido no âmago da produção capitalista nacional e que movimentada a cada edital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) cifras bilionárias.

Pensando em seu uso, Juliana Silveira Matos mostra que “o livro é inegavelmente um recurso fundamental para docentes desprovidos de outros meios, como internet e até bibliotecas estruturadas”, pois o manual carrega em si a sequência de conteúdos a serem trabalhados em sala de aula e que darão voz aos fatos e sujeitos históricos que por ora encontram-se à mercê da escrita didática (MATOS, 2012, p. 166). Isso, no entanto, não o coloca como um recurso adotado unanimemente pelos profissionais da área. A autora destaca ainda a respeito dos usos do manual didático ao citar Circe Bittencourt (2010, p. 71) que existe o fator de alguns professores em algumas ocasiões além de deixá-lo de lado no processo de ensino e aprendizagem, ainda o abominam, repudiam o uso dessa ferramenta. O que nos leva a questionarmos o porquê de tal atitude. Será o Livro Didático uma ferramenta que não promove em sua estrutura a sistematização do passado em sala de aula? Será o passado algo que pode ser sistematizado em uma obra didática? Bem, inúmeras são as possibilidades quando tem-se esta ferramenta como corpo documental para pesquisa o que irá responder indagações como as supracitadas é a forma como se utiliza este recurso no que tange a pesquisa.

Neste cenário, a autora aponta ainda que “[...] ao mesmo tempo em que o livro didático assume um papel central na prática de sala de aula, em outros momentos vemos ações de repúdio a sua utilização” (MATOS, 2012, p. 166). Tal perspectiva mostra que existe uma dualidade em relação aos usos dessa ferramenta por parte dos mestres em sala de aula. Se por um lado existem aqueles que o tem como a principal fonte de informações, em decorrência de fatores como o não suporte de ferramentas outras que possam dinamizar as aulas, por outro, determinados professores e professoras sequer tocam em seu conteúdo, justamente por ele ser um produto que não facilita o processo de ensino e aprendizagem, bem como, por ser detentor de grande carga ideológica.

Assim, observando a questão do uso ou não dessa ferramenta em sala de aula, é importante compreendermos que essas ferramentas acabam chegando em grande quantidade a um número alto de estudantes. Isso pode ser explicado pelo fato de ter “sua distribuição gratuita” pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD. Desse modo, como destacou Freitas (2020, p. 39) o manual didático acaba tornando-se um produto de consumo em massa ao passo que é o companheiro dos estudantes durante todo o ano escolar.

Nesta perspectiva, procurou-se observar como que nas turmas de 8º e 2º anos do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio respectivamente vem sendo discutido o tema Guerra do Paraguai (séries em que o conteúdo aparece de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC). E como acontece a partir disso a construção do saber escolar sobre a Guerra do Paraguai?

Lembrando que como já apontou Circe Bittencout (1998), o livro escolar:

Elabora as estruturas e as condições do ensino para o professor, sendo inclusive comum existirem os “livros do professor” ou do “mestre”. Ao lado dos textos, o livro didático produz uma série de técnicas de aprendizagem: exercícios, questionários, sugestões de trabalho, enfim as tarefas que os alunos devem desempenhar para a apreensão ou, na maior parte das vezes, para a retenção dos conteúdos. Assim, os manuais didáticos apresentam não apenas os conteúdos das disciplinas, mas como esse conteúdo deve ser ensinado. (BITTENCOUT, 1998, p. 72).

Sabendo então que é a partir do manual didático que as professoras e os professores organizam e ministram suas aulas, devemos também discutir a forma como os conteúdos chegam ao ambiente escolar. Mais importante ainda é compreendermos que é justamente por meio dos usos do livro didático que existe o contato indireto com o conteúdo aqui discutido. Teoria e prática aqui convergem para que os assuntos sejam expostos e possam chegar ao alunado.

Nesse ínterim, tem-se que relacionar os conteúdos com a construção das narrativas históricas, entendo que para tanto se deva considerar a prática em sala de aula como um ambiente em disputa haja vista o que destacou Katia Maria Abud a respeito dos debates sobre o campo da história ensinada, pois este, “tem sido o campo de batalha predileto para as controvérsias que se travam sobre o passado” (ABUD, 2017, p. 13).

A partir disso, os conteúdos que são pensados e elaborados para os estudantes seguem a primazia de quem os produzem, seguem, portanto, padrões pré-estabelecidos pela ótica da cultura editorial que, em conjunto com os setores do governo sintetizam o que deve ou não fazer parte do currículo estudantil. E é justamente aí que os debates sobre os conteúdos como a Guerra do Paraguai surgem, estando onde os interesses são colocados em destaque, por vezes promovendo as guerras de narrativas e propondo uma ideia do que se pode mostrar na historiografia didática.

Portanto, pontua-se que para efeito de sistematização do trabalho serão discutidas a seguir as principais narrativas didáticas que vêm construindo os conhecimentos sobre a Guerra do Paraguai no espaço escolar. Assim, uma vez realizado um breve panorama que

procurou apresentar a importância e limitações dos usos da ferramenta didática, a partir deste ponto promover-se-á a apresentação das principais narrativas de acordo com a perspectiva escolar que tratam do conteúdo ora em discussão. Com isso, procuramos também observar como a narrativa didática discute temas que possam ser sensíveis à escrita da História, como, por exemplo: a Guerra do Paraguai, eixo norteador deste trabalho.

Guerra do Paraguai e guerras de narrativas em manuais didáticos de História – PNLD 2020

A construção do conhecimento sobre a Guerra do Paraguai quando relacionada ao campo do ensino escolar, relaciona-se aos manuais didáticos, pois são as ferramentas de ensino mais utilizadas para contribuir com a prática docente nas escolas da rede básica de ensino no Brasil, como discutido. Desse modo, é por meio dele que os assuntos chegam às salas de aulas de diversas escolas. Tal ferramenta didática tem seu uso impulsionado pelo PNLD, que facilita sua distribuição para as Secretarias de Educação, que por sua vez destina às escolas onde milhões de alunas e alunos, muitos em situação que chega próximo da extrema pobreza, terão contato com este utensílio por ser distribuído gratuitamente.

Fabiano Barcelos Teixeira (2020) propõe uma visão que vai para além do postulado no tocante ao ensino e aprendizagem. Na ocasião, o autor nos apresenta as nuances que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC aponta como prerrogativas para o Ensino Fundamental, onde o processo de ensino e aprendizagem deve ser desenvolvido pelo “reconhecimento e pela interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias” (TEIXEIRA, 2020, p. 10). Se os manuais escolares em conjunto com a atuação dos professores em sala de aula não promoverem um debate que instigue o desenvolvimento de questões acerca dos conteúdos, limitado será o aprendizado e criticidade sobre o que é ensinado. Uma vez portador de limitações, o manual didático pode comprometer o já carente sistema de escolarização brasileiro.

Trazendo para o objeto de investigação da pesquisa – Guerra do Paraguai, este assunto deveria estar de acordo com o que a Base Nacional Comum Curricular – BNCC orienta no que concerne às questões em relação à forma como os conteúdos devem ser ensinados ao passo que dispõe de espaço para diferentes visões. Será que existe lugar para o debate a respeito desse assunto na literatura escolar em consonância com as visões das demais nações envolvidas? Se existe, como ele está disposto nos livros escolares?

Ao referir-se à contenda platina em relação à BNCC, Fabiano Barcellos Teixeira continua dizendo que:

Na BNCC, assinala-se que seriam “evidentes” e até mesmo “justificáveis as diferenças do olhar brasileiro e do olhar paraguaio sobre ela [a Guerra do Paraguai]”. Segue-se afirmando que como “símbolo da vitória”, os brasileiros [o exército imperial] trouxeram para o seu território um troféu de guerra, o “canhão cristiano” (sic) [el cristiano ou o cristão], feito com os sinos derretidos de igrejas do país vizinho, derrotado na guerra. O artefato integra o acervo do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. (TEIXEIRA, 2020, p. 10).

Desse modo, Wagner Cardoso Jardim destaca que para melhor compreender a contenda platina, seria interessante, antes de tudo, conhecer as estruturas socioeconômicas dos países nela envolvidos. Tais estruturas não serão aqui exploradas uma vez que nosso foco não é a Guerra em si, mas sim, observar e discutir as narrativas que a escrita didática construiu nos últimos anos.

Dito isso, e, em corroboração com Jardim, Ana Paula Squinelo (2011) ao discorrer sobre a produção histórica, pontua que a escrita sobre a Guerra do Paraguai está em boa medida condicionada ao fator de idolatria da pátria amada que ocorreu logo após o fim do conflito. Assim para a autora, não promoveu-se uma escrita que tivesse como eixo explicativo a condição de cada nação nos preâmbulos do estopim, pelo contrário, levou-se em consideração, segundo Jardim, o fator da dicotomia entre o agressor e agredido.

Outrossim, para a população brasileira, o exército foi tido como o libertador, pois teria sido ele que libertaria o povo Paraguaio da tirania de seu líder, Francisco Solano López. Nesta seara, privilegiaram-se dessa forma, grandes heróis no cenário nacional como “Duque de Caxias, Conde d’Eu, D. Pedro II, entre inúmeros outros que se relacionam ao conflito guarani” (SQUINELO, 2011, p. 21). A autora apresenta em seu trabalho que a produção didática já surge com o paranaense Rocha Pombo desde seus primeiros escritos a partir de 1917 que a construção dos manuais escolares quando voltada ao conflito platino privilegia um discurso de colocar o líder do Paraguai como o culpado pela Guerra, corroborando ainda com a escrita do imediato fim do conflito onde procurou-se destacar os grandes heróis nacionais.

Assim, torna-se necessário nos questionarmos a respeito de como nos últimos anos foi escrito o saber escolar concernente a este conflito, bem como a idolatria que atribuímos às grandes personalidades durante os embates. Atentando, dessa forma, para questões como – quais são as principais narrativas escolares que estão presentes nos Livros Didáticos de História (LDH) mais distribuídos que chegaram às escolas na última década? Pensando nisto,

e tendo por base as obras didáticas – *História, Sociedade e Cidadania* – Alfredo Boulos Júnior que foi o livro mais distribuído de acordo com o último PNLD tanto para o Ensino Fundamental II quanto para o Ensino Médio destinado a turmas de 8º e 2º anos, respectivamente. O livro direcionado para o ensino fundamental anos finais foi distribuído entre o final de 2019 e início de 2020, já o livro destinado para o ensino médio foi distribuído em 2017. Apresenta-se as narrativas didáticas nesses manuais e como elas podem ou não servirem de fator ideológico no que diz respeito à construção e assimilação do saber histórico na historiografia didática nos últimos anos.

Quando consultado o site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, chegou-se aos números onde o manual escolar – *História, Sociedade e Cidadania* com edição realizada pela FTD e voltado para o 8º ano que chegou a um total de 852.861 exemplares distribuídos para escolas de todo Brasil entre o final de 2019 e início 2020¹¹, está assim em 1º lugar no que tange ao interesse por parte das escolas. Este manual direciona-se à turmas de 8º ano do Fundamental II. Em relação ao Ensino Médio, tem-se a obra didática também de autoria de Boulos Júnior, *História, Sociedade e Cidadania* que foi destinada às turmas de 2º ano do Ensino Médio. Nesta ocasião no ano de 2016, o livro que também foi editado pela FTD, chegou a uma distribuição de 116.220 exemplares, sendo assim, o mais requisitado pelas escolas, conseqüentemente pelos professores do Ensino Médio para o 2º ano. A escolha desses livros para análises nesta seção está relacionada à sua distribuição para turmas de 8º e 2º anos da educação básica, compreendendo aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio. Os números apresentados acima são especificamente atribuídos aos manuais que foram solicitados a nível nacional para as turmas em destaque¹².

Ana Paula Squinelo (2020), quando se tratando de análises sobre o conflito platino, tendo como fonte livros didáticos, nos mostra ao apresentar algumas narrativas sobre a Guerra

¹¹ As informações acerca da distribuição dos exemplares tanto para o ensino fundamental, anos finais, bem como para o ensino médio durante o final de 2019 e início de 2020 para todas as disciplinas da educação básica podem ser consultadas no endereço que segue: < <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

¹² O quantitativo de distribuição dos manuais didáticos para o ensino básico no Brasil em 2020 levando em consideração os anos finais do ensino fundamental chegou a uma quantidade de exemplares distribuídos que atingiu um número de 80.582.321 (oitenta milhões quinhentos e oitenta e dois mil e trezentos e vinte um) livros didáticos. Os dados estão disponíveis no site do FNDE que pode ser encontrado no endereço que segue: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos>. Quando observado no ensino médio este número apresenta-se em 20.198.488 (vinte milhões cento e noventa e oito mil quatrocentos e oitenta e oito) livros. Os dados sobre o ensino médio localizam-se no mesmo endereço. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

Em relação ao quantitativo de matrículas para a educação básica em 2020 tem-se o número de 47,3 (quarenta e sete milhões e trezentos mil) alunos e alunas matriculados em um total de 179.533 (cento e setenta e nove mil quinhentos e trinta e três) escolas, entre públicas e privadas. Esses dados estão na página do Gov.br. disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/01/educacao-basica-teve-47-3-milhoes-de-matriculadas-em-2020>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

do Paraguai que é nítida a compreensão de diferentes interpretações no que tange à historiografia didática. Ela aborda três visões distintas que retratam o conflito platino e que nesse sentido, voltam-se para os olhares do Paraguai, Uruguai e do Brasil. Estas visões são colocadas em um enfrentamento no sentido de observar como cada historiografia escolar construiu o saber histórico no que concerne ao conhecimento acerca do maior conflito ocorrido na América do Sul.

As representações que se têm em relação ao conteúdo Guerra do Paraguai nos livros mais distribuídos em partes possibilitam uma melhor compreensão do assunto. Como é o caso do livro apresentado a seguir. De acordo com a organização do assunto, é possível compreender que a narrativa permite uma ampliação no que tange aos dados deste conflito.

Ademais, quando consultado o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE, chega-se aos dados de que os livros mais distribuídos pelo PNLD de 2020 para as turmas de 8º e 2º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio respectivamente foram os manuais escolares – *História, Sociedade e Cidadania* com editoração realizada pela FTD 4º edição – 2018 (**figura 1**) e voltado para o 8º ano que chegou a um total de 852.861 exemplares distribuídos para escolas de todo Brasil. O livro didático *Araribá Mais História*¹³ editado pela Editora Moderna e escrito por vários autores também está entre os mais distribuídos pelo PNLD 2020. Na ocasião, o manual destinado também para turmas do 8º ano do Ensino Fundamental – anos finais e, estando em sua reimpressão da 1º edição – 2018, chegou a um total de 417.705 exemplares.

Em relação ao Ensino Médio, tem-se a obra didática também de autoria de Boulos Júnior, *História, Sociedade e Cidadania* – 2º edição – 2016 (**figura 3**) que fora destinada às turmas de 2º ano do Ensino Médio. Nesta ocasião, o livro que também foi editado pela FTD, chegou a uma distribuição de 116.220 exemplares. Sendo assim, o mais requisitado pelas escolas, conseqüentemente pelos professores no que tange aos anos de escolaridades expostos. Esses três exemplares são aqui tomados como fontes por serem os mais distribuídos a fim de buscar saber como estão sendo construídos de acordo com PNLD 2020 os saberes didáticos a respeito da contenda platina.

¹³ Por ser o mesmo manual didático apresentado e analisado no capítulo três deste trabalho, achou-se conveniente levar a análise para o momento reservado aos demais livros apresentados mais a frente.

Análises das obras mais distribuídas pelo PNLD – 2020

História, Sociedade e Cidadania – 2018

O manual didático – *História, Sociedade e Cidadania*, foi destinado às turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II, tendo como autor o professor Alfredo Boulos Júnior. Este livro é composto por 14 capítulos, dando um total de 267 páginas. Em sua disposição, o conteúdo referente ao conflito platino está presente no capítulo 11 intitulado – Segundo Reinado: Política, economia e guerra. As temáticas exploradas neste capítulo referem-se aos seguintes temas: I – O golpe da maioria; II – Política, Violência e fraude no Império; III – Economia do Segundo Reinado e IV – Modernização do Império: indústrias e ferrovias. É neste último onde se encontra o conteúdo sobre a Guerra do Paraguai, entre as páginas 192 a 195.

Figura 1: Livro Didático História, Sociedade e Cidadania 8º ano Ensino Fundamental II.



Fonte: FDT. Disponível em: <https://pnld2020.ftd.com.br/colecao/historia-sociedade-e-cidadania/>.

Quando discorrido sobre as causas do conflito, o manual apresenta algumas razões que poderiam explicá-las. Entre os motivos, o autor destaca três: 1º **O controle dos rios Paraná, Paraguai, Uruguai e da Prata**; 2º **As terras férteis e pastagens** e 3º **A liderança política na região platina**. A imagem a seguir (**figura 2**) ilustra as causas do conflito de acordo com a narrativa presente.

Figura 2: Causas para a eclosão da Guerra do Paraguai

- a) **o controle dos rios Paraná, Paraguai, Uruguai e da Prata.** Era por esses rios da região platina que as mercadorias sul-americanas seguiam para o interior do continente e também para a Europa. No caso do Brasil, havia um agravante: o comércio com a província do Mato Grosso era quase todo feito pelos rios da região, pois as estradas eram poucas e ruins.
- b) **as terras férteis e de pastagens.** Era comum os fazendeiros de um país sul-americano desrespeitarem as fronteiras do outro. Daí surgiam o desentendimento e, depois, o conflito.
- c) **a liderança política na região platina.** O governo de D. Pedro II, por exemplo, sempre que considerava seus interesses ameaçados, intervinha militarmente nos países platinos para colocar seus aliados no poder. Primeiro derrubou o presidente uruguaio Manuel Oribe (1851), depois o argentino Manuel Rosas (1852) e depois, ainda, o presidente uruguaio Atanásio Aguirre (1864-1865).

Essas disputas todas estão na origem da **Guerra do Paraguai**, conflito armado que envolveu quatro países sul-americanos: Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai.

Fonte Boulos, 2018, p. 192.

De acordo com esta visão, o livro analisado nos apresenta uma narrativa que nos permite realizar uma discussão acerca das causas para tal conflito ao trazer a conjuntura a qual estavam os países Sul-americanos no pré-guerra. No entanto, esta narrativa nos mostra ainda que foi o Paraguai o causador da contenda, pois, teria sido seu líder, Francisco Solano López o causador, pois este, “partiu para a guerra, mandou aprisionar um navio a vapor brasileiro, que navegava pelo Rio Paraguai e ordenou que seus soldados invadissem o Mato Grosso” (BOULOS, 2018, p. 194). Dessa forma, a narrativa didática atribui culpa ao Paraguai pelo conflito, sobretudo a seu líder, o General López.

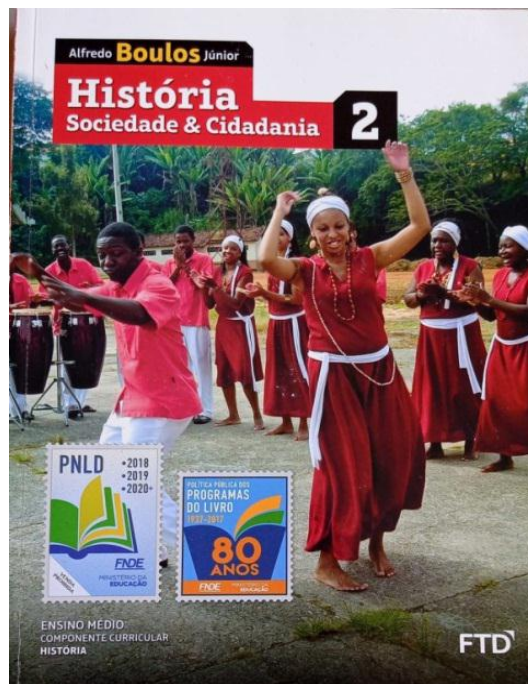
Apesar de propor uma discussão no tocante aos números da guerra, o autor mesmo criando novos estudos sobre esta temática, não propõe uma atualização desses dados a não ser quando comparado a estimativa oficial de 23.917 pessoas mortas do lado brasileiro, o que para outros estudiosos pode chegar a mais 100.000 mil vítimas, entre militares e civis. No que tange ao lado Paraguaio, o livro traz um dado de 200.000 vidas ceifadas (BOULOS, 2018, p. 195).

O livro em destaque apresenta alguns textos de acompanhamento presentes nas margens das páginas. É interessante destacar que este manual ao trazer referências de apoio propõe caminhos de apresentação desse conteúdo de acordo com o que se apresenta. Como referência extra que o manual traz, podemos observar o historiador brasileiro Francisco Doratioto, além de autores como Ricardo Scavone Yegros, Liliam M. Brezzo, Ricardo Salles, Vanessa Silva de Farias entre outros.

No que tange a narrativa didática presente neste manual, é possível promover em sala de aula, a partir de um bom manuseio do livro uma melhor compreensão do conteúdo em destaque apesar deste seguir ainda como se não houvesse avanço nas pesquisas sobre o conflito platino. Em geral, quando se pesquisa sobre o conflito platino de acordo com a visão didática, chega-se quase que por unanimidade ao ponto onde o Paraguai está como único culpado por tal conflito. A narrativa presente neste manual apresenta caminhos outros para o entendimento das relações entre os países vizinhos como possibilidade para novas interpretações, mesmo sendo que persiste na prerrogativa de que foi Solano López o causador da guerra quando ordenou o aprisionamento do navio Brasileiro.

***História, Sociedade e Cidadania* – Ensino Médio – PNLD 2018**

Figura3: Livro Didático *História, Sociedade e Cidadania* 2º ano.



Fonte: Autor da pesquisa.

O livro didático destinado para o 2º ano do Ensino Médio com autoria do professor Alfredo Boulos Júnior, foi editado pela Editora FTD e está em sua 2ª edição publicado no ano 2016 e que assiste ao triênio do PNLD 2018 – 2020 com possibilidade de reuso. Ao todo este manual é composto por quatorze capítulos chegando a 288 páginas. Em sua estrutura é possível identificar que o conteúdo relacionado à Guerra do Paraguai aparece no capítulo 13, o penúltimo presente no manual e está dentro da temática condizente a – Modernização, mão-

de-obra e guerras no Segundo Reinado. O assunto sobre o conflito está presente nas páginas 260, 261 e 262.

Este capítulo ao todo apresenta um total de quarenta e seis páginas. No entanto, as discussões sobre o assunto em tela aparecem somente a partir da página duzentos e sessenta. A que se destacar que na referida página o conteúdo divide espaço com outra temática relacionada à questão dos imigrantes no Brasil Império. Quando cedido espaço ao conflito platino, ele está dentro da temática – Guerras entre os Sul-americanos. Ao discorrer sobre a importância da região platina, Boulos destaca que essa região “era rica e estratégica” além de ter sido “palco de constantes conflitos entre os sul-americanos” (BOULOS, 2016, p. 260).

Vale pontuar que a narrativa em questão apresenta um motivo aparente para a eclosão do conflito, que se resume ao aprisionamento do navio *Marquês de Olinda*, ou seja, partiu de uma ação realizada pelo líder paraguaio. O sequestro do navio é dado como motivo para a guerra. No entanto, além de não apresentar a data do episódio do rapto da embarcação, Boulos parece esquecer que ele mesmo explicou a questão da hostilidade do líder paraguaio Francisco Solano López por causa das investidas do Império do Brasil em relação à região platina, o que provocaria a retaliação pelo líder do Paraguai. Desse modo, teria o Brasil culpa, pois suas ações políticas externas justificariam as ações de Solano Lopez.

O autor destaca que:

O império do Brasil, por exemplo, interveio diversas vezes na região platina. Em 1851 invadiu o Uruguai para derrubar o *blanco* Manuel Oribe e colocar no poder o *colorado* Frutuoso Rivera. No ano seguinte invadiu a Argentina para depor o caudilho Juan Manuel Rosas. E anos depois, voltou a invadir o Uruguai para depor Atanásio Aguirre, que era aliado do ditador paraguaio Solano Lopez. O ditador, então, revidou mandando apreender o navio brasileiro Marquês de Olinda, que seguia destino a Mato Grosso e, em 13 de dezembro de 1864, declarou guerra ao Brasil dando início a **Guerra do Paraguai** – sic (BOULOS, 2016, p. 261).

Em relação à situação dos países antes do conflito, o autor mostra que o Brasil temia a formação de uma unidade nacional fortalecida no que tange ao Paraguai, seus aliados no Uruguai e rebeldes na Argentina. Desse modo, tal situação explicaria as investidas imperiais em território uruguaio e argentino. O Brasil não aceitaria a formação de único país governado pelo ditador Lopez, como destaca ainda o autor.

Apesar de apresentar uma narrativa factualista, o autor mostra que durante o conflito, sobretudo, no que ele denominou de primeira fase¹⁴ “o Paraguai obteve vitórias por terra”

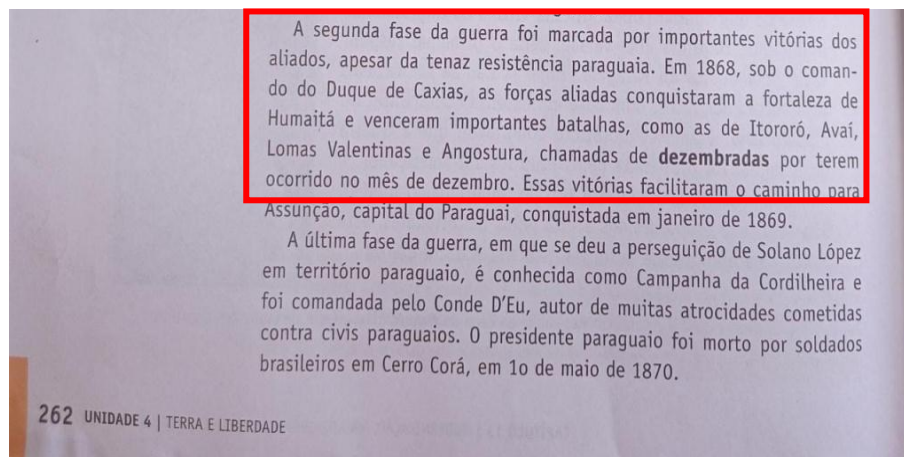
¹⁴ Período que vai do início da guerra de 1864 a 1868.

(BOULOS, 2016, p.262), entretanto, o Brasil e seus aliados logo contornaram a situação, principalmente quando destacada a marinha imperial. Acrescenta a isso, que durante a “dezembradas” – sequência de batalhas ocorridas durante o mês de dezembro de 1868, as forças aliadas conseguiram importantes vitórias que abriam o caminho para a capital Assunção.

Além de uma escrita que não cede espaços para um desenvolvimento de um olhar mais crítico por parte dos alunos, pois, apesar de trazer para discussão autores como Doratioto e Ricardo Salles, o livro analisado não abre discussão acerca das inúmeras batalhas que tiveram durante um conflito. Sobre isso, Cleberon Vieira de Araújo apresenta um cenário onde é possível perceber um total de dezenove batalhas que ocorreram durante a guerra e que pouco ou nada são discutidas em sala de aula (ARAÚJO, 2019, p. 19). Quando chegam aos livros didáticos pouco são exploradas, não se discute a importância de cada uma ao longo do conflito.

Apesar de apresentar os nomes de algumas batalhas, não as discutem, isso seria interessante para que ao (os) pudessem ter um maior campo de conhecimento acerca da guerra. Isso acaba promovendo uma narrativa factualista apresentando informações um tanto quanto vagas, sem um maior aprofundamento de outras questões. A escrita presente segue sendo tendenciosa o que exprime um tipo específico de conhecimento que se quer transmitir a favor dos países “vencedores”. Perpetua desta forma, um discurso que procura culpar o Paraguai, sem que haja outra visão sobre este conflito.

Figura 4: Trecho do livro didático analisado.



Fonte: Boulos, 2016, p. 262.

Quando realizado um panorama geral da Guerra, o manual nos apresenta uma visão onde se percebe perdas irreparáveis aos quatro países, sobretudo, para o Paraguai e o Império

do Brasil. Além disso, mostra que com o fim do conflito surgiram novas formas de viver e sentir a sociedade por causa da visão com desdém que muitos tiveram para acontecimento. Do lado brasileiro, já fragilizado por causa das grandes dívidas que foram contraídas ao decorrer das batalhas, emergiu também no pós-guerra, um exército forte e confiante, o que acabou promovendo sua aproximação com os ideais republicanos. Nas palavras do autor o Brasil além das inúmeras perdas saiu com a vitória, pois, “incorporou territórios, garantiu a ligação fluvial com o Mato Grosso e conservou a hegemonia na região” (BOULOS, 2016, p. 263).

Alicerçada sobre a prerrogativa de atribuir culpa ao outro, a narrativa didática encontrada no livro de Alfredo Boulos Júnior é o vislumbre da escrita nacionalista que procura retirar do Brasil sua parcela de culpa pelas as mortes de milhares de soldados, civis jovens, mulheres, crianças e idosos durante os anos em que a carnificina imperava pelos campos de batalhas. A obra apresenta somente a perspectiva brasileira sobre o conflito platino, o que por sua vez não abre espaço para a apresentação da visão que paraguaios, argentinos e uruguaios têm sobre este episódio. De modo contrário, o manual do Araribá Mais História traz uma ideia de como o Paraguai enxerga o conflito, no entanto, resume-se aos olhares do Brasil e do país guarani¹⁵.

Pelo desdobramento que a narrativa traz, não é possível promover uma comparação em relação à ótica que nossos vizinhos têm sobre tal evento. O Brasil está assim, na escrita de Boulos, como a nação que necessitou revidar a ameaça hostil de um megalômano com pretensões expansionistas. Tal visão acaba sendo perpetuada pela escrita didática, o que, em grande medida, pode contribuir para o não desenvolvimento das capacidades críticas dos alunos e alunas frente às informações sobre o passado que lhes são apresentadas. Desse modo, é importante que haja no ambiente escolar, em articulação com os profissionais da educação, a criação de estratégias que possam colocar os alunos ativamente no processo de Ensino e Aprendizagem, como por exemplo, propor a criação de veículos de informação por parte dos estudantes como meio para promover a pesquisa para além daquilo que é dado em sala de aula. Isso seria uma maneira de orientar esses estudantes a respeito dos caminhos em relação a construção de saberes sobre o passado.

¹⁵ O termo faz referência a tribo indígena que habita as terras onde hoje está localizado o Paraguai antes da chegada dos europeus. A autora Eliane Cristina Deckmann Fleck abordou em trabalho intitulado “*Do meu amor ao Paraguai e à raça guarani*”: ideias e projetos do naturalista e botânico Moisés Santiago Bertoni (1857-1929) a questão da superioridade da tribo frente aos discursos que foram construídos pelos colonizadores. Disponível em <Do meu amor ao Paraguai e a raça Guarani.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023. Já em trabalho intitulado “*Etimologia dos etnônimos atribuídos aos Guarani do Paraguai e da Cordilheira Chiriguana*” o professor, Protasio Paulo Langer apresenta a construção da identificação dos povos guaranis a partir do processo de dominação dos grupos étnicos do Paraguai e do Peru. Disponível em <Guarani etimologia.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

CAPÍTULO II – HISTORIOGRAFIA ACADÊMICA E ESCRITA ESCOLAR BRASILEIRA DO SÉCULO XXI SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI

“Nada passa, nada espira, o passado é um rio que dorme e a memória uma mentira multiforme”.

José Eduardo Agualusa – O vendedor de passados – 2004

O conflito bélico vencido pela Tríplice Aliança, composta por Argentina, Brasil e Uruguai, contra a República do Paraguai independente desde 1811¹⁶ na segunda metade do século XIX no continente Sul-americano é costumeiramente denominado, de acordo com a historiografia dos vencedores, como Guerra do Paraguai (1864 – 1870). Os motivos que deram início aos embates variam a depender da leitura que se realiza.

Ao longo dos mais de 150 anos após o cessar-fogo, existe ainda um constante debate acerca das causas e consequências dessa guerra, seja no cenário de uma historiografia acadêmica com maior respaldo documental e seu método científico, ou ainda, pela escrita escolar dos saberes históricos que direta ou indiretamente versam sobre este acontecimento. Suas discordâncias estão presentes também quando direcionado olhares para sua própria nomenclatura. Assim, diversas são as ocasiões onde este evento é motivo de discussão, quer no campo historiográfico quer no saber escolar ligado à sala de aula.

O discurso sobre este capítulo de nossa história encontra divergências até mesmo na forma como o denominamos. Guerra do Paraguai, Guerra Grande, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Guerra Guasú, entre outras terminações (SQUINELO, 2015). Esta situação está ainda mais explícita na escrita de cunho didático, pois em sua construção, revela-se apenas aquilo que no momento parece ser necessário ser exposto pelos grupos dominantes.

Desse modo, a escrita sobre o conflito atribui significados que por vezes ficam condicionados pelas demandas do presente do que nos mais de cinco anos de embates. Neste sentido, este capítulo tem por objetivo discutir a forma como o saber acadêmico do século XXI relaciona-se com a construção dos conhecimentos didáticos sobre a contenda platina.

Propõe para tanto, apresentar a historiografia acadêmica e sua relação com a produção dos saberes escolares. A realização de análises em caráter individual de cada livro didático aqui adotado que será realizada no capítulo três a fim de perceber se há consonância com a historiografia escolar contemporânea. Este momento tem como proposta, mostrar como o

¹⁶ A respeito dos processos de independência e formação dos Estados Nacionais Latino-americanos consultar o trabalho de Maria Lígia Prado (1994).

conhecimento escolar sobre a Guerra do Paraguai encontra-se disposto em cada livro analisado. Doravante, ocorre a realização das análises de modo comparativo entre os livros didáticos que foram mais adquiridos pelas escolas da rede básica de Educação da Cidade de Nazarezinho, Paraíba nos anos 2010 e 2020.

Assim, procura-se discutir acerca das narrativas acadêmicas que giram em torno do conflito platino que envolveu as quatro maiores nações do continente Sul-americano. Para tanto, neste tópico, autores como Francisco Doratioto (2002); Luiz Octávio de Lima (2016); Ana Paula Squinelo (2014 – 2015 – 2020); André Mendes Salles (2020) entre outros, são pertinentes a fim de que possamos observar como o saber histórico sobre a guerra está sendo construído. Em seguida, realizar-se-á uma breve discussão no que tange a relação presente entre o que os historiadores constroem sobre a Guerra do Paraguai e o que se aprende sobre ela na escola.

Dito isso, a intenção é discutir questões que orbitam o conteúdo Guerra do Paraguai, como por exemplo: até que ponto a produção historiográfica acadêmica chega ao ambiente escolar? Quer dizer, o que é produzido na academia está sendo enfática ou minimamente discutido nas salas de aulas do Brasil? O saber histórico e escolar sobre a Guerra do Paraguai chega às salas de aula de modo atualizado, haja vista os avanços nos estudos a respeito dessa temática? Quais são os principais autores abordados para discutir o conteúdo Guerra do Paraguai? São inquietações como essas que devem nortear a construção dos saberes históricos quando voltados para o campo escolar.

A produção do conhecimento científico brasileiro acerca da guerra do Paraguai na contemporaneidade

As guerras estão presentes desde tempos remotos na sociedade, e devemos entendê-las de acordo Antônio Horta Fernandes (2021, p. 100) como “a violência generalizada entre conjuntos políticos em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim nos limites da política”. Diversos são os motivos pelos quais grupos distintos entram em guerra uns com os outros. Nem sempre podemos ou devemos tentar explicar os motivos de uma guerra, se é que estes podem ser justificados. Sobre isso, aprendemos com Luiz Octávio de Lima (2016) que em uma guerra “a única vitória possível a se comemorar é o cessar-fogo final, que leve a uma paz duradoura para ambos os lados”. Afinal de contas, uma ação que coloca seres humanos guerreando até a morte ou rendição do outro não deveria ter um motivo justificável.

A guerra é sempre em relação ao outro e ao que imagina-se e/ou espera-se deste. Demétrio Magnoli (2007) apresenta em *História das Guerras* que cada guerra deve ser entendida como um fenômeno que apresenta características únicas e que, ao mesmo tempo, dialogam entre si.

O autor mostra que em relação a possíveis motivos para se guerrear:

Os gregos guerreavam em nome da virtude, os “bárbaros” germânicos e os cavaleiros das estepes asiáticas, em nome do saque. Os cruzados lutaram em nome da Terra Santa por Deus e pela Igreja. Os franceses e protestantes alemães combateram o império Habsburg portando o estandarte da monarquia secular. Napoleão Bonaparte marchou sobre a bandeira do império. A glória nacional animou o exercito prussiano de Bismarck; o “Reich de mil anos”, a *Webrmacht* de Hitler. Os vietnamitas enfrentaram a França e os Estados Unidos para conseguir a independência e a soberania. Os Árabes e israelenses bateram-se por fragmentos de território. (MAGNOLI, 2007. p. 15).

Desse modo, pensar a guerra ou a história delas é sobretudo entender que trata-se do gênio humano quando aplicado à destruição, como destaca ainda o autor. Destarte, discutir a Guerra do Paraguai em sua amplitude é antes de qualquer coisa ter noção de que este episódio foi um marco decisório em relação à formação das nações no continente latino-americano. Isso fica ainda mais evidente quando em consonância com a geopolítica expansionista que visava delimitações de fronteiras e domínios de mercados externos. Diversos são os interesses quando o assunto em voga é a produção de uma historiografia que busque responder a questões ainda em aberto sobre este conflito, sobretudo quando coloca “civilização e barbárie” frente a frente, (JUNIOR, 2017, p. 95).

Os interesses do Brasil, da Argentina e do Uruguai, por exemplo, são diferentes quando do estopim da contenda. Se por um lado observa-se as incursões do Império do Brasil nas relações políticas do Uruguai, por outro, surgem as questões de um Uruguai querendo formar sua identidade nacional após vitória na Cisplatina. O que o deixou dividido entre dois partidos políticos, os Blancos formados por liberais e os Colorados de caráter mais conservador.

Arelado a isso também está o fator das relações externas quando voltadas para cada nação em estado de beligerância. Diversas questões surgem sempre quando se propõe a pesquisar sobre o conflito platino, umas procuram explicar as causas, outras buscam realizar um balanço das perdas do ponto de vista das vidas humanas que foram ceifadas nos campos de batalhas, outras buscam ainda produzir uma história militar da guerra e por diante. Outro ponto de destaque em relação a isso é a indagação acerca de quais foram os motivos que

levaram o império do Brasil a intervir nos assuntos políticos na antiga República Oriental do Prata, o atual Uruguai? (MAESTRI, 2020, p. 118). Expansionismo ligado às relações político-econômicas. Como pode-se notar, o leque de possibilidades frente às investigações sobre a Guerra do Paraguai é um tanto quanto vasto e possibilita ainda traumas que estão presentes no imaginário das nações em conflito, sobretudo para o Paraguai que até hoje reclama troféus de guerra obtidos pelo Brasil.

Neste sentido, quando discorrido sobre o que foi o conflito platino na perspectiva acadêmica há que se lembrar que Vanessa Lehmkuhl Pedro descreve este evento ao lado da guerra da Criméia. A autora diz em relação à duração são os dois maiores eventos bélicos já ocorridos entre nações em um espaço de tempo entre 1815 e 1914, (PEDRO, 2001, p. 11). Desse modo, tendo em vista as interpretações que o evento tomou no pós-guerra, apresentaremos uma discussão acerca do modelo historiográfico brasileiro que atribui significados ao conflito durante os mais de cinco anos de embates de acordo com a produção historiográfica do século XXI. Neste sentido, procurou-se observar como a historiografia acadêmica produziu o saber histórico concernente ao conflito platino, bem como, discutir a relação presente entre historiografia acadêmica e escrita didática da História sobre esta guerra.

Embora as discussões sobre o conflito platino pareçam está ganhando destaque nos últimos anos, e sendo propostas frentes para a ponderações na questão didática, é necessário lançar questionamentos a respeito das várias versões que a historiografia brasileira construiu ao longo de um século e meio desde o cessar fogo nos campos de batalhas sobre este fatídico episódio. Apesar do que se produz sobre este conflito, pouco ainda parece ser o destaque no que tange outras visões para o campo didático que possa trazer os olhares das demais nações.

Ana Paula Squinelo (2020), ao discorrer sobre as formas que as representações do evento foram tomando ao longo da história, tanto em suas explicações como em sua própria nomenclatura, como por exemplo, Guerra da Tríplice Aliança ou Guerra Guasu¹⁷, mostra que:

¹⁷ O termo do guarani significa “grande” como já destacou Costa (2015) em seus trabalho **Guerra Guasú: um retorno às abordagens jornalísticas nos portais mais acessados da Tríplice Aliança e do Paraguai**. Disponível em: <cristinamgomes,+PDF-+ARTIGO+2.pdf>. Acesso em 04 de fevereiro de 2023.

O termo é utilizado também por pesquisadores paraguaios como nomenclatura para referir-se ao conflito travado contra o Brasil, Argentina e o Uruguai. A pesquisadora Ana Paula Squinelo pontua que a pluralidade em sua terminologia está relacionada à falta de consenso entre os historiadores. Para mais informações indica-se o trabalho a seguir, da autora supracitada: **A Guerra Guasu na construção da identidade nacional no Paraguai (2020)**. Disponível em: <A Guerra Guasuna construção da identidade nacional no Paraguai.pdf>. Acesso em 04 de fevereiro de 2023.

Bem como o artigo também da mesma autora intitulado: **O que as narrativas didáticas de história contam sobre a Guerra Guasu 150 anos depois? Mulheres, crianças, negros e indígenas em uma mirada**

De seu término e passados os 150 anos do conflito, a Guerra Guasu, foi alvo de inúmeras e diferenciadas (re)interpretações, seja pela produção das escritas de si (memórias, cartas, reminiscências, diários), pelas obras históricas e historiográficas sobre o tema, seja pela produção de uma historiografia didática que se debruçou sobre este assunto. Em seguida ao seu término - ocorrido em 01 de março de 1870 - muitos memorialistas, militares ou não, elaboraram suas interpretações sobre aquele passado histórico recente. Tais interpretações influenciaram em grande medida a produção didática sobre o assunto. (SQUINELO, 2020, p. 244).

Apesar de inicialmente a autora trazer para uma interpretação acadêmica, passando pela produção memorialística, ela nos informa ao discorrer sobre o tema que em uma visão didática no Brasil, foram a partir dos manuais didáticos de Joaquim Manoel Macedo (1905) e de Rocha Pombo (1917, 1925 e 1960) respectivamente, que começaram a ampliar os horizontes a respeito da contenda platina (SQUINELO, 2020). Não obstante, pontua também que no país Guarani, as discussões sobre o evento começam a partir dos escritos de Teram e Gamba – escritores de livros didáticos do Paraguai, (1920). Existe a partir daí ideias que procuraram mesclar os eventos às formas didáticas que foram tomando de acordo com a escrita escolar. Muito ainda merece discussão a respeito da contenda platina. Sua nomenclatura permanece um século e meio depois de seu fim como ponto de interesse no que tange a falta de um consenso.

A construção da historiografia a respeito desse tema é tão múltipla que ao discorrer de sua nomenclatura Squinelo (2015) destaca o seguinte:

O conflito denominado oficialmente no Brasil de Guerra do Paraguai (1864-1870) foi, ao longo dos séculos, alvo de inúmeras e diferenciadas manipulações históricas e historiográficas. O próprio nome carrega múltiplos sentidos e significados: **Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Guerra Grande, Guerra Platina, Grande Guerra, Guerra da Tríplice Aliança, Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai, Guerra Guasú e Guerra Total** são alguns exemplos. (SQUINELO, 2015, p. 922). (grifo nosso).

Observa-se que, como constatou a autora, várias são as interpretações no que se refere à nomenclatura no tocante a Guerra do Paraguai. Isso em parte pode ser explicado pelo fato de que “reflete a falta de consenso hermenêutico entre os pesquisadores e os incômodos políticos e ideológicos que provoca sua evocação” (SANSÓN CORBO, 2015, p. 955). Flávia Eloisa Caimi e Fabiano Barcellos Teixeira acrescentam a isso que a Guerra do Paraguai “tem interpretações bastante complexas e, por vezes, divergentes”, no que tange a isso, é válido

atentar para o fato de que tais entraves possam ser preocupantes quando focado nos livros didáticos, afinal, é por meio desses recursos que ocorre o contato e aprendizagem dos eventos sobre o passado na sala de aula.

Nesse sentido, os autores destacam que:

Os motivos do conflito, o estopim, seus principais atores, as consequências, até mesmo a sua nomenclatura (Guerra do Paraguai, Guerra da Tríplice Aliança, Grande Guerra) são questões respondidas das mais diversas formas, ao longo de décadas de investigação sobre o assunto. Essa complexidade historiográfica toma proporções ainda maiores quando focalizamos sua presença no livro didático de história (LDH). Isso porque o LDH figura, no atual cenário educativo, como elemento fundamental das políticas educacionais públicas, das práticas didáticas, da constituição e transmissão dos saberes e da cultura escolar. (CAIMI e TEIXEIRA, 2013, p. 68).

Assim, historiografia e cultura escolar¹⁸, embora escrevam a História seguindo uma lógica diferente, estão próximas quando dispõem da exposição dos conteúdos. A escrita acadêmica emprega-se de um maior cuidado e zelo no que diz respeito à procura e manuseio das fontes, no sentido de aplicar um método científico em sua execução. Este fazer historiográfico está voltado para seus pares, ou seja, para futuros pesquisadores e a fins. Por outro lado, a escrita da história levando em consideração a Cultura Escolar, elabora também a construção sobre o passado, no entanto, esse fazer histórico faz uso de práticas e métodos para a escrita escolar. Refere-se nesse sentido, para as questões que permita a elaboração de recursos e meios que possibilitem o contato com matérias escolares a fim de garantir que estudantes das mais variadas idades, credo, etnia, sexo, gênero ou classe social, tenham contato indireto com os acontecimentos passados. Pensando o conteúdo Guerra do Paraguai enquanto conhecimento escolar, é a partir da cultura escolar que alunas e alunos de todo Brasil têm conhecimento desse conflito, e, é por meio dos livros didáticos que os saberes referentes ao conflito são construídos.

Nesse sentido, André Mendes Salles ao apresentar o conflito platino numa perspectiva didática mostra que este episódio na história da América Latina está para além da forma acadêmica da escrita da história. Para ele, é importante perceber que houve consequências significativas no que representa os países envolvidos nos mais de cinco anos de peleja. Fato

¹⁸ A cultura escolar pode ser entendida segundo Dominique Júlia como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)”. In: JÚLIA, Dominique. **A Cultura Escolar como Objeto Histórico**. Revista brasileira de história da educação nº 1 jan./jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749/20279>. Acesso em 15 dezembro de 2022.

esse que não se problematiza com maior ênfase na escrita didática nacional, minando em ponto a compreensão do fatídico episódio.

Ao falar sobre o assunto em perspectiva que mostra como a Guerra do Paraguai é posta pela narrativa histórica, destacando as consequências desse conflito para os países vencedores, André Mendes Salles mostra que:

Em 2020, completam-se 150 anos do final de um dos maiores conflitos armados da América Latina. A Guerra do Paraguai, como é hegemonicamente denominada pela historiografia brasileira, ou Guerra da Tríplice Aliança, mais comumente designada pela historiografia paraguaia, em seus cinco anos de conflito, trouxe consequências importantes para os países envolvidos. Para o Paraguai, os desdobramentos foram mais graves, a ponto de alguns estudiosos sinalizarem para um genocídio, chegando a descreverem o país, após a guerra, como um lugar de crianças, idosos e mulheres (Chiavenato, 1983). Para o Brasil, país vencedor da contenda, podemos também sinalizar relevantes consequências geradas – ou acirradas – pelo conflito, a exemplo da dependência externa em relação à Inglaterra, bem como do aguçamento de contradições internas, relacionadas à escravidão e ao regime político imperial. (SALLES, 2020, p. 111).

É importante perceber que a apresentação exposta neste trabalho diz respeito à escrita escolar sobre o conflito platino apenas na interpretação brasileira que promoveu ao longo do discurso histórico a construção a respeito do conhecimento escolar relativo à contenda. Ou seja, apresenta-se uma discussão que visa compreender a forma como as narrativas históricas do Brasil, presentes em livros didáticos específicos produziram e propagaram o saber a respeito do conflito platino. Nesse sentido, Jardim (2016) aponta que existem problemas quando procura-se realizar análises acerca dessa guerra, sobretudo do ponto de vista a ter os livros didáticos como fontes. Isso se dá por uma questão peculiar que não aparece em destaque quando se pretende discutir o conflito em questão. Não é realizada uma apresentação dos países em beligerância no pré-guerra, o que dificulta o entendimento acerca da história e da formação desses países.

Nesse sentido, ele nos diz que:

Um dos grandes problemas das análises sobre a Guerra do Paraguai, em geral, e mais especificamente em relação aos livros didáticos, é o silêncio sobre a história dos países envolvidos, no pré-guerra. Compreender a História, de forma global e estrutural só é possível se nos detivermos em entender a história social, política e econômica, por exemplo, de forma ampla, de maneira que nos permita enxergar o lugar como um todo, e não fatiado, dificultando o entendimento global dos processos históricos. (JARDIM, 2016, p. 21).

Posto assim é necessário que haja na construção dos saberes históricos, a tentativa de mostrar as condições que cada sociedade apresenta em sua organização. Isso serve para que seja possível compreender as nuances que acabam colocando nações diferentes em embates.

Levando em consideração as celeumas a respeito das narrativas sobre o conflito platino, uma vez que os estudos sobre este tema geram cada vez mais debates na produção acadêmica, Caimi e Teixeira (2013) mostram que “a maior guerra já ocorrida na América Latina que envolveu diretamente Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, entre 1864-70, tem interpretações bastante complexas e, por vezes, divergentes” (CAIMA; TEIXEIRA, 2013, p. 68). O que nos leva a acreditar que estas divergências podem chegar também ao ambiente escolar, dificultando o aprendizado sobre o tema. Ainda sobre isso, quando observadas as produções sobre a guerra, os autores dizem que diversas são as respostas que surgem para a mesma pergunta quando relacionadas aos motivos para a guerra nas décadas de estudos sobre este evento.

Em trabalho intitulado “*A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações*”, André Mendes Salles procurou identificar e analisar as versões historiográficas sobre este conflito, destacando como cada vertente aponta as causas para o início da guerra. A respeito das correntes históricas que procuram atribuir significados a tal guerra, o autor aponta que “em nossos estudos, localizamos quatro perspectivas historiográficas brasileiras em relação à Guerra do Paraguai: a *memorialístico-militar-patriótica*, a dos *positivistas ortodoxos*, a *revisionista* e a *neo-revisionista*” (SALLES, 2014/15, p. 30). Cada perspectiva supracitada atribuiu significados para esta guerra de modo que o conhecimento histórico a respeito de tal evento pudesse ser moldado de acordo com preceitos do tempo de cada produção. Assim, os motivos que deram início ao maior conflito bélico ocorrido na América do Sul recebem interpretações diferentes, um tanto distintas de acordo com essas vertentes históricas.

Corroborando com o autor citado, Caimi e Teixeira (2013), nos revelam a respeito dos estudos sobre a guerra do Paraguai, um cenário onde as pesquisas sobre esta contenda estão “em quatro atos de características bastante distintas: 1) *tradicional militar patriótico*; 2) *crítica positivista*; 3) *revisionismo de esquerda*; 4) *neo-revisionismo ou historiografia moderna*” (CAIME; TEIXEIRA, 2013, p. 69). Há que se perceber que as vertentes em questão, tanto as apontadas por André Mendes Salles, quanto as que trouxeram Caimi e Teixeira precisam ser compreendidas de modo que seja possível entender que estas foram produzidas em diferentes épocas. Ou seja, surgiram em distintos momentos da produção historiográfica brasileira.

Essas vertentes procuraram, ao longo dos mais de 150 anos após fim dos embates, construir o que hoje conhecemos como Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Suas produções, no caso da escrita militar, voltaram-se para fontes angulares do dia-a-dia de guerra, como cartas e diários de oficiais, bem como também, a um vasto corpus documental, relacionada à escrita atual sobre este conflito.

A respeito das etapas que construíram o saber histórico sobre o conflito, Caime e Teixeira (2013) trazem uma explicação em relação às quatro perspectivas historiográficas que atribuíram significados à contenda.

A primeira etapa corresponde ao período imediato ao pós-guerra até aproximadamente os anos de 1930. Nela predominaram análises patrióticas acerca das efemérides nos campos de batalha e da arte da guerra, com pouco aprofundamento sobre as causas do conflito, as sociedades e combatentes envolvidos. No mesmo período pode-se identificar a segunda etapa, quando os positivistas ortodoxos, defensores do republicanismo, organizados no Apostolado do Rio de Janeiro, combateram as razões da guerra do Império do Brasil contra o Paraguai. Nos anos de 1960-80, inaugura-se a terceira etapa, em que o revisionismo de corte marxista privilegiou o estudo sobre as diversidades das formações sociais dos quatro países diretamente envolvidos no conflito, destacando um Paraguai com relativo autodesenvolvimento, aspecto que seria contrário aos interesses do capitalismo inglês e das camadas dirigentes da Argentina e do Brasil. Por fim, nas últimas três décadas, identifica-se uma quarta etapa, cuja tendência é considerar o conflito como produto manifesto das contradições políticas das quatro nações do Prata, procurando desqualificar a anterior produção revisionista, caracterizada então como ideológica e não científica, e buscando avançar nos diversos significados do conflito (CAIME; TEIXEIRA, 2013, p. 69).

As quatro formas de explicar o conflito, apesar de fazer uso de fontes diferentes, procuraram explicar as causas e possíveis desdobramentos dos anos de pela. No entanto, foca-se na perspectiva de uma escrita dos vencedores, ou seja, mesmo levando em consideração fontes diversas e, conseqüentemente interpretações que possam divergir, a escrita que se tem ainda está baseada em uma ótica de acordo com a produção dos ditos “heróis de guerra”, dos vencedores. Pondo assim em evidência a produção brasileira sobre a guerra.

Junto a isso, existe também a prerrogativa de que ao falar sobre este acontecimento, que na visão de alguns surge como um marco no que concerne a consolidação das identidades dos países envolvidos, está também à relação de “as explicações e análises historiográficas referentes ao conflito platino nunca foram consensuais, ao contrário, se delinearam e serviram aos diferentes projetos políticos ideológicos dos países que se envolveram na contenda” (SQUINELO, 2014, p. 264). Desse modo, percebe-se que a produção sobre a guerra gira em

torno dos interesses políticos que buscaram moldar o conhecimento pretendido, seguindo os interesses dos grupos dominantes.

Sobre a produção que este conflito recebeu após seu fim em um caráter ufanista, Ana Paula Squinelo mostra que:

No Brasil a temática envolta a Guerra do Paraguai foi objeto de interesse investigativo desde seu término. Após a década de 1870 proliferou uma produção do conflito que estava ligada a escrita de uma história de viés positivista e produzida, em sua maioria, por protagonistas do conflito. Tais análises privilegiaram os aspectos políticos, diplomáticos e estratégicos como eixos explicativos da Guerra: descrição das batalhas, estratégias de combate, atuação de comandantes, por exemplo, são temas correntes nessa interpretação. Neste contexto buscou-se legitimar a atuação do Império brasileiro na Guerra e, ao mesmo tempo, construir uma ideia negativa e pejorativa do Paraguai e de seu governante Francisco Solano López. (SQUINELO, 2014, p. 264).

Este modelo de historiografia produzido por aqueles que combateram nos campos de batalhas, servia para colocar o país guarani como um agente agressor que necessitaria de repressão por seus atos hostis. Esta produção do imediato pós-guerra recebe o nome de corrente Memorialística-militar-patriótica e foi produzida por militares após a década de 1870. A produção historiográfica desse período levou em consideração as correspondências de guerra, oficiais e não oficiais – cartas, diários dos soldados, anotações de estratégias entre outras para conhecer o cotidiano de guerra, os planos de batalhas e os caminhos a serem seguidos.

A historiografia patriota procurou com seus escritos exaltar a atuação do exército brasileiro em campo de batalha, para tanto, figuras como o Duque de Caxias receberam destaque por sua atuação na condução das forças aliadas além de enaltecer o patriotismo (SILVA; PAULA, 2011, p. 117). Esses estudos procuraram atribuir a culpa da guerra ao Paraguai. Quando observado a produção acadêmica voltada para a Guerra do Paraguai, Fabiano Barcellos Teixeira aponta o crescimento historiográfico sobre o conflito.

Sobre isso, o autor diz que:

Nos últimos anos, disseminaram-se estudos e publicações sobre a chamada guerra do Paraguai. Apesar disso, o tema está longe de ser pacificado pela historiografia especializada. O conflito entre a Tríplice Aliança formada pelo Império do Brasil, pela Argentina e pelo Uruguai contra a República do Paraguai, entre 1864-70, tem recebido interpretações bastante divergentes ao decorrer da história. O aumento de competentes trabalhos sobre este tema divide espaço com análises ufanistas e superficiais que pouco acrescentam ao conhecimento histórico e científico (TEIXEIRA, 2020, p. 9).

Ao discorrer a respeito da escrita histórica sobre este conflito, o autor pontua que ao passo que houve um crescimento no número de trabalhos acerca da guerra, também aumentaram os debates a respeito das narrativas de cunho ufanista ligada à defesa e enaltecimento nacional. Se a historiografia diverge em sua escrita, também é diferente a forma que se aprende sobre a guerra. Destarte, ainda quando direcionado olhares na tentativa de entender a construção militar-patriótica, é possível identificar que esta narrativa legitimou a ação do Império brasileiro frente à agressão realizada pelo país guarani em Mato Grosso.

Devemos nos lembrar de que quando falamos da escrita histórica facilmente podemos identificar que os traumas do passado têm espaço na agenda do presente. Direcionando isto ao evento platino, podemos dizer que a cada nova produção existe algo novo a ser dito. Portanto, é aqui onde voltamos ao que nos ensinou Francisco Falcon (2011) quando argumentou a respeito da não auto-explicação dos acontecimentos históricos. O que nos coloca na condição de ter que compreender as pressões presentes em torno dos acontecimentos históricos, uma vez, servindo a uma visão ideológica:

De formas distintas, abordam a sociedade, a economia e a cultura, quase sempre em busca de determinações ou fatores não políticos importantes ou essenciais para a compreensão/explicação dos processos políticos. A própria história política vê-se então enriquecida pela inclusão de questões que, além de políticas, são também, antes de mais nada, sociais e ideológicas (FALCON, 2011, p.66).

Os estudos sobre este conflito apresentam-se de maneiras distintas, tanto é, que quando analisada sua nomenclatura encontramos autores que preferem utilizar o termo que já foi cunhado pela historiografia brasileira, Guerra do Paraguai. No entanto, isso não surge de maneira unânime. Gabriel Ignacio Garcia (2014, p. 17) nos diz que há pesquisadores que utilizam outra terminologia, como Guerra da Tríplice Aliança.

Onde:

A própria nomenclatura “guerra do Paraguai” é problemática. Enquanto a maioria dos autores a utilizam, outros preferem intitular o conflito de outras maneiras. Dentre os títulos mais comumente empregados encontra-se: “Guerra da Tríplice Aliança”, “Guerra contra o Paraguai”, ou ainda, “Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai”. Alguns estudiosos utilizam mais de uma nomenclatura, como é caso de Luiz Souza Gomes (1966) que em seu texto usa tanto “Guerra das quatro nações” como “guerra do Paraguai”.

O mesmo autor faz destaque para a produção acerca da primeira corrente histórica sobre o conflito. Nesta ocasião, ele nos mostra que a corrente tradicional ou patriótica

enalteceu grandes figuras do exército. A reescrita sobre este conflito começa a ter novos horizontes segundo Marque (S.D), após os anos 1920. Neste período houve uma renovação do que entendia-se por fontes históricas com a Escola dos Annales. Um novo olhar foi direcionado ao documento que trazia algum sinal do passado. Desse modo, a produção do argentino Leom Pomer (1982), sobre a guerra serviu para mostrar que outras formas de ver a guerra deveriam ser levadas em consideração no que concerne à escrita da contenda.

No entanto, sobre essa nova forma de produzir conhecimento acadêmico a respeito da contenda, deve-se desenvolver análises no sentido de poder identificar quais eram essas novas formas de observá-la. Adriana Vargas Marques¹⁹ discorre em seu trabalho, “*Um exército invisível: a participação de indígenas na Guerra do Paraguai*”, sobre a discussão acerca de análises desse conflito por meio de uma ótica que busque atribuir significados à participação de grupos indígenas no cotidiano de guerra, descentralizando assim a escrita que evidencia os heróis brancos sobre o fato de que no tocante a produção historiográfica da Guerra do Paraguai terem recebido e ainda recebem destaque na produção.

Ela mostra que escritores como:

Leon Pomer, assim como José Chiavenato, Ricardo Salles, Francisco Daratioto, e tantos outros autores que tratam da Guerra do Paraguai, consideram como agente, como povo participante e imprescindível da guerra, apenas as nações brancas, ou seja, argentinos e brasileiros; no caso de Leon Pomer, principalmente argentinos. Não que os autores ignorem uruguaios e paraguaios, mas, apesar da intenção de revisar a história oficial, eles também não abordam a história da guerra contra o Paraguai a partir do prisma da participação de povos indígenas que se reconhecem enquanto nações indígenas e que não se enquadram nem como brasileiros, argentinos, uruguaios ou paraguaios, sem deixar de considerar outras peculiaridades da guerra evidenciadas nas discussões a respeito do papel das mulheres e dos negros, mas que, no entanto não compõem objeto desse trabalho. (MARQUES, S/D, p. 2).

A autora menciona que a produção do conhecimento sobre a Guerra do Paraguai por muito tempo esteve respaldada em uma escrita que negligenciou grupos que só surgiram após o desabrochar dos escritos pela História vista de baixo. A guerra do Paraguai moveu para além de tropas, sujeitos que buscavam alcançar a tão sonhada liberdade, como é o caso dos Voluntários da Pátria no Brasil.

Quanto à escrita histórica a respeito desse conflito, André Mendes Salles (2017), mostra que em relação ao que se sucedeu no campo historiográfico sobre a Guerra Platina,

¹⁹Pós-graduanda do curso de Especialização em Formação em História e Cultura Africanas e Afro-Americanas da Universidade Estadual de Goiás. Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal de Goiás. Licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás. Professora de História da rede privada de Goiânia. Disponível em <http://www.urutagua.uem.br/010/10marques.htm>.

houve uma produção que buscou atribuir novos significados às causas e consequências desse conflito caracterizando o surgimento de uma nova frente de estudos logo após o início da República no Brasil, a dos positivistas ortodoxos. Em seguida, ocorreu o surgimento de novos estudos que procuravam rever as causas da guerra. O revisionismo, como assim denomina o autor, surgiu após os anos de 1960 e seguiu com esta visão até a década de 1980, quando então emergem novas pesquisas sobre o tema e produziram discussões amparadas em maior documentação.

Estas pesquisas começam a surgir:

Em meados da década de 1980, em centros de produção do conhecimento histórico, começou a emergir uma quarta perspectiva historiográfica para tratar do assunto, que ficou conhecida, genericamente, como neo-revisionismo. Essa perspectiva aglutinou diversas pesquisas acadêmicas, com variados enfoques sobre o conflito platino, mas que apresentam algumas características em comum, como: (1) são pesquisas acadêmicas baseadas em farta documentação histórica; (2) questionam a participação e responsabilidade inglesa no conflito; (3) questionam o desenvolvimento econômico do Paraguai; (4) apresentam como razões para a Guerra os conflitos e interesses regionais. Destacamos aqui as obras dos professores Luiz Alberto Moniz Bandeira (1982), Alfredo da Mota Menezes (1982; 1998; 2012), Ricardo Salles (1990), Francisco Doratioto (1991, 2002a), André Toral (2001) e Ana Paula Squinelo (2002), apenas para registrar alguns exemplos. (SALLES, 2017, p. 26-27).

É no contexto das produções a partir da vertente neo revisionista apontadas por Salles que o trabalho em tela está amparado, pois, procura compreender como os discursos acerca dessa guerra foram construídos no século presente. Para tanto, o regresso às correntes históricas anteriores é importante a fim de compreendermos os contornos que as discussões sobre o conflito foram construídas.

Levando em consideração os novos escritos sobre a Guerra do Paraguai, é possível identificar trabalhos que procuram tornar visível o que para as correntes anteriores eram relegados. Assim, pesquisas como a de Paola Natalia Laux²⁰ intitulado “*Mulheres e guerra: um estudo de caso a partir do arsenal de guerra de porto alegre durante a guerra da tríplice aliança contra o Paraguai*” mostram que quando consultada a historiografia sobre outros sujeitos, como a presença das mulheres, esbarra-se em uma historiografia cunhada por homens de uma elite que não faz menção a participação feminina na contenda e, quando o faz é de forma pejorativa e com preconceito (LAUX, 2020).

²⁰ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Relações de Poder Político-Institucionais e licenciada em História pela mesma Universidade. Disponível em: <https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Acessado em 18/jan/2023.

Ana Maria Colling (2014) traça novos caminhos da pesquisa sobre esta guerra que está acostumada a ter a presença masculina como símbolo de dominação na história militar do conflito, política e econômica. A autora discute em uma abordagem que direciona atenção para a participação feminina na guerra. Na ocasião, o trabalho “*As chinas gaúchas: a invisibilidade do feminino na Guerra do Paraguai*” mostra que a respeito da escrita sobre a mulher na Guerra do Paraguai, segue as pegadas deixadas pela história feita masculina.

Assim, tem-se que:

A história das mulheres e das relações de gênero, revisita um conjunto de problemas – o poder, as representações, as imagens e o real, o social e o político, o pensamento simbólico, a fixação de identidades, enfim a marginalização, o esquecimento de sujeitos na história do ocidente. A falta de informações contrasta com a abundância dos discursos e das imagens, especialmente de musas e deusas – a mulher real e a mulher imaginária, da representação. Fazer a história das mulheres é chocar-se contra este bloco de representações que as cobre. A presença feminina na Guerra do Paraguai segue estes mesmos ditames, marginalizada, desqualificada, esquecida (COLLING, 2014, p. 8).

Como visto, os trabalhos que procuram discutir a Guerra do Paraguai no século XXI em outras perspectivas, indo para além da escrita tradicional que baseia suas glórias em ações de “grandes homens”, estão ganhando cada vez mais popularidade no campo historiográfico brasileiro. Além da escrita sobre as mulheres, como destacou Colling (2014), existem produções que voltam atenção para a presença de outros sujeitos atuantes neste conflito, como apontou Marques (S.D) em relação à presença indígena de diferentes tribos na guerra.

Se por um lado Marc Bloch nos ensinou que o historiador deve assim como faz o Ogro da lenda farejar a carne humana, pois sabe que ali encontra-se sua caça, por outro, devemos então permanecer em alerta, pois quando se trata dos estudos sobre o passado, múltiplas são as possíveis interpretações para um mesmo acontecimento. Ademais, se a historiografia produz mitos e heróis para atender interesses de grupos dominantes, também deve o historiador tornar público fatos que podem ser traumáticos para a sociedade. Neste sentido, a historiografia brasileira do século corrente vem tornando palpáveis questões que até então não estavam em discussão. Como é o caso dos militares e civis que retornaram da guerra com seus corpos mutilados – os inválidos da pátria, que foram entre 1865 a 1870 desmobilizados da guerra. Isso ocorreu em decorrência das “doenças crônicas ou mutilações de seus membros inferiores e superiores, e que se tornaram uma demanda social, grave, para ser resolvida pela administração pública” (FERREIRA; SOBRINHO, 2020, p. 99).

Com o retorno dos voluntários da pátria com seus traumas físicos e mentais, ocorreu uma mudança no *status quo* desses indivíduos. Passaram de personagens que partiram para defender a nação à categoria de inválidos da pátria. Ao discorrer sobre isso, percebemos que surgem novas frentes de pesquisas, como por exemplo, a forma como as mutilações foram adquiridas nos campos de batalhas.

A respeito dos inválidos da pátria, (GOMES, 2007, p. 51) destaca que:

Durante o conflito o inválido poderia ser temporário se sua doença ou ferimento exigisse meses de tratamento para ser curado convenientemente, o que tornava sua prestação do serviço militar inviável. Nessas situações, o sujeito era removido para as companhias de inválidos, enfermarias ou hospitais situados na rota que ligava o teatro de operações ao Rio de Janeiro, e neles, se tivesse restabelecido sua saúde em um breve período, conforme parecer de uma nova inspeção, era novamente transportado para a frente de combate, se não, encaminhado para a Corte e após mais uma avaliação médica, recambiado para sua província de origem. As companhias situadas na rota que ligava a Corte ao Paraguai tiveram duração efêmera, como muitos hospitais e enfermarias de que, infelizmente, só tenho poucas referências.

No contexto da atual produção acadêmica sobre o conflito platino, entendendo aqui para fins de discussão as produções que foram construídas nas últimas décadas, podemos perceber que avanços significativos estão surgindo. O discurso que nomeia personagens presentes na contenda está a cada dia ganhando mais espaço. No entanto, há que se destacar ainda que apesar desses avanços, pouco são os trabalhos na historiografia brasileira que procura analisar a guerra sob o viés das vítimas, as que perderam totalmente a vida e aquelas que minguaram por anos sem ter amparo do governo imperial. Parece que o mais interessante é apontar o cessar-fogo e atribuir culpas a respeito do agressor. De acordo com Doratioto (2007), a guerra do Paraguai pode ser entendida como um acontecimento que foi capaz de modificar a história das quatro nações envolvidas. O que permite o direcionamento de diferentes indagações acerca do que se pretende investigar, bem como, focar em personagens que até recentemente estavam à margem da escrita sobre esse conflito.

Ao falar sobre os participantes desse dessa, o autor nos diz que:

Os personagens principais da guerra foram, de algum modo, vítimas dela, mesmo os do lado vencedor. Francisco Solano Lopez morreu, Bartolomé Mitre viu seu candidato, Rufino de Elizalde, ser derrotado nas eleições presidências de 1868 e, nesse mesmo ano, Venancio Flores foi assassinado em Montevideu. No Brasil, Caxias voltou amargurado do Paraguai e Pedro II foi deposto. Foram vítimas além dos mortos em combate, os ex-combatentes que não conseguiram se adaptar à vida civil e os milhares de inválidos, de diferentes nacionalidades, que foram, no máximo, objeto de piedade, mas

não da proteção e do respeito de que eram merecedores. Os grandes vencedores com a guerra foram os comerciantes, principalmente os fornecedores argentinos de mantimentos e víveres para as forças aliadas, particularmente ao Exército brasileiro, e os fabricantes europeus de armas (DORATIOTO, 2007, p. 283).

A guerra do Paraguai ou Guerra contra o Paraguai suscitou na população brasileira em um primeiro momento o sentimento de defesa do Estado Nacional frente à agressão do país guarani liderado por Solano Lopez. Entretanto, segundo estudos recentes, este conflito despertou também um sentimento de repulsa em decorrência dos gastos e sua duração. Ao passo que esta guerra tornou-se longa, maior era a necessidade da integração de combatentes para compor as tropas, o que não agradou muito a população civil e de escravos, libertos e cativos. Doratioto (2002) destaca que a respeito das tentativas de cooptação da população civil houve “resistências ao recrutamento por todas as províncias”. O autor destaca ainda que a respeito da impopularidade da guerra ocorreram caçadas ao contingente a fim de trazer para os campos de batalhas os civis. (DORATIOTO, 2002, p. 265).

A escrita acadêmica sobre esta guerra esteve inicialmente ligada a gentes de alta patente que estiveram envolvidos no dia a dia durante os embates. Do imediato pós-guerra ao contexto atual, correntes distintas produziram a historiografia da guerra. Desde aquela que atribui culpa ao governo da República do Paraguai pelo início do conflito, ao passo que aquele país invadia o território brasileiro em dezembro de 1864, baseado em escritos do cotidiano de guerra ao novo fazer histórico com maior documentação (SALLES 2014-15).

É com a historiografia brasileira do século XXI, no que tange a Guerra do Paraguai, que passamos a enxergar novos personagens ganhando destaque no maior conflito do continente Sul-americano. Se até meados da década de 1980 as produções acerca desse tema giravam em torno dos grandes homens, personagens de destaques. É a partir desse momento que o saber histórico sobre o conflito adquire novas aspirações. A virada do século imprime no meio acadêmico, novos olhares sobre esta guerra. Novos personagens ganham espaço para que suas lutas sejam postas nos novos discursos. Como é o caso das mulheres, crianças, negros escravizados, indígenas entre outros. Os novos estudos procuram ainda questionar os discursos de heroicização de alguns personagens, apontando a violência cometida por ambos os lados, como procura complexificar a análise das causas, abandonando a perspectiva das culpas e explorando os múltiplos interesses em conflito que estiveram presentes.

A relação entre conhecimento escolar e historiografia acadêmica

Os eventos do passado hodiernamente chegam ao ambiente escolar por meio da principal ferramenta didática que professores e professoras têm para desenvolver suas aulas. O livro didático desse modo assume o papel de protagonista no que concerne às discussões sobre determinados acontecimentos que repousam no Clio ²¹ da memória. Além disso, quando posto ao lado do Ensino de História, eles podem ser entendidos como ferramentas que têm um “caráter ideológico e de uma dimensão política por serem ambos potenciais formadores de uma identidade nacional” (AFONSO, 2017, p. 94). O Livro Didático é composto pela historiografia escolar que atua na formação de identidades, e que contribuem para a formação da consciência histórica dos estudantes no que tange os lugares e como se orientam no tempo (OLIVEIRA; FREITAS, 2013).

Alguns autores chamam atenção para o fato de que no Brasil, é o Livro Didático “o mais conhecido e utilizado suporte que permite a circulação da historiografia didática” (OLIVEIRA; FREITAS, 2013, p. 7). Este recurso, no entanto, nem sempre carrega o(s) conteúdo (s) de modo que proporcione um aprendizado significativo para os estudantes que com ele têm contato. O que pode nas palavras de Cleberon Vieira de Araújo (2017, p. 28) provocar “um conhecimento fragmentado” sobre determinados conteúdos.

Não obstante, o tema Guerra do Paraguai surge na produção escolar brasileira de modo que pouco é possível realizar uma assimilação acerca dos mais de cinco anos de intensas batalhas. Ao citar Arantes (2013), Araújo (2017) mostra que quando direcionado discussões sobre este tema, os livros didáticos no Brasil:

(...) abordam o conflito de uma forma sucinta, apresenta um breve histórico dos antecedentes da Guerra, fala da falta de acesso ao mar que o Paraguai tinha, da intervenção brasileira no Uruguai na disputa entre blancos (apoiados pelo Brasil) e colorados (apoiados pelo Paraguai de López). Fala do aprisionamento do navio brasileiro Marquês de Olinda. Anuncia o dia 1º de maio de 1865 como da assinatura do Tratado da Tríplice Aliança. Aponta uma só batalha, a de Riachuelo, onde os paraguaios foram derrotados. Aponta o dia 1º de março de 1870 como final da guerra, com a morte de Solano López em Cerro Corá no Paraguai. Fala também do fortalecimento do exército brasileiro ao final da guerra. (ARAÚJO, 2017, p. 28 *apud* ARANTES, 2013: 10).

Isso nos revela que ao promover uma representação limitada sobre esse tema de acordo com a historiografia didática, está sendo realizado concomitantemente um ensino de História por vezes fragilizado no que cerne ao entendimento sobre o assunto. Destacamos

²¹ O termo diz respeito a evocação da memória em suas disputas.

aqui, que a produção acadêmica sobre o tema vem sendo atualizada hodiernamente. O que poderia vir a ser introduzido nos debates escolares tendo os livros didáticos como o recurso para tal. No entanto, há que se perceber que não se trata aqui de querer mais espaço nos livros didáticos para discutir a temática, mas sim, que as produções escolares possam minimamente acompanhar os avanços acadêmicos a respeito do assunto.

A escrita escolar em detrimento da Guerra do Paraguai parece estar ainda condicionada por velhos hábitos onde procura-se seguir um guia que deve ser levado ao pé da letra no que tange a “transmissão” desse conhecimento. É dessa forma que os conteúdos são selecionados para serem repassados em sala. André Mendes Salles (2019) mostra que quanto a suas escolhas “Os conteúdos históricos, ao se constituírem em conhecimentos escolares, são frutos de seleções, inclusive no que diz respeito à forma segundo a qual os mesmos serão abordados, não apenas em termos historiográficos, mas pedagógicos” (SALLES, 2019, p. 334). Desse modo, uma vez considerando a Guerra do Paraguai em suas dimensões, como um conhecimento escolar, sobre ele recai certa vigilância, seja no campo historiográfico ou ainda na escrita escolar sobre o assunto.

Outrossim, a medida que são estabelecidos percursos no que refere a uma tentativa de promover a compreensão dos acontecimentos por meio de História ensinada sem questionamentos, constrói-se também sujeitos despreparados para enfrentar situações onde exijam um conhecimento prévio. A respeito do conteúdo guerra do Paraguai não é diferente quando se trata da aprendizagem e consequente assimilação do tema. Há que destacar que quando relacionado ao conflito platino, “o historiador pode descrever a guerra, suas batalhas, o ápice e o declínio” (JÚNIOR, 2015, p. 70). É a partir disso que ao apontar a historiografia didática como campo onde se pretende conhecer os conteúdos a partir da aprendizagem histórica, deparamos com a premissa de que esta se dá também por meio dos silêncios em relação aos “esquecimentos”, onde:

[...] se pode ver o passado e suas distintas experiências do tempo como um modo de problematizar o presente, não de recolher os sentidos do passado a uma lógica do presente, mas o de poder questionar o presente desde a experiência do passado; e donde se pode ver o passado como uma abertura para o futuro, incerto e imprevisível, uma vez que a aprendizagem do passado pode ser uma força de criar um encontro com o outro, com a experiência ainda não catalogada que temos no presente. Trata-se, portanto, de pensar que a aprendizagem histórica se dá na hesitação diante do próprio presente, ensejada pelo estudo do passado (PEREIRA; RODRIGUES, 2017, p. 37-8).

Podemos assimilar disso, que mesmo os conteúdos estando prescritos por Parâmetros Curriculares, o que acontece na prática destoa da teoria. Assim é quando tem-se a Guerra do Paraguai sob a perspectiva didática. Ora, se a aprendizagem histórica pode ser compreendida a partir do esforço que se faz no presente em uma tentativa de compreender o passado, o que está distante, o mesmo deve-se fazer a respeito do conteúdo platino. Quer dizer, é através do olhar altero que novas discussões podem surgir a fim de atribuir significados ao que não conhecemos sobre a guerra.

Quando observado a construção do conhecimento por meio dos manuais analisados, compreendemos a partir da forma que o tema está apresentado que a historiografia escolar dos últimos anos, mesmo estando avançando no que diz respeito aos estudos e abordagem sobre a Guerra do Paraguai, ainda permanece centrada em fatos, datas e grandes personalidades. Isso nos revela que nas salas de aula do Brasil, sobretudo nos últimos vinte anos, a Guerra do Paraguai vem sendo discutida seguindo ainda uma lógica factualista. O que por vezes limita às discussões sobre este tema durante, tornando-o avesso ao processo de aprendizagem.

Esse desconhecimento é provocado pelas ausências, pelas lacunas que permanecem abertas em torno da produção escolar a respeito dessa guerra. Nesse sentido, é dever da História, seja ela, produzida por pesquisadores com pós-doutorado ou enquanto disciplina escolar ministrada por um (a) professor (a) que acabou de sair da Universidade, garantir os subsídios necessários para se compreender os eventos de caráter histórico-sociais. Afinal de contas, devemos combater as narrativas factuais que transitam nas salas de aulas (PEREIRA; RODRIGUES, 2017, p. 33). Sobretudo quando entendo que os livros didáticos atuam como “instrumento de seleção, guarda e transmissão de uma memória” (COSTA, 2008. p. 73). E esta memória permanece inalterada caso a escrita didática mantenha o distanciamento com as novas produções que giram em torno da Guerra do Paraguai.

Então, quando relacionadas à escrita acadêmica, as obras aqui analisadas apresentam um panorama geral que torna possível o entendimento acerca de questões-chave no que tange a Guerra do Paraguai. Fornecem informações para que seja possível identificar aspectos gerais desse evento, como os países envolvidos no conflito; Quem sagrou-se vitorioso (s); Quem foi o responsável ou responsáveis pela eclosão da guerra; Quando e como terminou; Quem são os principais personagens da guerra. Ou seja, as narrativas apresentam de forma branda o conteúdo em questão, mesmo havendo o desenvolvimento de novas abordagens sobre este. O que não ocorre na construção do saber histórico escolar sobre o tema na contemporaneidade, é a inserção desses estudos na sala de aula para que possa ser possível construir novos

conhecimentos com as (os) estudantes do país durante as aulas. É preciso fomentar a pesquisa em fontes diversas desde os níveis básicos de escolarização.

Portanto, há que se perceber uma questão importante em relação à historiografia didática, esta, carrega em suas nuances a prerrogativa de estar em contato dia após dia com milhões de estudantes em todo Brasil. Isso nos leva a indagar acerca de como estão sendo construídos e disseminados os conteúdos históricos em sala de aula. Será que o que aprendemos sobre a Guerra do Paraguai, por exemplo, está de acordo com os trabalhos desenvolvidos atualmente? O que nos garante que para além desse conteúdo outros estão sendo reproduzidos de forma factual e linear, seguindo uma disposição cronológica da História? São questões como essas que nos permitem refletir acerca da forma que conhecemos o passado e, conseqüentemente, realizamos nosso entendimento e atuação no presente. Por isso, historiografia acadêmica e historiografia didática ou escolar devem convergir a fim de desenvolver um Ensino e Aprendizado que possibilite a formação de sujeitos ativos e participativos nas questões escolares, sociais e políticas da sociedade.

CAPÍTULO III – NARRATIVAS ESCOLARES SOBRE A GUERRA DO PARAGUAI EM LIVROS DIDÁTICOS ADOTADOS EM NAZAREZINHO – PB 2010 – 2020

Alguns apontamentos

Milhares de jovens têm contato direto com os mais diferentes assuntos por meio do processo de ensino e aprendizagem praticado nas escolas de todo Brasil. Neste processo estão envolvidos diretamente, professores e professoras que planejam suas aulas e as executam em sala de aula, além da equipe pedagógica que atua nos planejamentos em conjunto com os mestres para montar um plano sobre os conteúdos que deverão ser ministrados durante o ano letivo.

É pensando na forma como os assuntos são trabalhados em sala de aula tendo como premissa que, os manuais didáticos são em sua maioria, a principal ferramenta utilizada para a execução das aulas, que o objetivo deste capítulo está disposto. Pois, procura-se apresentar uma análise em uma perspectiva comparativa das diferentes narrativas didáticas e as representações sobre a Guerra do Paraguai (1864 – 1870) presentes nos manuais didáticos mais usados nas escolas de educação básica de Nazarezinho – PB entre o PNLD de 2010 – 2020.

Espera-se com isso, comparar as narrativas com intuito de identificar mudanças e permanências no que tange o discurso escolar sobre o conflito platino. Desse modo, procura-se aqui analisar numa perspectiva comparativa as diferentes narrativas didáticas e representações sobre a Guerra do Paraguai nos livros selecionados, considerando: como essas narrativas são apresentadas, observando seus conteúdos e a forma em que se apresenta, onde aparece. Observando quais são as estratégias didáticas para a construção de conhecimento sobre o tema. E qual é o tipo de conhecimento e de concepção sobre este tema que se procura construir na última década do século em curso.

O critério usado para realizar a seleção dos livros didáticos para as análises está de acordo com a distribuição desses manuais pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD. Assim, levou-se em consideração três escolas como campo de atuação. Os livros foram selecionados obedecendo a sua maior usabilidade nas escolas de acordo com o programa nos últimos dez anos. Ou seja, serão analisados aqueles livros que tiveram maior adesão ao programa do PNLD entre 2010 e 2020 para a cidade. Sendo que estes livros foram direcionados para turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II e 2º ano do Ensino Médio.

Ressalta-se que, são nestas turmas onde está prescrito o conteúdo Guerra do Paraguai de acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

No que tange a BNCC, há que destacar que quando direcionada para o Ensino Fundamental II seu texto apresenta procedimentos que devem ser pautados no que diz respeito ao processo de Ensino e Aprendizagem. Nesse sentido, os três procedimentos tomados como guia neste processo devem pautar o ensino por questões, a saber:

1. Pela identificação dos eventos considerados importantes na história do Ocidente (África, Europa e América, especialmente o Brasil), ordenando-os de forma cronológica e localizando-os no espaço geográfico.
2. Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de uma ou várias linguagens.
3. Pelo reconhecimento e pela interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias. (BRASIL, 2020).

Quando pertinente, voltaremos a esses procedimentos a fim de observar se a escrita didática sobre a Guerra do Paraguai nos livros selecionados está seguindo o que orienta a BNCC. Além disso, também é de nosso interesse identificar se o que se diz sobre o conflito pode suprir o que espera-se em relação às habilidades propostas pela Base.

Dito isso, os livros didáticos estão dispostos da seguinte maneira: *Araribá Mais História* que pertence ao PNLD 2020 com direcionamento para as turmas de 8º ano do ensino fundamental anos finais; *Estudar História – Das Origens do Homem à Era Digital* de autoria da professora Patrícia Ramos Braick²² – compreendendo duas edições do PNLD presentes nos triênios 2014 a 2016 e 2017 a 2019, com edições voltadas para o 8º ano do Ensino Fundamental – anos finais; Seguindo a catalogação dos livros está o manual *Para Viver Juntos História* dos professores Anderson Roberti dos Reis e Débora Yumi Motooka, com indicação para o 8º ano do Fundamental II. No que diz respeito aos livros do ensino médio, analisou-se as seguintes obras: *Estudar História das Origens do Homem à Era Digital – da conquista da América ao Século XIX*, em duas edições para o ensino médio, publicadas entre 2013 e 2016.

Espera-se como isso, poder perceber como a construção dos saberes escolares sobre o conflito platino que envolveu diretamente: Argentina, Brasil e Uruguai contra o Paraguai foi

²² Mestre em História (área de concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora do Ensino Médio em Belo Horizonte – MG – 2015.

construído na última década do século presente nos manuais didáticos mais distribuídos pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didáticos entre 2010 a 2020 para escolas de Nazarezinho, Paraíba.

Materiais Analisados

Para executar as análises dos livros selecionados levou-se em consideração algumas questões que acreditou-se pertinentes no que diz respeito ao direcionamento das análises. A **tabela 4** mostra os livros didáticos analisados no capítulo três, já na **tabela 5** estão dispostas perguntas que foram levadas em consideração e direcionadas aos manuais analisados, com intuito de observar como está presente o conteúdo Guerra do Paraguai.

A intenção aqui é criar um guia para facilitar as discussões acerca da forma como tema Guerra do Paraguai é apresentado e que tipo de conhecimento sobre ele os manuais ajudaram a construir na última década em escolas da rede básica de Nazarezinho - PB. As obras adotadas na escola Manoel Mendes entre os anos de 2014 a 2019 são as mesmas utilizadas na escola Maria do Carmo Pedrosa Mendes para os anos em destaque, por isso não estão presentes na tabela, haja vista que não foi realizada a análise de forma repetida.

Tabela 4: Materiais didáticos selecionados para análises comparativas – 2010 – 2020 usados em Nazarezinho – PB.

Identificação	Materiais Didáticos para Análise	Escola Adotado/ano
Livro 1	ARARIBÁ MAIS HISTÓRIA. 1. ed.: São Paulo: Moderna, 8º ano.	E.M.E.F. Mª do Carmo Pedrosa Mendes – 2010 – 2013.
Livro 2	BRAICK, Patrícia Ramos. Estudar História – das origens do homem a era digital. 1 ed.: 8º. ano. São Paulo: São Paulo: Moderna, 2011.	E.M.E.F. Mª do Carmo Pedrosa Mendes – 2014 - 2016.
Livro 3	BRAICK, Patrícia Ramos. Das Origens do Homem Era Digital. 2 ed.: 8º. ano. São Paulo: FTD, 2015.	E.M.E.F. Mª do Carmo Pedrosa Mendes – 2017 – 2019.
Livro 4	REIS, Anderson Roberti dos, MOTOOKA, Débora Yumi. Para Viver Juntos História. 8º ano. 1 ed. São Paulo, 2009.	E.M.E.F. Manoel Mendes – 2011 – 2013.
Livro 5	BRAICK, Patrícia Ramos. MOTA, Myriam Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio – da conquista da América ao século XIX. 2º ano. 3º ed. São Paulo: Moderna, 2013.	E.C.I. Francisco Augusto Campos – 2014 – 2016.
Livro 6	BRAICK, Patrícia Ramos. MOTA, Myriam Becho. História: das cavernas ao terceiro milênio – da conquista da América ao século XIX. 2º ano. 4º ed. São Paulo: Moderna, 2016.	E.C.I. Francisco Augusto Campos – 2017 -2019.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Tabela 5: critérios adotados para as análises nos manuais didáticos selecionados

Critérios para análise do conteúdo dos livros em modo comparativo

1. Como aparece definido o tema “Guerra do Paraguai” no livro?
2. O tema é apresentado de forma clara e de fácil interpretação, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico por parte dos alunos?
3. Quais são os recursos didáticos utilizados para apresentar o conteúdo?
4. O que os livros em questão apresentam sobre as batalhas que ocorreram durante o conflito?
5. Quais são as referências que aparecem ao longo do texto ou no rodapé?
6. São identificadas no texto as consequências do fim da Guerra do Paraguai?

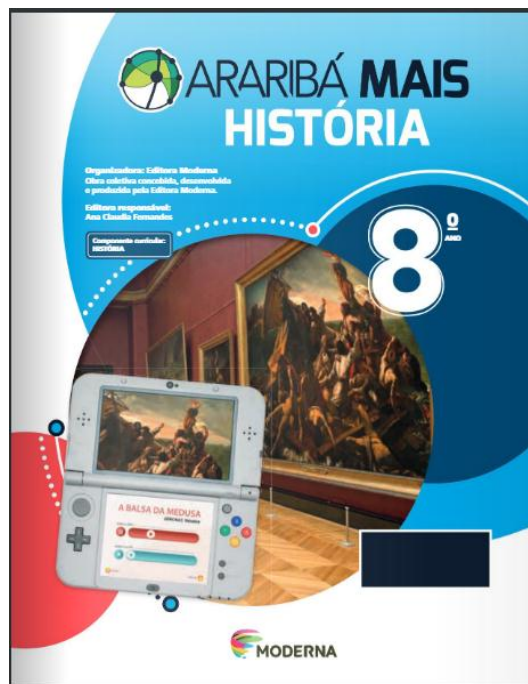
Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

O saber escolar sobre o conflito platino no Ensino Fundamental II – obras analisadas

Araribá Mais História – 2018

No que diz respeito ao manual didático *Araribá – Mais História* (**Figura 5**), uma obra que fazia parte do Projeto Araribá, que assistia alunos do Ensino Fundamental II com obras didáticas. Atualmente, o projeto está com nova cara, apresentando-se como Projeto Araribá Plus. O manual em destaque foi construído por vários autores e foi editado pela Editora Moderna, estando em sua 1ª edição e publicada em 2018. Vale ressaltar que esta obra foi distribuída pelo PNLD 2020 para escolas de todo Brasil.

Figura 5: Livro didático *Araribá Mais História* 8º ano Ensino Fundamental II.



Fonte: Moderna. Disponível em: <https://pnld.moderna.com.br/historia/arariba-mais/>.

Este manual traz o conteúdo Guerra do Paraguai já nos últimos capítulos, que quando somados, totalizam 19. O assunto em relação ao conflito Sul-americano aparece no capítulo 16 sendo que este está dividido em temáticas. No tocante à Guerra, levando em consideração o que está presente na obra, o principal fator para o início do conflito pode ser percebido em relação às “disputas pelo controle da Bacia do Prata, formada pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai” (ARARIBÁ, 2018, p. 208). Em relação a isto, assim como na obra de Alfredo Boulos, o manual didático *Araribá Mais História* também aponta as intervenções do Império

brasileiro na política externa do Uruguai e Argentina como influenciadores para a eclosão do conflito.

A respeito do real motivo para a deflagração do estado de Guerra, o manual apresenta o motivo mais conhecido, o sequestro do navio imperial Marquês de Olinda em 1864, ocasionado pelas constantes intervenções militares do Império nas relações políticas internas de seus vizinhos. Desse modo, para a narrativa didática do manual:

O Paraguai, governado por Francisco Solano López e aliado dos blancos, rompeu relações diplomáticas com o Brasil e, em novembro, aprisionou um navio brasileiro que seguia para Cuiabá. No mês seguinte, tropas paraguaias invadiram o Mato Grosso e pediram autorização do governo argentino para atravessar seu território e entrar no Rio Grande do Sul. Diante da recusa, Solano López declarou guerra à Argentina e atacou a província de Corrientes (ARARIBÁ, 2018, p. 208).

Observando a elaboração do discurso sobre as causas, chega-se ao episódio do aprisionamento da embarcação brasileira como motivo direto. Ao lado disso, os autores mostram que as investidas do Brasil nos outros países podem ser levadas em consideração no que tange aos motivos para se chegar ao cerne da discórdia. Destarte, lançado um olhar mais cauteloso a respeito da disposição do conteúdo quando relacionado ao número de perdas de vidas humanas para o lado brasileiro, percebe-se que nesta obra tem um quantitativo de 40 mil mortos da população brasileira, diferentemente do que trouxe Boulos (2018), quando nos mostra o número oficial de 23. 917 mortes. Nesta obra, não são mencionados dados acerca das perdas humanas de nossos vizinhos Argentina, Uruguai e Paraguai, o que limita as discussões sobre o assunto.

Em relação aos conhecimentos que foram construídos sobre o conflito ao longo dos anos, o manual didático mostra algumas vertentes históricas que escreveram suas formas de entender a Guerra do Paraguai. Para os autores dessa narrativa, as correntes historiográficas que lançaram estudos sobre o conflito limitaram-se no imediato pós-guerra por uma escrita dos ex-combatentes que pretendia enaltecer os heróis nacionais.

Nas palavras dos autores:

Na versão tradicional da historiografia brasileira, o conflito resultou da megalomania e dos planos expansionistas do ditador paraguaio Solano López. Membros das Forças Armadas – especialmente do Exército – encaram os episódios da guerra como exemplos da capacidade militar brasileira, exaltando os feitos heroicos de Tamandaré, de Osório e, em especial, de Caxias. [...] (ARARIBÁ, 2018, p. 210).

Confrontando a historiografia brasileira do pós-guerra, a escrita Paraguaia coloca que as causas do conflito resumem-se a pretensão de nações poderosas contra um pequeno país vizinho independente (ARARIBÁ, 2018, p. 210). No que diz respeito à historiografia brasileira, o texto aponta ainda a historiografia de esquerda centrada nos escritos do argentino Léon Pomer, onde teria existido a participação indireta da Inglaterra no conflito, pois esta temia o surgimento de um rival nos trópicos. No entanto, a narrativa nos apresenta uma bibliografia mais recente que contesta a escrita da história do argentino Léon Pomer. Para tanto, faz uso de pesquisa em perspectivas revisionistas, baseado na produção de historiadores como Francisco Doratioto, Ricardo Salles e Boris Fausto.

Tendo em vista as disputas historiográficas sobre o conflito:

Nos últimos anos, a partir de historiadores como Francisco Doratioto e Ricardo Salles, surgiu uma nova explicação. Não se trata da última palavra no campo da História, mas de uma versão menos ideológica, mais coerente e bem apoiada em documentos. Ela concentra sua atenção nas relações entre os países envolvidos no conflito. Tem a vantagem de procurar entender cada um desses países a partir de sua fisionomia própria, sem negar a grande influência do capitalismo inglês na região. Chama a atenção, assim, para o processo de formação dos Estados nacionais da América Latina e da luta entre eles para assumir uma posição dominante no continente (ARARIBÁ, 2018, p. 211).

As diferentes versões sobre o conflito acabam por demonstrar que no campo da escrita histórica, apesar de estarem comprometidos com a questão da imparcialidade, alguns pesquisadores por não terem contato com determinada fonte, acabam construindo um conhecimento que por vezes carece de questionamentos. É o caso da escrita sobre a Guerra do Paraguai, onde desde seu fim procurou-se construir saberes sobre o conflito que procurasse enaltecer o exército brasileiro. No entanto, novos estudos estão surgindo à medida que novas fontes aparecem.

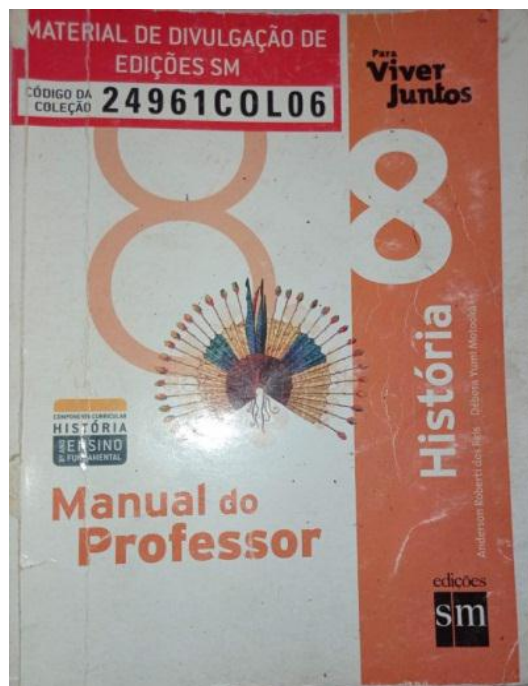
A narrativa presente na obra didática aponta horizontes para que a construção do conhecimento sobre o evento possa estar em constante movimento. Apesar de não propor um uso melhor para as imagens que aparecem com o conteúdo, esta narrativa percebe que não é possível compreender os mais de 5 anos de conflito olhando somente pela lente imperial. Há que se observar as produções históricas das demais nações nele envolvidas.

Para Viver Juntos História – PNLD 2011 – 2013

O livro didático *Para Viver Juntos História* (**figura 6**) foi o segundo aqui analisado. Ele faz parte do ciclo 2011 – 2013 do Programa Nacional do Livro e do Material Didático –

PNLD. Foi editado pelo grupo SM em 2009 e escrito por Anderson Roberti dos Reis e Débora Yumi Motooka²³. Sua organização está disposta em nove capítulos, e cada um contém as temáticas que serão discutidas durante o ano letivo. O capítulo relacionado à Guerra do Paraguai é o sexto (6º) que ao todo apresenta 28 páginas. Quando destinado espaço para apresentação do conteúdo referente ao conflito, observamos sua disposição em uma página (180).

Figura 6: Livro Didático *Para Viver Juntos História*.



Fonte: Acervo Pessoal Lucas Lima – 2023.

Ao discutir o estopim da contenda os autores apresentam dois motivos que em conjunto explicam as causas que levaram à guerra. Para eles, as causas do conflito foram “as disputas pelo controle da bacia do rio da Prata e a interferência do Paraguai, da Argentina e do Brasil na política interna do Uruguai” (REIS; MOTOOKA, 2009, p. 180). Os autores direcionam o entendimento acerca de quem deu o primeiro passo à luta para o líder do país guarani, Solano López quando em uma manobra de retaliação por causa da interferência imperial nas questões internas do Uruguai, ordena o aprisionamento do navio brasileiro Marquês de Olinda em dezembro de 1864.

²³De acordo com informações coletadas no próprio livro quanto à formação dos autores, observamos que Anderson Roberti dos Reis é: Bacharel e Licenciado em História pelas Faculdade Metropolitanas Unidas – FMU-SP. Mestre em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professor em escolas públicas, particulares e faculdades. Quanto a Débora Yumi Motook é Bacharel e Licenciada em História pela Universidade de São Paulo – USP e Professora de História em escolas particulares.

O manual traz informações vagas sobre as fases do conflito, fato este que somado a falta de discussão pode provocar a ausência de um pensamento crítico por parte dos estudantes. Com exceção da Batalha do Riachuelo, que é citada apenas para mostrar a retomada de controle da guerra pelas tropas aliadas, nenhuma outra aparece para discussão. Isso mina o aprendizado e ceifa os horizontes imaginativos dos alunos e alunas, pois, não há como fazer um exercício reflexivo sobre o que não se conhece.

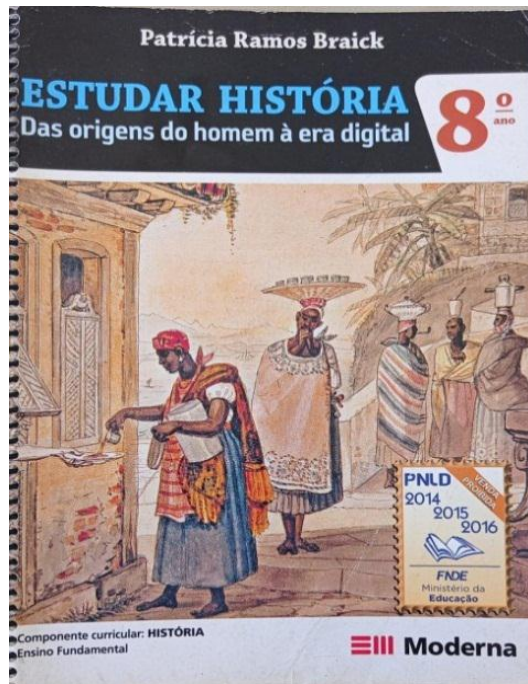
Estudar História – Das Origens do Homem à Era Digital – PNLD – 2014 – 2016

O manual didático (**figura 7**) apresenta-se em sua 1ª Edição sendo publicado em 2011 pela Editora Moderna – São Paulo e tem como autora a professora Patrícia Ramos Braick. O mesmo está voltado para ao componente curricular de História e aparece no triênio – 2014 a 2016 do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD. Este livro foi destinado a turmas de 8º ano do Ensino Fundamental, anos finais. Em sua composição existem quinze capítulos, apresentando um total de 288 páginas.

O conteúdo sobre a Guerra do Paraguai começa a ser apresentado na página 258 e termina na página seguinte, 259, como podemos observar na imagem (**figura 8**). O manual didático em questão quando explicando o assunto, mostra de início que este evento “é o maior e mais importante conflito ocorrido na América do Sul” (BRAICK, 2011, p. 258). Adiante, ao observar os caminhos que a autora percorre para realizar a discussão, percebemos que pouco surge que possa promover um entendimento satisfatório acerca do conflito e seus desdobramentos para as nações envolvidas. A primeira página é destinada praticamente em sua totalidade para explicar a condição do país guarani no pós-independência até a eclosão da guerra.

No que diz respeito ao conteúdo Guerra do Paraguai, podemos encontrá-lo no décimo quarto (14º) capítulo e contém o total de vinte e três páginas. A temática aparece nas páginas 258 e 259, como mostram as figuras abaixo.


Figura 7: Livro Didático *Estudar História das Origens do Homem à Era Digital 1ª edição*.



Fonte: Acervo pessoa Lucas Lima – 2023.

Na imagem a seguir, tem-se a disposição da temática no manual didático adotado na pesquisa. Note que sua apresentação está disposta em duas páginas.

Figura 8: – Conteúdo a Guerra do Paraguai



A Guerra do Paraguai (1865-1870)

Durante o Segundo Império, o Brasil se envolveu em um grave conflito contra o Paraguai, que durou quase seis anos e causou a morte de milhares de pessoas. A Guerra do Paraguai, ou Guerra da Triplíce Aliança, uniu Brasil, Uruguai e Argentina contra o Paraguai, no maior e mais importante conflito ocorrido na América do Sul.

O Paraguai antes da guerra

Desde sua independência, em 1811, o Paraguai enfrentou dificuldades para garantir seu espaço no comércio externo e nas relações com os países vizinhos. A Argentina não reconheceu imediatamente a independência paraguaia e dificultou a navegação dos paraguaios na Bacia Platina, formada pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai.

Sem saída para o mar e sem poder contar com acordos de navegação com a Argentina, o Paraguai iniciou uma política de desenvolvimento voltada para a autossustentação. O presidente José Gaspar de Francia, que governou o país de 1814 a 1840, aboliu a escravidão, deu início a um projeto de reforma agrária baseado na concessão de pequenas propriedades a trabalhadores rurais e investiu na educação pública e na formação de um exército capacitado e equipado. Incentivando o desenvolvimento interno, o Paraguai dependia menos do comércio externo.

Ao assumir o poder em 1840, o presidente Carlos Antonio López procurou romper o isolamento de seu país promovendo a construção de ferrovias e as exportações. Francisco Solano López, filho de Carlos, assumiu a presidência após a morte do pai, em 1862, e deu continuidade ao projeto de modernização do país. Porém, o Paraguai ainda dependia de acordos de navegação nos rios da Bacia do Prata para o escoamento de suas exportações, o que deixava o país à mercê de seus vizinhos, principalmente da Argentina e do Uruguai.

■ Eclode o conflito

No Uruguai, desde sua independência, em 1828, dois grupos políticos disputavam o poder: os *blancos*, grupo composto por proprietários rurais, e os *colorados*, do qual faziam parte, sobretudo, os comerciantes. Em 1864, por causa de interesses comerciais, tropas brasileiras invadiram o Uruguai e colocaram o *colorado* Venancio Flores na presidência, tirando os *blancos* do poder.

Aliado dos *blancos*, Solano López viu na vitória dos *colorados* uma ameaça à navegação dos navios paraguaios na Bacia do Prata, o que isolaria completamente o país. Por isso, rompeu relações diplomáticas com o Brasil, invadiu o Mato Grosso e aprisionou um navio brasileiro no Rio Paraguai. A partir desse acontecimento, o Brasil assinou com a Argentina e com os *colorados* uruguaios, em maio de 1865, o *Tratado da Triplíce Aliança*, pelo qual os três países declararam guerra ao Paraguai.


Bem preparado militarmente, o Paraguai obteve várias vitórias, forçando os governos aliados, sobretudo o brasileiro, a aumentar os seus gastos com a guerra, inclusive recorrendo a empréstimos externos. Muitos brasileiros foram forçados a se alistar no exército, e o governo imperial até prometeu alforria aos escravos que participassem da guerra.

No início de 1868, o brasileiro Luís Alves de Lima e Silva, então marquês de Caxias, assumiu o comando geral das forças aliadas. Aos poucos, suas tropas conquistaram várias vitórias, até a derrota final do Paraguai. Cercado em seu acampamento, Solano López foi morto por soldados brasileiros em março de 1870.

O Paraguai terminou o conflito arrasado, perdendo partes de seu território para o Brasil e para a Argentina e com sua população masculina praticamente dizimada. O país ainda foi obrigado a pagar indenizações de guerra, que só foram perdoadas pelo governo brasileiro em 1943, a exemplo do que havia feito o governo argentino.

O Brasil não obteve grandes vantagens com o conflito. Estima-se que cerca de 50 mil brasileiros tenham morrido na guerra, e a economia nacional ficou muito prejudicada, com grande endividamento e inflação alta.


■ A GUERRA DO PARAGUAI (1865-1870)




PARAGUAI
BRASIL
ARGENTINA

Legenda:
 ● Vila
 ■ Território paraguai
 ■ Território paraguai ocupado pelo Brasil
 ■ Território paraguai ameaçado pela Argentina

Fonte: Atlas Brasil 500 anos: atlas histórico. São Paulo: 196, 1996, p. 75.



■ A paraguai (detalhe), pintura de Juan Manuel Blanes, 1879. Museu Nacional de Artes Visuais de Montevideo, Uruguai. A obra representa a deslocação da pintura paraguai após a guerra contra o Brasil.

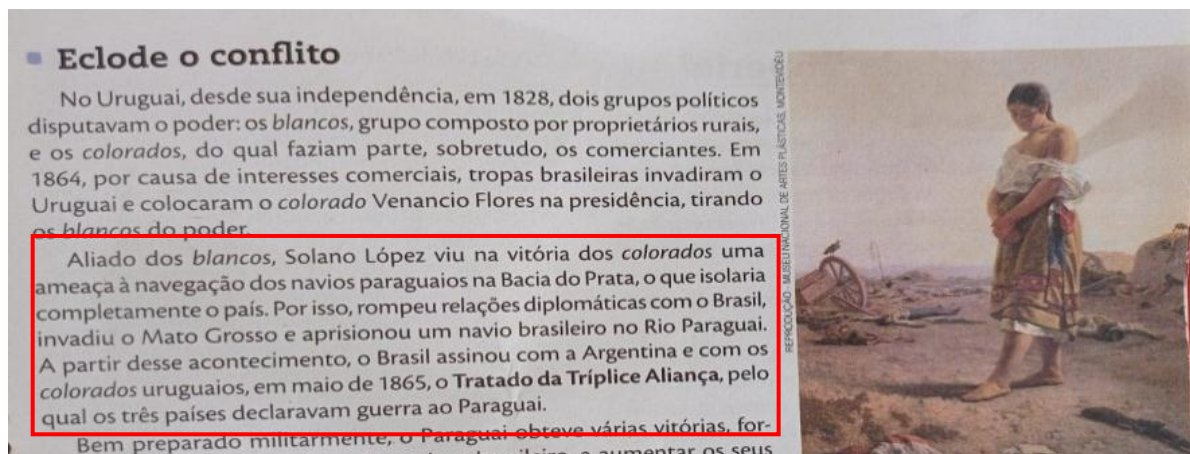


■ Charge sobre o recrutamento forçado para o exército brasileiro durante a Guerra do Paraguai. Arquivo do Estado de São Paulo. Imagem publicada no semanário cômico O Colosso, em 1866.

Fonte: Braick, 2006.

Quando a autora procura apresentar a eclosão do conflito, localizada na página 259, ela mostra a questão do intervencionismo imperial no Uruguai dividido entre o partido Blanco e o Colorado. O objetivo dessa ação era colocar no poder daquele país seus aliados, os colorados. No entanto, segundo esta narrativa, o líder do Paraguai, Solano Lopez não gostou da intromissão do Império do Brasil na política do vizinho, o que o fez invadir a província de Mato Grosso, no Brasil. Teria ele também aprisionado um navio brasileiro, o Marquês de Olinda²⁴ que navegava o Rio Paraguai. Por esta feita, de acordo com esta narrativa, não é o Paraguai que declara guerra, apesar de ter realizado aquelas ações. Para a autora, ao assinarem o tratado da tríplice aliança em maio de 1865, Argentina, Brasil e Uruguai declaram guerra ao Paraguai, como exposto na (figura 9).

Figura 9: – Motivo pela eclosão do conflito.



Fonte: BRAICK, 2011, p. 259.

O manual de Patrícia Ramos Braick aborda o conteúdo de forma enxuta e sem nenhuma exploração das imagens que acompanham as explicações para o conflito. Não se problematiza a iconografia que é apresentada. Além disso, esta narrativa não aponta direções para que os (as) estudantes possam desenvolver criticidade acerca do que se está aprendendo, o que acaba indo contra a proposta presente na apresentação do manual onde diz que este livro procura “ampliar seu gosto pela leitura, instigar sua curiosidade pelo conhecimento e ajudá-lo a atuar criticamente na sociedade” (BRAICK, 2011).

²⁴ Sugere-se para mais informações acerca do episódio da captura do Marquês de Olinda o trabalho do professor Francisco José Corrêa-Martins intitulado *O fim, o início e o meio: o apresamento do Marquês de Olinda e o cativo dos primeiros prisioneiros de guerra brasileiros a partir das memórias dos sobreviventes*. Disponível em: file:///D:/Downloads/412-Texto%20do%20artigo-1449-1-10-20200604.pdf. Acesso em 10/01/2023 às 10h:03min.

No que diz respeito à forma como o conteúdo está disposto, podemos perceber que este direciona a um aprendizado sobre a Guerra do Paraguai que acabe afirmando a centralidade da interpretação historiográfica brasileira sobre o conflito como a única, pois, em nenhum momento da escrita são abertos parêntese para pelo menos apontar a historiografia das demais nações que estiveram em guerra. No manual, ainda é possível encontrar destaques a heróis nacionais, como é o caso do Duque de Caxias por ter liderado os aliados a partir de 1868. Revelam-se também as perdas das nações beligerantes.

Neste sentido, quanto às perdas referentes à guerra, o texto nos mostra que:

O Paraguai terminou o conflito arrasado, perdendo partes de seu território para Brasil e para a Argentina e com sua população masculina praticamente dizimada. O país ainda foi obrigado a pagar indenizações de guerra, que só foram perdoadas pelo governo brasileiro de 1943, a exemplo do que havia feito o governo argentino. (BRAICK, 2011, p. 259).

Apesar de pontuar que houve perdas humanas e territoriais do lado paraguaio, a autora não apresenta números que possam revelar as dimensões que este conflito teve. Existe, por outro lado, um quantitativo de 50 mil vidas que foram perdidas do lado brasileiro, o que destaca mais uma vez o estigma de centralização da narrativa para a produção nacional. Esta escrita não abre espaço para alunas e alunos questionarem sobre alguns pontos do conflito, por exemplo, sequer menciona-se as batalhas travadas em quase seis anos de embates.

Desse modo, a narrativa didática presente na obra da professora Patrícia Ramos Braick mais parece com um amontoado de informações vagas e incompletas sobre o conflito. Isso, por vezes, pode causar não a compreensão dos fatos, mas sim, uma confusão acerca do que tenha sido esta guerra e como ela ainda gera debate até hoje. O livro é carente de conteúdo e discussões quando abordada a temática Guerra do Paraguai, o que não é bom quando observado que este foi utilizado por três anos consecutivos e que centenas de estudantes tiveram acesso à contenda platina por meio de informações incompletas, o que pode provocar em deduções errôneas ou também infundadas acerca da guerra e de seus participantes, bem como, início, desdobramento e consequências.

Estudar História – Das Origens do Homem à Era Digital – PNLD anos 2017 – 2018 – 2019

Este manual didático (**Figura 10**) está em sua 2ª Edição e foi publicado pela Editora Moderna – São Paulo em 2015 com autoria da professora Patrícia Ramos Braick. Ele está voltado para o componente curricular de História e foi pensado para o triênio – 2017 a 2019 do Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD. O livro é destinado a turmas

de 8º ano do Ensino Fundamental, anos finais. Sua estrutura está composta por doze capítulos. O mesmo apresenta um total de 248 páginas.

Figura 10: – Livro Didático *Estudar História das Origens do Homem à Era Digital 2ª edição*.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Sua estrutura está composta por doze capítulos. O mesmo apresenta um total de 248 páginas. O manual em questão muda somente sua configuração visual, o conteúdo é uma cópia da edição anterior. O que revela que pretende-se com isso produzir um determinado saber sobre este tema. Onde é atribuído ao outro, no caso ao Paraguai a culpa pela eclosão da guerra. Cabendo nesse sentido, ao Brasil em aliança com a Argentina e o Uruguai o papel pacificador e civilizatório.

O saber escolar sobre o conflito platino no ensino médio – obras analisadas

História: Das Cavernas ao Terceiro Milênio (Da Conquista da América ao Século XIX)

O livro das professoras: Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota (**Figura 11**) foi publicado em 2013 pela Editora Moderna, apresenta-se em sua 3ª edição e diz respeito ao componente curricular História para turmas de 2º ano do Ensino Médio. O livro é composto por dezesseis – 16 capítulos com 248 páginas que inicia com a – colonização da América espanhola e termina apresentando o conteúdo voltado para – Os Estados Unidos e a América

Hispânica no pós-independência. Em relação à Guerra do Paraguai, esta surge para discussões no capítulo quinze – 15 dentro do assunto voltado para o governo de D. Pedro II. Este por sua vez está dividido em temas e subtemas. Dentro dos temas tem-se o – Conservador é o mesmo que liberal? Sua majestade, o café – Outras atividades econômicas – Uma sociedade em transformação – Aprenda mais: escravos e libertos no Brasil – Outras histórias: a democratização do retrato – A Guerra do Paraguai – As leis abolicionistas – Trabalhando com fontes: caricaturas e charges no Brasil monárquico – A Proclamação da República e fecha o capítulo com uma atividade. O tema da Guerra do Paraguai aparece entre as páginas 214 e 215, e está dividido em dois subtemas, a saber: O início do conflito e o isolamento do Paraguai, respectivamente.

Figura 11: Livro Didático *História Das Cavernas ao Terceiro Milênio 3ª edição*.



Fonte: Acervo Pessoal Lucas Lima - 2023.

Ao iniciar a apresentação do que as autoras denominam de Guerra do Paraguai, parece ser fundamental realizar um breve panorama da organização estatal da República independente desde 1811. No entanto, o fato de não discorrer acerca da situação dos demais países envolvidos neste conflito, atribui ao Paraguai, pelo jogo discursivo, como o país a ser entendido enquanto organização político-econômica para poder compreender a guerra. Entretanto, as autoras mostram que “o envolvimento do Paraguai, da Argentina e do Brasil nas questões internas do Uruguai, onde blancos e colorados disputam o poder, mudariam os rumos dos paraguaios” (BRAICK; MOTA, 2013, p. 214). O que deve ser analisado para

melhor compreender a historiografia do conflito, todavia, a escrita didática por vezes não acompanha o fazer acadêmico a respeito desse tema.

De acordo com a narrativa presente neste manual, observa-se que teria partido do líder guarani, Francisco Solano López a ofensiva quando ordenou o aprisionamento do navio imperial – Marquês de Olinda. No entanto, deve-se levar em consideração também que o Império do Brasil realizou interferências nas questões internas do Uruguai para apoiar o partido colorado, fato este que provocou a resposta paraguaia frente à situação.

As autoras mostram desse modo, a guerra fora causada pelo Paraguai tendo em vista que:

Em 1864, a esquadra imperial do Brasil bloqueou Montevideú, numa ação que colocou os colorados no poder. Em resposta, Lopez rompeu relações com o Brasil, aprisionou o navio Marquês de Olinda, que navegava o Rio Paraguai em direção à Cuiabá, proibiu a navegação brasileira em águas paraguaias e invadiu a província de Mato Grosso. Era o início da Guerra do Paraguai (BRAICK; MATOS, 2013, p. 214).

Uma vez declarada a guerra, a narrativa factualista e cronológica do manual aponta para em um primeiro momento ao êxito paraguaio em algumas batalhas. Entretanto, a Tríplice Aliança composta por Argentina, Brasil e Uruguai em maio de 1865, pôs fim a investida guarani durante a batalha do Riachuelo em 1865. O avanço aliado persiste em detrimento da defensiva das tropas do Paraguai até 1870 quando em Cerro Corá Solano foi López derrotado, e com isso a guerra chegou ao fim (BRAICK; MATOS, 2013, p. 215).

O manual conclui a explicação do conflito com um breve informativo acerca da situação no pós-guerra do Paraguai. O resultado é que o país derrotado perdeu parte de seu território para os aliados, ao passo que sua população foi reduzida à metade, como destacam as autoras “estima-se que o número de habitantes no país tenha caído de 406 mil, em 1864, para 231 mil, em 1872” acrescenta ainda que “a maioria dos sobreviventes era constituída de idosos, mulheres e crianças” (BRAICK; MATOS, 2013, p. 215).

Apesar de apontar dados sobre o Paraguai no fim da guerra, o mesmo não foi feito com os países da Tríplice Aliança, o que mitiga por uma escrita sem grandes problematizações, o conhecimento da situação desses países no cessar-fogo. Este manual utiliza-se de outros recursos didáticos além do texto escrito para possibilitar frentes discursivas. Na página 215 é empregado um mapa com título – A Guerra do Paraguai onde observa-se a localização territorial dos países em beligerância, bem como aponta algumas batalhas que ocorreram nesta efeméride. No entanto, apesar de instigar a leitura e interpretação deste mapa em uma das questões – 6º questão, proposta na atividade que se

encontra na página 219, a escrita limita os horizontes de aprendizados e discussões ao propor que seja apresentado os ganhos da Argentina e do Brasil com a guerra.

Quer dizer, ao invés de propor frentes interpretativas sobre o conflito como o próprio texto do livro aponta quando diz que:

A Guerra do Paraguai em sido objeto de várias interpretações por parte da historiografia, desde a visão tradicional, glorificação do Exército brasileiro, até a que se disseminou nos partidos e intelectuais de esquerda, para os quais a guerra se resumiu a uma manobra do imperialismo britânico para sufocar o desenvolvimento autônomo da economia paraguaia. (BRAICK, MOTA, 2013, p. 215).

Desse modo, esta narrativa apresenta os quase seis anos de guerra como se estivessem em uma disputa de produção resumida sobre os acontecimentos históricos. Portanto, esta escrita escolar que está centrada em fatos e cronologia, acaba promovendo uma aprendizagem deficitária sobre este acontecimento que fora importante no que tange o nascimento das identidades latino-americanas, bem como a delimitação das fronteiras dos países em conflito.

História: Das Cavernas ao Terceiro Milênio (Da Conquista da América ao Século XIX)

O Livro Didático representado pela **(figura 12)** tem também as professoras Patrícia Ramos Braick e Myriam Bacho. Nesta ocasião, o manual está em sua 4^o edição pela Editora Moderna em 2016 para integrar o PNLD 2017. A obra aqui analisada trata-se do manual do professor, direcionado para turmas de 2^o ano do Ensino Médio. Ao todo, este livro tem 245 e está organizado em doze – 12 capítulos. Nosso conteúdo de interesse é discutido no capítulo 11, que contém vinte e duas – (22) páginas que apresenta temas e subtemas sobre que vai do Período Regencial à Proclamação da República. O assunto Guerra do Paraguai está compreendido nas páginas 203 e 204. Para discussão neste capítulo são levados em consideração dois temas, a saber – Guerra do Paraguai e o Isolamento paraguaio, ambos presentes na mesma página.

Figura12: Livro Didático História *Das Cavernas ao Terceiro Milênio* 4ª edição.



Fonte: Acervo Pessoal Lucas Lima - 2023.

Apesar de estar em uma nova edição, o Livro Didático em questão permanece com uma narrativa que leva em consideração para efeito de culpabilidade, as ações realizadas pelo presidente do Paraguai Francisco Solano López. As autoras modificaram uma parte e outra do texto e o serviram aos estudantes Brasil afora. Esta narrativa assim como a que está presente na edição anterior persiste em difundir a já consagrada premissa de que o outro foi o agente causador do conflito. No sentido de culpabilizar o governo paraguaio pela ação de guerra. O excerto a seguir presente nesta edição mostra a continuidade de uma narrativa ainda alicerçada em uma verdade que se criou a respeito desse conflito.

Em 1864, a esquadra imperial do Brasil bloqueou Montevideú, numa ação que colocou os colorados no poder. Em resposta, Lopez rompeu relações com o Brasil, aprisionou o navio Marquês de Olinda, que navegava o Rio Paraguai em direção à Cuiabá, proibiu a navegação brasileira em águas paraguaias e invadiu a província de Mato Grosso. Era o início da Guerra do Paraguai (BRAICK; MATOS, 2016, p. 203).

Há que se destacar que apesar da repetição do texto, este manual traz uma abordagem que possibilita aos estudantes terem mais informações acerca dos embates. Nas páginas 204 e 205 está contido um mapa que propõe uma melhor visão do cotidiano de guerra, bem como menciona outros agentes no conflito, como é um caso das mulheres, crianças, negros e indígenas. Estão presentes no mapa informações que tangenciam para uma maior reflexão

acerca das vítimas dessa guerra, não somente por ferimentos de balas, espadas, ou qualquer outra arma, mas também, pela situação precária nos campos de batalhas tendo que enfrentar outros “inimigos”: a fome, as doenças, as péssimas condições de habitação nos acampamentos, a inanição. (BRAICK; MATOS, 2016, p. 204-5).

Apesar de ser mais assertivo em propor outras formas para se discutir a contenda Platina enquanto conteúdo didático, como é o caso da abordagem de novos personagens, a narrativa presente no livro ainda permanece vítima da ordem cronológica dos fatos ligada a reprodução repetitiva do conteúdo. Apesar de trazer novidades para as discussões, não as problematizam durante a exposição do tema. Prefere-se adotar o já escrito e repeti-lo como se não houvesse atualizações na escrita histórica sobre a guerra. Portanto, mesmo avançando em alguns pontos, o manual em destaque retrocede no que tange às diferentes visões que se tem desse tema.

Análise comparativa das obras

Os olhares que lançamos ao passado podem ser ceifadores ao ponto de tornar intocado algo que por vezes possa estar na nossa frente. Não podemos ignorar que no meio historiográfico, discussões são geradas sobre os mais variados temas. René Rémond (1988) nos ensina que “é impossível compreender seu tempo para quem ignora todo o passado; ser uma pessoa contemporânea é também ter consciência das heranças, consentidas ou contestadas”. Quando relacionado à Guerra do Paraguai, estas heranças podem ser vítimas de constantes debates percorrendo a esfera acadêmica, produzida por pesquisadores que dedicam tempo e esforço para produzir o que conhecemos sobre este conflito, como também o campo didático. Este por vezes, volta sua produção para o dia a dia em sala de aula com adaptação de uma linguagem mais acessível aos mais variados níveis de escolarização.

Em relação à análise que se fez a respeito do conteúdo escolar Guerra do Paraguai em diferentes livros didáticos, encontrou-se algumas convergências, ao passo que divergências também estão presentes nesses manuais. A narrativa que encontramos no manual do *Araribá Mais História* aponta que o motivo do conflito pode ser entendido a partir das disputas pela região platina, só que, no entanto, foi a partir da invasão do Paraguai ao estado do Mato Grosso, no território brasileiro e, conseqüente o aprisionamento do navio brasileiro *Marquês de Olinda*, motivada por constantes interferências do Império brasileiro no Uruguai que a guerra teria sido iniciada pelo Paraguai (ARARIBÁ, 2018, p. 208). Situação semelhante está presente também no manual da professora Patrícia Ramos Braick (1º edição) que parece

beber da mesma fonte do *Araribá Mais História*. Nesta narrativa, o motivo para a eclosão da guerra está nas intervenções brasileira no Uruguai, o que desagradou o líder do Paraguai a ponto de romper relações com o Brasil e mandar aprisionar a embarcação brasileira que estava em águas paraguaias (BRAICK, 2011, p. 259).

A 2ª edição do livro de Patrícia Ramos segue o mesmo esquema apresentado na primeira edição. O motivo para a eclosão da guerra é o mesmo, haja vista que todo texto é uma cópia do que está na edição anterior. Quer dizer, pareceu muito mais prático trocar uma imagem aqui outra ali e preservar o texto do que ter que realizar uma nova pesquisa com referências atualizadas, nem que seja para acompanhar a historiografia acadêmica sobre este evento. Ora, o que são mais três anos de repetição do mesmo texto frente a décadas de esquecimentos?

No manual *Para Viver Juntos História*, os cinco anos de conflito estão postos em uma página. O motivo presente nesta narrativa para a eclosão da guerra está relacionado às relações políticas locais centradas no domínio da navegação na bacia do Prata. O que para os autores parece ser suficiente no que tange a explicação sobre este conteúdo, torna-se um problema no que tange o processo de Ensino e Aprendizagem sobre o que na visão de alguns autores, foi o maior e mais importante conflito bélico ocorrido na América do Sul.

Quando lançamos aquelas perguntas dispostas na tabela 2, os manuais analisados, em síntese, apresentam quase as mesmas respostas. Em relação à primeira pergunta: como a Guerra do Paraguai está definida nos manuais? Constatou-se que nas narrativas apresentadas, ou pelo menos na maioria delas, tal guerra é definida como um conflito motivado pelas ações impensadas do líder paraguaio Francisco Solano López quando do aprisionamento do navio brasileiro. O que nos leva à segunda questão no que tange ao entendimento sobre o assunto. De modo brando, as narrativas cumprem ao que se propõe apresentar, o que fazem de forma resumida e com lacunas que precisam ser preenchidas.

Reitera-se que o conteúdo satisfaz aquilo que trazem para discussão. Os textos analisados são minimamente compreensivos. Quando direcionado para a possibilidade de formação crítica, às narrativas ficam aquém daquilo previsto pela Base Nacional Comum Curricular. Se a Base diz que o processo de aprendizagem deve estar pautado pelo conhecimento de um fenômeno ao passo que possibilite o entendimento sob outras visões, os livros aqui adotados em sua maioria não possibilitam o contato, por exemplo, com a visão Paraguaia da guerra.

Quanto aos recursos didáticos utilizados para promover uma apresentação do conteúdo, apesar de nos livros analisados existirem imagens, mapas e pinturas que retratam a

guerra ou em parte, o cotidiano durante ela, pouco se exploram estes recursos. Quer dizer, eles estão ali, acredito que para serem explorados, o que não ocorre em todas as obras, com exceção daquelas direcionadas para o Ensino Médio que possibilita caminhos para se utilizar outras fontes na aprendizagem histórica.

Quando presente nas páginas, estas imagens são acompanhadas de suas legendas que fazem uma breve descrição de cada uma. Nada mais que isso é explorado. Não se percebe a guerra por meio da fotografia, ou seja, poder que recurso imagético tem para discutir os acontecimentos não é explorado. Perde-se espaço na construção do conteúdo ao passo que não se permite que as imagens tenham vozes no processo de assimilação e compreensão do passado.

Uma situação que foi constatada em todos os livros analisados é o fato de não ser apresentado e discutido nenhuma batalha travada durante os mais de cinco anos de guerra. Situação que chega mais perto disso ocorre na 4ª edição do livro de Patrícia Braick e Myriam Mota, quando analisa-se a imagem no quadro de atividades no final do capítulo. Apesar de em alguns manuais, a exemplo do *Para Viver Juntos História e História: Das cavernas ao terceiro milênio* apresentarem a Batalha do Riachuelo (1865), não se propõe uma análise e discussão dela para o caminhar da guerra haja vista sua importância para a retomada do controle da guerra pelos aliados. Atrelado à questão da presença, mas não uso das imagens para explicar o conteúdo, está também à falta de indicação bibliográfica em todos os manuais analisados. Não apresenta-se os principais autores que serviram de base para essa construção, com exceção da presença dos historiadores brasileiros Francisco Doratioto e Ricardo Salles.

A última pergunta tida como parâmetro para as análises é direcionada às consequências do fim da guerra. Nos livros analisados, as narrativas procuram mostrar a situação da população paraguaia, uma vez que ela foi de acordo com os manuais, “praticamente dizimada”. Os dados sobre a população brasileira encontram certa divergência. Para o *Araribá Mais História*, do Brasil “cerca de quarenta mil soldados morreram em combate” (ARARIBA, 2018, p. 209). Já para o livro: *Estudar História – das origens do homem à Era digital* “estima-se que cerca de 50 mil brasileiros tenham morrido na guerra” (BRAICK, 2011, p. 219). Esses dados nos mostram que o conteúdo passou seis anos consecutivos sendo ensinado seguindo o manual didático que não sofreu alterações. As duas edições do livro de Patrícia Ramos Braick trazem o conteúdo da mesma forma, uma cópia do que foi ensinado. Isso prejudica o aprendizado sobre este assunto.

Em relação aos demais livros analisados, a situação se repete. O foco é, de acordo com as narrativas, procurar atribuir culpa ao Paraguai quanto à guerra. Mitiga-se o conhecimento

sobre capítulos desse conflito que permanece refém do silêncio didático. Tentando quebrar essa factualidade histórica, a 4ª edição do livro das autoras Braick e Myriam destacam que durante a batalha de Acosta Ñu em 1869, mais de três mil crianças foram mortas pelas mãos dos aliados.

Portanto, tem-se que em vista do que foi apresentado, as narrativas didáticas presentes nesses manuais estão apresentando de forma esdrúxula o conteúdo sobre a guerra do Paraguai. Aqui salienta-se o que disseram Ferreira e Barbosa (2018) quando discutido o tema em caráter escolar, pois, “os conteúdos atuais inseridos nos livros didáticos sobre a Guerra do Paraguai não mais correspondem em, parte, a veracidade dos fatos, necessitando assim, o mais breve possível, de (re)visionamento” (FERREIRA; BARBOSA, 2018, p. 14). Não teve evolução que se destacasse no que diz respeito à forma como se vê o conflito platino pela ótica didática. O espaço onde deveria possibilitar os caminhos para um crescimento escolar e humano mais crítico disposto a agir em sociedade, está criando ferramentas para o governo. Não é cedido campo para que os estudantes possam ser partes envolvidas diretamente no processo de escolarização. O que se tira disso é que a narrativa escolar sobre a guerra do Paraguai presente nos manuais, contribuem para que o velho discurso do eu e do outro permaneça circunscrito ao evento. É mais interessante manter a ótica brasileira que atribui culpa ao “megalômano” ditador Francisco Solano López ao início da guerra, que procurar reconhecer a parcela de culpa quando das investidas no Uruguai e o expansionismo imperial brasileiro na região platina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em algumas ocasiões o fim pode não vir sucedido de um ponto final, isso é o que objetiva-se no campo da pesquisa, afinal de contas, novos conhecimentos desabrocham a cada primavera. Assim também deve ser com a construção dos saberes escolares que contribuem para a formação de estudantes, nas mais variadas idades. Nesta monografia apresentou-se em uma perspectiva didática, algumas nuances que circunscrevem um importante evento bélico ocorrido na América do Sul em que o Brasil participou. A Guerra do Paraguai, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, ou ainda a Guerra Guasú – 1864 – 1870.

Por meio da presente pesquisa torna-se possível a construção de diálogos entre historiografia acadêmica e escrita escolar, atentando para as questões que possibilitam a identificação de lacunas no que diz respeito aos processos de aprendizagens sobre a Guerra do Paraguai. Em vista do que é exposto sobre o tema em tela, através de cada seguimento e com suas respectivas metodologias de análises que do pesquisador são cobradas, percebeu-se que as narrativas históricas e escolares constroem suas visões dos mais variados temas.

Nesta pesquisa, pode-se observar que quando direcionada ao conhecimento escolar Guerra do Paraguai, a historiografia didática do século XXI apresenta ainda desafios no que tange um processo de exposição do tema que possa favorecer a uma maior compreensão das nuances que envolvem a temática. Os livros aqui analisados apesar de trazerem o assunto, são ainda “incompletos” haja vista que os olhares de quem os escreveram são diferentes, mesmo apontando semelhanças na escrita. Por vezes os fatos recebem diferentes interpretações, como exposto durante este trabalho.

Percebeu-se aqui também, a existência de lacunas entre o esperado e o aplicado em sala de aula, mesmo sabendo que não tem como os professores ou os livros didáticos dar de conta de tudo que é produzido pelos pesquisadores em história. Há que se destacar, no entanto, que uma vez tendo os livros didáticos como o suporte de maior presença no ambiente escolar para tecer discussões acerca do passado, é esperado que estes possam minimamente possibilitar que a partir deles, seja possível tecer discussões que possam abrir novas possibilidades de entendimento sobre os acontecimentos.

Além disso, por ocasião, evidenciou-se que estes recursos contribuem para além da “transmissão” do saber escolar, eles quando seguidores dos preceitos políticos de seu tempo servem também como ferramenta de manipulação ideológica, ou ainda, de omissão a respeito das representações que se fazem do passado.

A discussão que se realizou a respeito dos livros didáticos como ferramenta de destaque no Ensino de História, possibilitou a compreensão dos percalços enfrentados por professores e professoras ao longo da escolarização. Assim, a temática Guerra do Paraguai passou e ainda passa por diferentes visões, haja vista que no tocante aos manuais didáticos, vários são os agentes envolvidos, desde o processo de elaboração ao uso em sala de aula. O mercado editorial em consonância com o Governo Federal são os grandes difusores dessa ferramenta. O que implica em interesses que são inseridos no saber didático, e promove dessa forma a construção de um conhecimento específico sobre os assuntos, como observou-se nos livros didáticos da professora Patrícia Ramos Braick em que houve uma replicação do conteúdo mudando apenas o visual.

É nesse contexto em que apresentou-se as narrativas didáticas que se construíram a respeito do conflito platino ao longo da última década. Para além das explicações pautadas pela escrita histórica, considerou-se o saber escolar como agente formativo no que tange a construção das capacidades individuais e coletivas dos sujeitos em processo de formação. Pretendendo dessa forma, compreender como estas discussões contribuem para a construção de indivíduos críticos e participativos em sociedade.

Desse modo, tendo em vista as análises aqui realizadas, considera-se que o aprendizado a respeito da temática Guerra do Paraguai presente nas escolas de Nazarezinho, Paraíba durante o tempo aqui delimitado, em sua maioria, seguiu o tradicional modelo de representação que gira em torno do assunto. Apesar de alguns manuais entre os analisados trazerem novos sujeitos para o campo das discussões, o que se observou no plano geral, é que a Historiografia didática está perpetuando ainda o antigo discurso que vitima o Brasil a respeito da “agressão” paraguaia.

Não espera-se com isso, ter uma revolução no que concerne a forma como se reproduz o saber escolar ligado ao tema. Só que, no entanto, é necessário que mudanças sejam realizadas, e estas podem ser feitas no dia a dia das salas de aula. Se o professor (a) é no ambiente escolar a figura pela qual os (as) estudantes depositam confiança no que concerne aos conhecimentos sobre o passado, ele (ela) deve uma vez dotado de capacidades conduzir o alunado à produção de novas reflexões sobre o tema. Portanto, saber lidar com uma história lacunar, reconhecendo que esta pode por meio das dúvidas que ela desencadeia, é compreender que novas possibilidades de questionamentos e problematizações importantes surgem no campo do ensino.

REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. Ensino de História e Base Nacional Comum Curricular: Desafios, Incertezas e Possibilidades. In: JUNIOR, Halfred Carlos. VALÉRIO, Mairon Escorsi. **Ensino de História e Currículo: Reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular, Formação de Professores e Prática de Ensino**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

AFONSO, Bruna Reis. **Os livros didáticos produzidos durante a Ditadura Militar brasileira e a Ditadura de Stroessner no Paraguai: o ensino de história e as versões da Guerra do Paraguai (1959- 1983)**. Dissertação em História. PPGH - UFMG, 2017.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; FERREIRA Andrea Tereza Brito. **Programa nacional do livro didático (PNLD): mudanças nos livros de alfabetização e os usos que os professores fazem desse recurso em sala de aula**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.27, n.103, p. 250-270, abr./jun. 2019.

ARAUJO, Cleberson Vieira de. **A Grande Guerra da América do Sul nos livros didáticos brasileiros: Alguns destaques**. I Simposio Interinstitucional de Investigación Científica en la Educación. Assunção – Paraguai, 2017.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes in: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. et al.. **O Saber Histórico na Sala de Aula**. 2 ed. São Paulo, Contexto, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2º. ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. PNLD 2020: história – guia de livros didáticos/ Ministério da Educação – Secretaria de Educação Básica – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2022.

CAIMI, Flávia Eloisa; TEIXEIRA, Fabiano Barcellos. **O Passado é Imprevisível! Controvérsias Historiográficas Acerca da Guerra do Paraguai do Livro Didático de História (1910-2010)**. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 6, n. 3, dez., 2013.

COLLING, Ana Maria. **As chinas gaúchas: a invisibilidade do feminino na Guerra do Paraguai**. In: Encontro Estadual de História ANPUH/RS, XII, 2014. São Leopoldo/RS. Anais do XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS. Disponível em: >1405373398_ARQUIVO_Textoanpuhrs.pdf (anpuh-rs.org.br)>. Acesso em: 18/jan./2023.

COSTA, Eliezer Raimundo de Souza. **Saber acadêmico e saber escolar: História do Brasil, da historiografia à sala de aula na primeira metade do século XX**. Belo Horizonte Universidade Federal de Minas Gerais UFMG - Faculdade de Educação. Outubro, 2008.

DOMINGUINI, Lucas. **Fatores que evidenciam a necessidade de debates sobre o livro didático**. V Congresso Internacional de Filosofia e Educação – V CINFE. Caxias do Sul – RS – Brasil, 2010.

DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. **Maldita Guerra: nova História sobre a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco. **A Guerra do Paraguai**. In: **MAGNOLI, Demétrio. História das Guerras**. 3°. Ed. 1° reimpressão, São Paulo: Contexto. 2007.

FALCON, Francisco. **História e Poder**. In: **Novos Domínios da História**. Ronaldo Vainfas & Ciro Flamarion Cardoso. Elsevier. Campus. Rio de Janeiro. 2011.

FERNANDES, António Horta. **O que É a Guerra. A Falácia do Conceito de Guerra Híbrida — Breve Excurso**. Revista Nação e Defesa. Lisboa – dez 2021.

FERREIRA, Luiz Paulo. BARBOSA, Eva Faustino da Fonseca de Moura. **A Guerra do Paraguai nos livros didáticos e o resgate da história**. In: ESSELIN, Paulo Marcos.

JÚNIOR, Carlos Martins. **A retirada da laguna e a Guerra da tríplice aliança contra o Paraguai**. Porto Alegre – RS. 2018 – p. 379-392.

FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. Tradução Wladimir Araujo. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1983.

FREITAS, Camila Corrêa de. **As Representações da Catequese Jesuítica Nos Livros do PNLD: Abordagens do Passado Colonial e Possibilidades de Aprendizagem Histórica**. Revista Escritas do Tempo – v. 2, n. 6, out-dez/2020 – p. 36-57.

GARCIA, Gabriel Ignácio. **A Guerra do Paraguai em Diferentes Interpretações**. Cadernos de Clio, Curitiba, n.º 5, 2014.

GOMES, Marcelo Augusto Moraes. **Espuma das Províncias: um estudo sobre os Inválidos da Pátria e sobre o Asilo dos Inválidos da Pátria, na Corte (1864- 1930)**. Universidade de São Paulo, 2006.

IBGE. Paraíba – Brasil - Nazarezinho – PB. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/nazarezinho/panorama>>. Acessado em 02 de fevereiro de 2023 as 21:00h.

JARDIM, Wagner Cardoso. **Versão Oficial: A Guerra do Paraguai em livros didáticos no Brasil**. Missões – Revista de Ciências Humanas e Sociais. Vol. 2. N. 2, set-dez. 2016.

LAUX, Paola Natalia. **Mulheres e Guerra: um estudo de caso a partir do arsenal de guerra de Porto Alegre durante a guerra da tríplice aliança contra o Paraguai**. Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF – ISSN 1677-1001 V. 19, N. 2, p. 117-140, Mai/Ago 2020.

MAESTRI, Mário. **Por uma historiografia dos povos sobre a Guerra da tríplice aliança contra a República do Paraguai**. Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF. V. 19, N. 2, p. 117-140, Mai/Ago 2020.

MAGNOLI, Demétrio. **História das Guerras**. 3°. Ed. 1° reimpressão, São Paulo: Contexto. 2007.

MARQUES, Adriana Vargas. **Um exército invisível: a participação de indígenas na Guerra do Paraguai**. Revista Acadêmica. N° 10 – ago./set/out.nov. Departamento de

Ciências Sociais – Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá – Paraná – Brasil. Disponível em: - <http://www.urutagua.uem.br/010/10marques.htm>.

MATOS, Júlia Silveira. **Os livros didáticos como produtos para o ensino de História: uma análise do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD**. *Historiæ*, Rio Grande, 3 (3): 165-184, 2012.

MAZZI, Lucas Carato. AMARAL-SCHIO Rúbia Barcelos. **Uma trajetória histórica dos livros didáticos: um foco nas políticas públicas implementadas nos séculos XX e XXI**. *Intermaths*. Vol. 2, N. 1, Jan - Jun 2021, p. 88 – 105.

MIRANDA, Sonha Regina, LUCA, Tania Regina de. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 24, nº 48, p.123-144 – 2004.

MONTAVANI, Katia Paulilo. **O Programa Nacional do Livro Didático – PNLD Impactos na qualidade do ensino público**. Dissertação de Mestrado – USP- São Paulo, 2009.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo Livros Didáticos e Paradidáticos**. 1997. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

NETO, José Batista, SALLES, André Mendes. **Conhecimento escolar sobre a Guerra do Paraguai: construção de significados e identidades, no Brasil e no Paraguai, no século XXI**. *Revista História Hoje*, v. 9, nº 17, p. 110-136 – 2020.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; FREITAS, Itamar. **Historiografia didática e prescrições estatais sobre conteúdos históricos em nível nacional (1938-2012)**. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 6, nº. 3, dez., 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4807289>. Acessado em 19/01/2023.

PEDRO, Vanessa Lehmkuhl. **Morte e liberdade na guerra do outro: Os negros em narrativas sobre a Guerra do Paraguai**. Dissertação de Mestrado, programa de pós-graduação em literatura - UFCS. Florianópolis, 2001.

PEREIRA, Nilton Mullet; RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. Ensino de História e Passado Prático: notas sobre a BNCC. In: **Ensino de História e Currículo: reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular, formação de professores e prática de ensino**. Organização Alfredo Carlos Ribeiro Júnior e Mairon Escorsi Valério – Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

PIRES JUNIOR, Arnaldo Lucas. **Guerra do Paraguai: uma barbárie pela civilização**. *Revista Estudos Políticos: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF)*. Rio de Janeiro, nº 8, pp. 94 – 116, Janeiro 2017. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com>.

POMER, Leon. **Paraguai: nossa guerra contra esse soldado**. 2º ed. São Paulo: Global, 1982.

QUINTEROS, Marcela Cristina. **A Guerra Guasu na construção da identidade nacional no Paraguai**. Diálogos, Maringá-PR, Brasil, v. 24, n. 3, p. 178-197, set./dez. 2020.

RÉMOND, René. **Introdução à História do nosso tempo**. Lisboa: Gradiva, 1988.

SALLES, André Medes. **A Guerra do Paraguai na historiografia brasileira: algumas considerações**. Cadernos de Aplicação. Porto Alegre, jan.-dez. 2014/2015. V. 27/28, p. 29-41.

SALLES, André Mendes. **A Guerra da Tríplice Aliança como conhecimento escolar no Paraguai: narrativas históricas centradas em personagens (1897-2009)**. História Unisinos. Vol. 23 N° 3 - set/dez de 2019.

SALLES, André Mendes. **A Guerra do Paraguai na literatura escolar**. Em Tempo de Histórias. N° 21, Brasília, Ago. – Dez. 2012.

SALLES, André Mendes. **Livros didáticos de história no Brasil e no Paraguai: a construção de sabres da história**. Rev. hist. comp. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 220-257, 2020.

SANSÓN CORBO, Tomás. **Identidad y alteridade en los manuales de historia rio-platenses. Las representaciones de Paraguay**. Diálogos, v. 15, n. 1, Maringá, p. 41-63, 2011.

SARMENTO Simone, BATISTTI Juliana. **Programa Nacional do Livro Didático PNLD Campo: até que enfim!**. Educação em Foco, ano 19 - n. 27 - jan./abr. 2016 - p. 45-72.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula**. In: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. 2° ed. São Paulo: Contexto, 1998.

SILVA, Ivan Bilheiro Dias, PAULA, José Luiz Oliveira de. **Historiografia patriótica: a “versão tradicional” da Guerra do Paraguai e seus desdobramentos a serviço de um patriotismo militar brasileiro**. CES Revista, v. 25, Juiz de Fora. 2011.

SILVA, Marco Antônio da, FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 31, n° 60, p. 13-33 – 2010.

SILVA, Marcos Antônio. **A Fetichização do Livro Didático no Brasil**. Educ. Real. Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acessado em: 03/11/22 às 21h58min.

SQUINELO, Ana Paula. **150 anos da Guerra do Paraguai: olhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai**. Diálogos (Maringá. Online), v. 19, n.3, p. 921-927, set.-dez./2015.

SQUINELO, Ana Paula. **Nesta “efeméride” o que temos a comemorar? O ensino de História e a Guerra do Paraguai 150 anos depois - análise da Coleção Didática Projeto Radix: História (PNLD 2014)**. Historiæ, Rio Grande, 5 (1): 262-295, 2014.

SQUINELO, Ana Paula. **O que as narrativas didáticas de história contam sobre a Guerra Guasu 150 anos depois? Mulheres, crianças, negros e indígenas em uma mirada comparada: Brasil, Paraguai e Uruguai.** Diálogos, Maringá-PR, Brasil, v. 24, n. 3, p. 242-264, set./dez. 2020.

SQUINELO, Ana Paula. Revisões historiográficas: **A Guerra do Paraguai nos livros didáticos brasileiros – PNL D 2011.** Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol. 15, núm. 1, jan-abr, 2011, pp. 19-39 Universidade Estadual de Maringá, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305525027002>.

TEIXEIRA, Fabiano Barcellos. **Os 150 anos de uma historiografia em conflito (1870-2020).** Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF – V. 19, N. 2, p. 9 - 20, Mai/Ago 2020.

VERCEZE, R. M. A. N. .; SILVINO, E. F. M. . **O livro didático e suas implicações na prática do professor nas escolas públicas de Guajará-mirim.** Práxis Educacional, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 83-102, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/562>. Acesso em: 2 fev. 2023.

Obras analisadas

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania.** 2º ano. 2º ed – São Paulo: FTD, 2016.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História sociedade & cidadania.** 8º ano. 4º ed – São Paulo: FTD, 2018.

BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar História – Das Origens do Homem a Era Digital.** 1 ed. Moderna. São Paulo, 2011.

BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar História – Das Origens do Homem a Era Digital.** 2 ed. Moderna. São Paulo, 2015.

MODERNA. **Araribá mais história.** 1. ed. - São Paulo: Moderna, 2018.

REIS, Anderson Roberti dos, MOTOOKA, Débora Yumi. **Para Viver Juntos História.** 8º ano. 1 ed. São Paulo: SM, 2009.

BRAICK, Patrícia Ramos. MOTA, Myriam Becho. **História: das cavernas ao terceiro milênio** – da conquista da América ao século XIX. 2º ANO. 3º ed. São Paulo: Moderna, 2013.

BRAICK, Patrícia Ramos. MOTA, Myriam Becho. **História: das cavernas ao terceiro milênio** – da conquista da América ao século XIX. 2º ANO. 4º ed. São Paulo: Moderna, 2016.